

Agradecimentos

Este trabalho nunca estaria concluído sem prestar os meus mais sinceros agradecimentos a várias pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para a sua realização.

Ao Professor Doutor Michael Mathias, orientador da presente dissertação, pela sua paciência e capacidade de transmissão de conhecimentos.

A Professora Doutora Cláudia Beato quero agradecer toda a disponibilidade e paciência revelada ao longo do período de elaboração desta tese.

Ao incansável apoio e dedicação dos professores, que desempenharam um importante papel, à atenção dispensada e à revisão do trabalho com todas as sugestões e indicações para a sua melhoria.

Ao Departamento de Arquitectura e Engenharia Civil da UBI da Covilhã por toda a aprendizagem e formação prestada, que muito contribuiu para o desenvolvimento do presente trabalho.

A cidade e os amigos ERASMUS de Tomar pela fantástica e irrepetível experiência de vida.

Aos meus amigos e aos meus colegas por toda a amizade e apoio, àqueles que estiveram sempre presentes ao longo da vida, tanto nos bons como nos maus momentos.

À Raquel, que me entusiasmou com o seu carinho e amor neste último período.

E por último, quero agradecer aos meus pais, aos meus irmãos e a minha irmã por todo o apoio e incentivo ao longo da minha vida.

Ai miei genitori che mi hanno permesso concludere questo cammino, sempre incentivandomi e incoraggiandomi nelle mie iniziative e i miei desideri, in Italia come in Portogallo.

RESUMO

Actualmente na Europa verifica-se a existência de diferentes realidades e metodologias de planificação urbanística. Dentro deste contexto, tanto Portugal como Itália, distinguem-se pela diversidade de património urbano, que permite dar forma e consistência à “imagem das cidades”.

No âmbito desta matéria existem as políticas urbanísticas das cidades europeias como instrumentos, que permitem estudar o desenvolvimento dos ambientes urbanos.

Através dos recentes instrumentos de análise geográfica (PDM, Elementos cartográficos, etc.) e dos antigos e eficientes instrumentos de política de ordenamento do território (PGU, POT, etc.), foi efectuada uma análise comparativa entre uma cidade portuguesa (Covilhã) e uma italiana (Matera). Este estudo apresenta algum interesse, uma vez que se está a comparar duas cidades que se encontram afastadas no espaço, mas próximas do ponto de vista do percurso evolutivo de criação de ambientes urbanos.

Pretende-se ainda com este trabalho, desenvolver sistemas de planeamento sustentáveis, que permitem preservar os ambientes históricos e tradicionais destas cidades.

Este trabalho está organizado em duas partes.

A primeira inclui uma abordagem ao conhecimento e descrição do ambiente urbano das cidades de Matera (Itália) e Covilhã (Portugal), analisando a história e a evolução dos lugares, assim como os acontecimentos sócio-económicos que levarão as duas cidades a ter uma identidade cultural, um património arquitectónico, uma riqueza histórica e um ambiente natural único e importante no panorama nacional e europeu.

Na segunda parte do trabalho faz-se uma descrição dos dois bairros mais significativos e representativo de ambas as cidades, Bairro *La Martella e Spine Bianche* em Matera e Bairro do Rodrigo e da Estação na Covilhã. São analisados e apresentados de uma forma metódica e sintética, os diversos elementos morfo-tipológicos e de teor urbano, que compõem e afectam a qualidade urbanística dos lugares, das áreas residenciais e do bairros. Neste trabalho propõe-se efectuar um estudo comparativo entre os diferentes bairros, observando o desenvolvimento da habitação e analisa-la segundo diferentes pontos de vista, tais como, aspectos logísticos, distâncias e posicionamento dos bairros e ainda as condições sócio-económicas da década de 50.

Cada um dos níveis de evolução física e sociológica (Zona Urbana, Espaços públicos, Arquitectura e Actividade, Centro Histórico, Imagem urbana, Edifícios e Fogos, Construção) foi dividido em diferentes capítulos, apresentando em cada um deles, uma breve descrição dos

respectivos níveis. Estas caracterizações constituem um suporte de apoio para a análise da requalificação e valorização urbana à escala da cidade, dos bairros e dos conjuntos habitacionais.

ABSTRACT

In Europe currently there's the existence of different realities and methodologies about urban planning. Within this context both Portugal and Italy distinguish themselves by their diversity of urban heritage, which allows the "image of this cities" to gain shape and consistency.

In this scope of work are the European cities urban policies who serve as instruments allowing the study of the urban environment development.

Through the use of the recent tools of geographical analysis (PDM, cartographic elements, etc...) and the old and efficient tools of spatial planning policies (PGU, POT, etc...), a comparison was made between a Portuguese city (Covilhã) and an Italian one (Matera). This study presents some interest, as we compare two cities distant in space but close as the point of view of urban environment evolutionary creation is considered.

It is also the goal of this paper, to develop sustainable planning systems which could preserve the historical and traditional environment of these cities.

This paper is organized in two parts.

The first part includes an introduction to the knowledge and description of the urban environment of the cities of Matera (Italy) and Covilhã (Portugal), analyzing the history and evolution of the cities, as well as socio - economic events which will take the two cities to have a cultural identity, an architectural heritage, an historical abundance and an important natural environment unique at the national and European scene.

The second part of the paper is about the description of the two main and most significant district of the cities, district of *La Martella* and *Spine Bianche* in Matera and Rodrigo and Estação in Covilhã. In this study and comparison it is proposed to observe the development of the housing and analyse it from the logistical point of view, the distance and positioning of the districts, as well as the socio economic conditions of the decade of the 50's. There's still a methodic and synthetic analysis and presentation of the various morpho-tipologic and urban elements, which are part of and affect the urban quality of the cities, of the residential areas and of their districts.

Each one of the physical and sociological development level (Urban Periphery, Public Space, Architecture and Activity, Historical Center, Urban Image, Buildings and Construction) was divided into chapters, where a characterization of the topic was made, creating that way a support

for the analysis of the urban requalification and valorization of the city, of its residential areas and its districts.

INDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	IV
ÍNDICE GERAL.....	VI
ÍNDICE TEXTO.....	VI
ÍNDICE FIGURAS.....	IX
ÍNDICE ANEXOS.....	XVII

PARTE I

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE URBANO DAS CIDADES DE MATERA (ITÁLIA) E COVILHÃ (PORTUGAL) : HISTORIA E A EVOLUÇÃO

1. CASO DE ESTÚDIO MATERA.....	2
1.1 INTRODUÇÃO.....	2
1.2 TERRITÓRIO E CLIMA.....	4
1.3 A PRESENÇA HUMANA NA HISTORIA.....	7
1.4 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	9
1.5 MATERA: VISITA A UMA CIDADE PARTICULAR.....	10
1.6 AS QUALIDADES DE MATERA ANTIGA.....	11
1.7 OS SASSI DE MATERA.....	14
1.7.1 O SASSO CAVEOSO.....	16
1.7.2 O SASSO BARISANO.....	16
1.8 ACTIVIDADES E SERVIÇOS.....	19
1.9 MODELOS DE TUTELA E GESTÃO ADOPTADOS.....	21
1.10 SUSTENTABILIDADE URBANÍSTICO - ECONÓMICO - FINANCEIRA.....	24
1.11 CONCLUSÕES.....	27

2. CASO DE ESTÚDIO COVILHÃ.....	28
2.1 INTRODUÇÃO	28
2.2 TERRITÓRIO E CLIMA.....	29
2.3 A PRESENÇA HUMANA NA HISTORIA.....	32
2.4 A ROMANIZAÇÃO E A CALÇADA ROMANA DA COVILHÃ.....	35
2.5 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	37
2.6 COVILHÃ, UMA PORTA PARA A ESTRELA.....	42
2.7 CONTEXTO HISTÓRICO -SOCIAL DE PORTUGAL DA DÉCADA DE 60.....	43
2.8 PATRIMÓNIO HISTÓRICO URBANO.....	44
2.8.1 RUA DO GINÁSIO CLUBE (ANTIGA RUA DA BASTA).....	52
2.8.2 RUA DAS FLORES.....	54
2.8.3 LARGO DA ALEGRIA.....	55
2.8.4 RUA DA ALEGRIA.....	55
2.9 ANALISE URBANÍSTICA - SÓCIO - ECONÓMICA DA CIDADE.....	59
2.10 ATENUAR MALFEITORIAS, PRESERVAR A IDENTIDADE, CONSOLIDAR O TECIDO URBANO.....	64
2.11 SÍNTESE DA EVOLUÇÃO URBANA DA COVILHÃ.....	65
2.12 CONCLUSÕES.....	68

PARTE II

BAIRROS PRINCIPAIS E MAIS SIGNIFICATIVOS DAS CIDADES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E COMPARAÇÃO

1. OS BAIRROS SOCIAIS DE MATERA.....	72
1.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E HISTORIA.....	73
1.2 BAIRRO RURAL LA MARTELLA, CENTRO URBANÍSTICO - SOCIAL.....	76
1.2.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO.....	78
1.2.2 ESQUEMA PLANIMETRICO.....	79
1.2.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS.....	80
1.2.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS.....	83
1.3 O BAIRRO SPINE BIANCHE, REPRESENTATIVIDADE DE QUARTIERE.....	87
1.3.1 ESQUEMA PLANIMETRICO.....	88

1.3.2 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS	91
1.3.3 ACTIVIDADE E SERVIÇOS.....	92
2. OS BAIROS SOCIAIS DA COVILHÃ.....	95
2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E HISTORIA.....	95
2.2 BAIRRO DO RODRIGO.....	100
2.2.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO.....	101
2.2.2 ESQUEMA PLANIMETRICO.....	105
2.2.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS.....	106
2.2.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS.....	108
2.3 BAIRRO DA ESTAÇÃO.....	110
2.3.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO.....	111
2.3.2 ESQUEMA PLANIMETRICO.....	113
2.3.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS.....	115
2.3.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS.....	117
3. ANALISE E ENUMERAÇÃO DOS BAIROS DAS CIDADES DE COVILHÃ E MATERA.....	120
3.1 POSICIONAMENTO E DISTANCIAS.....	121
3.2 CARACTERÍSTICAS E COMPARAÇÃO.....	123
3.3 NOTAS FINAIS.....	127

ÍNDICE FIGURAS

PARTE I

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE URBANO DAS CIDADES DE MATERA (ITÁLIA) E COVILHÃ (PORTUGAL) : HISTORIA E A EVOLUÇÃO

Figura 1 - Vista panorâmica da cidade de Matera	1
Figura 2 - Vista panorâmica da cidade de Covilhã	1
Figura 3 - Esboço da cidade de Matera.....	2
Figura 4 - Localização de Matera	4
Figura 5 - Imagem Localização Basilicata.....	6
Figura 6 - Grutas e Habitações Paleolíticas	7
Figura 7 - Planimetria dos Sassi, em Azul a ribeira Gravina a 290 metros a cima do nível do.....	9
Figura 8 - Matera Antiga (Fonte: www.meetupstatic.com).....	11
Figura 9 - Duomo de Matera construído em 1270 em estilo Romano-Pugliese	12
Figura 10 - Igreja S. Maria de Idris, XIV-XV século	13
Figura 11 - San Giovanni in Monterrone, X século	13
Figura 12 - Análise e geometria de uma habitação dos <i>sassi</i>	15
Figura 13 - <i>Sasso Caveoso</i> e as grutas <i>Tamponata</i>	16
Figura 14 - <i>Sasso Barisano</i>	17
Figura 15 - Museu Nacional de Arte Medieval e Moderna da Basilicata, Palácio Lanfranchi, XVII século	19
Figura 16 - Conservatorio Musicale Duni matera.....	19

Figura 17 - Projecto do Arquitecto Renzo Piano para a recuperação de uma parte dos <i>Sassi</i> , ao redor da igreja de <i>San Pietro Barisano</i> , O projecto, não realizado, prevê serviços para habitações, restauração, pontos de convívio. A finalidade é intentar devolver o contacto humano coma s pessoas. O projecto é do 1986. Fonte www.sassiweb.com	21
Figura 18 - Percursos Turísticos	23
Figura 19 - Habitação requalificada por fins comerciais	24
Figura 20 - Interior de uma habitação Restaurada.	25
Figura 21 - Recupero de um local comercial por fins de comerciais.....	25
Figura 22 - Os Sassi, Patrimonio UNESCO (World Heritage List-1993).	26
Figura 23 - Recuperação de um interior de um quarto de um Hotel.....	26
Figura 24 - Esboços da Covilhã	28
Figura 25 - Localização da Covilhã	29
Figura 26 - Vegetação da Serra da Estrela.....	30
Figura 27 - Território da Serra da Estrela	31
Figura 28 - Muralhas medieval das Portas do Sol.	32
Figura 29 - edifícios construídos ao pé das muralhas	32
Figura 30 - Vista da Covilha	33
Figura 31 - Percurso As duas ribeiras que descem da Serra da Estrela	34
Figura 32 - ribeira da Carpinteira.....	34
Figura 33 - Calçada romana, actual rua Mateus Fernandes.	35
Figura 34 - Antiga pavimentação actualmente coberta de alcatrão.	35
Figura 35 - Torreão octogonal do antigo castelo	41
Figura 36 - Torre Serra da Estrela, 1993 metros de altitude.	42

Figura 37 - Igreja de N ^a S ^a da Conceição século XIII.....	45
Figura 38 - A Igreja da Misericórdia, século XVII.....	45
Figura 39 - capela S. Martinho XII.....	45
Figura 40 - Capela do Calvário XII	45
Figura 41 - Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fabrica de Panos	46
Figura 42 - Cisterna Medieval, século XVI.....	46
Figura 43 - Edifícios do Cineteatro, anos cinquenta.....	47
Figura 44 - muralhas da cidade	47
Figura 45 - Antiga Real Fabrica de Panos, actual Museu de Lanifícios e Universidade da Beira Interior. Fonte ILFOTO	48
Figura 46 - Antiga Praça do município ou do Pelourinho. Fonte ILFOTO.....	49
Figura 47- Rua ginásio club	51
Figura 48 - Rua Das Flores	51
Figura 49 - Beco da Alegria.....	51
Figura 50 - Largo da Alegria.....	51
Figura 51 - Rua do Ginásio Clube n° 29.....	53
Figura 52 - Rua do Ginásio Clube n° 30.....	53
Figura 53 - Rua do Ginásio Clube n° 32.....	53
Figura 54 - Rua das Flores n° 29	55
Figura 55 - Janela com elementos Manuelinos.....	55
Figura 56 - Rua Judaica	57
Figura 57 - Casas Judaica.....	57

Figura 58 - Casa Judaica	57
Figura 59 Ruas Judaicas.....	57
Figura 60 - Percursos Turísticos	58
Figura 61 - Maqueta ponte pedonal sobre a Ribeira da Carpinteira, Projecto Arquitecto Joao Carrilho Graça.....	61
Figura 62 - Fonte Rotunda do Rato.....	61
Figura 63 - Concurso para Plano de Pormenor de S. João de Malta.....	62
Figura 64 - Localização do Primeiro assento da Cidade da Covilhã. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67
Figura 65 - Situação Inicial da Cidade em 1870. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67
Figura 66 - Situação da Cidade em 1929. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67
Figura 67 - Evolução da Cidade em 1945. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67
Figura 68 - Situação em 1971 da Cidade da Covilhã. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67
Figura 69 - Situação ate os anos 2000. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã.....	67

PARTE II

BAIRROS PRINCIPAIS E MAIS SIGNIFICATIVOS DAS CIDADES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E COMPARAÇÃO

Figura 70 - Analise e Geometria de uma rua do centro Histórico da Covilhã.....	70
Figura 71 - Analise e Geometria de edifícios da Covilhã.....	71
Figura 72 - Bairros principais de Matera	72
Figura 73 - Esboços das habitações do Bairro La Martella	76
Figura 74 - Localização e Percursos de ligação com o centro da cidade e cós terrenos a volta.	77
Figura 75 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços	79

Figura 76 - Estrutura viária fundamental do bairro.....	79
Figura 77 - Tipologia Habitacional típica do bairro La Martella.....	80
Figura 78 - Tipologia de alojamento combinada duplex	82
Figura 79 - Igreja San Vincenzo a La Martella, projecto de Ludovico Quaroni.	83
Figura 80 - Vista aérea do bairro	85
Figura 81 - Campos de trabalho a volta do bairro.....	85
Figura 82 - Tipologias Habitacionais.....	85
Figura 83 - Vias do bairro	85
Figura 84 - Centro serviços.....	85
Figura 85 - Igreja S. Vincenzo de Ludovico Quaroni.....	85
Figura 86 - Analise e Geometria de uma via do bairro La Martella.	86
Figura 87 - Esboço bairro Spine Bianche	87
Figura 88 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços	88
Figura 89 - Estrutura viária fundamental do bairro.....	89
Figura 90 - Esboço tipologia Habitacional	90
Figura 91 - Tipologia alojamento e estrutura do quarteirão.....	91
Figura 92 - Esboço Igreja San Pio X do Bairro Spine Bianche	92
Figura 93 - Vista aérea do bairro	93
Figura 94 - espaço verde colectivos.....	93
Figura 95 - Igreja S. Pio X.....	93
Figura 96 - edifício a bloco	93
Figura 97 - Vista do quarteirão	93

Figura 98 - Blocos escadas.....	93
Figura 99 - Analise e Geometria de uma rua do bairro Spine Bianche.	94
Figura 100 - Esboço rua centro Histórico da Covilhã.....	95
Figura 101 - Esboço bairro no centro histórico alto da Covilhã	97
Figura 102 - Bairros principais de Covilhã.....	98
Figura 103 - Esboço Rua da Tapada, bairro Rodrigo	100
Figura 104 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços do Bairro Rodrigo.....	102
Figura 105 - Estrutura viária fundamental do bairro.....	104
Figura 106 - Esboço habitação bairro Rodrigo	106
Figura 107 - Planta tipologia de uma habitação do bairro	107
Figura 108 - Esboço Capela S. Antonio no bairro do Rodrigo.....	108
Figura 109 - Foto antiga do Bairro, Fonte João Marques Júnior	109
Figura 110 - Vista aérea do bairro	109
Figura 111 - Vista do bairro, Fonte João Marques Júnior	109
Figura 112 - Capela S. António no bairro do Rodrigo.....	109
Figura 113 - Casas em banda	109
Figura 114 - Relação espaço verde privado e via publica.....	109
Figura 115 - Esboço rua Alves Da Silva, Bairro Estação	110
Figura 116 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços do Bairro Estação	112
Figura 117 - Estrutura viária fundamental do bairro.....	114
Figura 118 - Planta tipologia habitação	115
Figura 119 -Esboço prédio do bairro da Estação	116

Figura 120 - Tribunal localizado no bairro Estação.....	117
Figura 121 - Vista aérea do quarteirão.....	119
Figura 122 - Pátio entre os blocos.....	119
Figura 123 - Tipologia habitacional.....	119
Figura 124 - Via do bairro.....	119
Figura 125 - Interior do bloco fechado	119
Figura 126 - Tribunal localizado no bairro Estação.....	119
Figura 127 - Distancias em linha recta e de percurso dos dois bairros de Covilhã do centro da cidade (Praça Pelourinho).....	122
Figura 128 - Distancias em linha recta e de percurso dos dois bairros de Matera do centro da cidade (Via Lucania)	122
Figura 129 - Serviços e instalações colectivas bairro LaMartella	124
Figura 130 - Serviços e instalações colectivas bairro Rodrigo	124
Figura 131 - Centro Serviços de La Martella.....	124
Figura 132 - Escola Básica do Rodrigo	124
Figura 133 - presença de espaços verdes no bairro Spine Bianche	126
Figura 134 - presença de espaços verdes no bairro da Estação	126
Figura 135 - Espaço verde no interior dos blocos habitacionais em Spine Bianche	126
Figura 136 - Espaço verde entra os blocos no bairro Estação	126
 ANEXOS	
Figura 137 - Delimitação do centro histórico	129
Figura 138 - Acessos pedonais e de viaturas	130

Figura 139 - Praças e espaços verdes.....	131
Figura 140 - Funções públicas e serviços	132
Figura 141 - Articulação viária	133
Figura 142 - Foto aérea do bairro Municipal	135
Figura 143 - Foto aérea do bairro da Alegria.....	136
Figura 144 - Foto aérea do bairro dos Penedos Altos	137
Figura 145 - Foto Aérea do Bairro do Rodrigo.....	138
Figura 146 - Foto aérea do bairro da Estação	139
Figura 147 - Foto aérea do bairro da Biquinha	140
Figura 148 - Imagem aérea bairro La Martella	142
Figura 149 - Foto aérea bairro Venusio	143
Figura 150 - Imagem aérea bairro Serra Venerdi	144
Figura 151 - Imagem bairro Lanera	145
Figura 152 - Imagem aérea do bairro Spine Bianche.....	146

ÍNDICE ANEXOS

ANEXO I - ANALISE DE TEMÁTICAS DA CIDADE DA COVILHÃ.....	128
Delimitação do centro histórico.....	129
Acessos pedonais e de viaturas.....	130
Praças e espaços verdes.....	131
Funções Publicas.....	132
Articulação Viária.....	133
ANEXO II - CONJUNTO DE HABITAÇÕES SOCIAL DA COVILHÃ.....	134
Bairro Municipal.....	135
Bairro da Alegria.....	136
Bairro dos Penedos Altos.....	137
Bairro do Rodrigo.....	138
Bairro Estação.....	139
Bairro Biquinha.....	140
ANEXO III - CONJUNTO DE HABITAÇÕES SOCIAL EM MATERA.....	141
Bairro La Martela.....	142
Bairro Borgo Venusio.....	143
Bairro Serra Venerdi.....	144
Bairro Lanera.....	145
Bairro Spine Bianche.....	146
Bairro Agna cappucini.....	147

Bairro Villa longo.....	148
Anexo IV.....	149
MODELO FICHA ENTREVISTA AOS RESIDENTES.....	149
BIBLIOGRAFIA.....	154
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	154
BIBLIOGRAFIA WEB.....	155
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA.....	155

PARTE - I

DESCRIÇÃO DO AMBIENTE URBANO DAS CIDADES DE MATERA (ITÁLIA) E COVILHÃ (PORTUGAL): HISTORIA E EVOLUÇÃO

Neste capítulo será feita uma breve referência ao desenvolvimento histórico urbano das cidades de Matera e Covilhã, apresentando os aspectos mais importantes, ao nível da morfologia do território, evolução da cidade e habitação social.



Figura 1 - Vista panorâmica da cidade de Matera



Figura 2 - Vista panorâmica da cidade de Covilhã

1. CASO ESTUDO MATERA



Figura 3 - Esboço da cidade de Matera

1.1 INTRODUÇÃO

Matera é um município italiano de 60.000 habitantes, capital do distrito da homónima província e a segunda maior cidade da região *Basilicata*.

A cidade é célebre em todo o mundo pelo centro histórico dos *Sassi*, reconhecido em 1993 como Património Mundial da UNESCO.

A cidade surge sobre o rio *Gravina Matera* (afluente esquerdo do Bradano), a 200 metros de altitude.

A estrutura urbana da zona antiga da cidade de Matera, especialmente interessante e única em seu género, surge sobre o contraforte calcário das *Murge* ocidentais, debruçando-se sobre as encostas das profundas gargantas da *gravina*. Estas encostas são interrompidas por dois vales que são atravessados por pequenos afluentes, surgindo a norte o *Sasso Barisano* e a sul o *Sasso Caveoso*. Os “*Sassi*” são antigos, pitorescos bairros rupestres de Matera, com as habitações escavadas no tufo e sobrepostas em desordem umas sobre as outras. Em consequência do abandono dos habitantes dos “*Sassi*” e do desenvolvimento do sector industrial, numerosos novos bairros surgiram na zona alta da cidade e ao seu redor.

Sabe-se que, após a queda do império romano do ocidente (476), a cidade foi devastada pelos ostrogodos do rei *Teodorico*, sendo posteriormente submetida ao domínio bizantino por parte do general *Belisario*. Quando os Lombardos a conquistaram, foi agregada ao ducado de *Benevento*. Após a primeira destruição da cidade pelos Francos, sob o império de Carlos Magno, esta volta a ser erguida durante o século IX, sendo novamente destruída (994) pelos Sarracenos, provocando a expulsão dos habitantes. Em 1061 foi conquistada pelos Normandos, passando posteriormente pelo domínio dos Suevos, dos Angioini e dos Aragoneses. No início do século XV recebeu grandes privilégios por parte do rei de Aragão e da *Sicília* (*Ferdinando I il Giusto*), caindo posteriormente na tirania do conde *Giancarlo Tramontano*, que foi assassinado pelo povo em 1514, chegando mesmo a ser a capital da *Basilicata* no século XVII.

Do bairro dos *Sassi* destacam-se as igrejas: *Santa Maria de Idriis*, talvez a mais antiga, completamente escavada na rocha, à excepção da fachada principal e com frescos dos séculos XIV, XV e XVI; *San Pietro Barisano*, dos séculos XII e XIII, parcialmente rupestre e com fachada curvilínea, que foi construída posteriormente por volta de 1600; *San Pietro Caveoso*, erguida em 1656 sobre as beiras de um precipício.

O Castelo *Tramontano*, que permaneceu inacabado, é notável pelo seu pátio e pelos seus dois torreões, que datam do século XV. A catedral possui uma arquitectura em estilo românico-pugliese (1268-70) com revestimento interior em estilo barroco de 1627 e de 1776.

Dignos de atenção são os edifícios barrocos: as igrejas do *Carmelo*, de *San Francesco* (erguida sobre aquela dos *Santos Pietro e Paol* do ano 1000) com as fachadas a datarem de 1670 e um belo políptico de *B. Vivarini*, de *Santa Lucia do Purgatório* (1747); *Sant' Agostino* com a sua cenográfica fachada (reconstruída em 1750); o *Convento de Santa Chiara* (Museu Nazionale); o Seminário (liceu clássico); o ex-convento das dominicanas (Palácio da *Giustizia*) e o palácio *Bronzini Padula* de 1779 de estilo barroco que domina os *Sassi*.

Muitos dos achados arqueológicos e históricos são conservados no Museu *Nazionale Domenico Ridola*.

Algumas das habitações mais emblemáticas dos “*Sassi*” foram revitalizadas e são actualmente utilizadas para sugestivas sedes de exposições, que frequentemente hospedam as mais importantes exposições de arte.

1.2 TERRITÓRIO E CLIMA

A cidade encontra-se na parte oriental da região *Basilicata*, na fronteira com a região *Puglia*, a 401 metros acima do nível do mar. Esta cidade surge confinada entre o planalto das *Murge* a este, e o vale *Bradonica* a oeste.¹



Figura 4 - Localização de Matera

A ribeira *Gravina*, afluente esquerdo do Rio *Bradano*, corre na profunda fossa natural que delimita os dois antigos Bairros da cidade: *Sasso Barisano* e *Sasso Caveoso*. Na outra encosta encontra-se o território da *Murgia*, vulgarmente denominado por *Parco della Murgia Materana*. Esta zona encontra-se protegida pelo *Parco Naturale Archiologico Regionale Delle Chiese Rupestri*.

¹ Fonte Município Matera

Os bairros dos *Sassi*, juntamente com as cisternas e os sistemas de canalização de águas, determinam a forma característica da cidade de Matera. Os bairros que compõem os *Sassi* são constituídos por antigos e originais agregados habitacionais que são escavados na pedra Tufo, próximos de um profundo desfiladeiro, a *Gravina*.

O território do *Parco Naturale Delle Chiese Rupestri* de Matera distingue-se pela sua beleza, evidenciando as riquezas naturais e os testemunhos históricos.

O Parque Natural das Igrejas Rupestre cobre uma superfície de 8.000 hectares e abrange dois municípios.³ Aqui encontram-se 150 igrejas rupestres, que comprovam a difusão da religiosidade no interior das aldeias e ainda numerosos rastros do paleolítico, neolítico e vilas em trincheira.

Grande parte da região de *Basilicata* é formada por zonas montanhosas. Algumas dessas zonas são difíceis de alcançar, conservando o carácter selvagem original; aqui a presença humana é marginal, sendo ainda possível encontrar uma natureza não contaminada. Tranquilidade, ar puro, florestas e imensos pastos fazem da montanha da *Basilicata* um local ideal para os apaixonados do trekking, mountain bike, ecoturismo e birdwatching.

Temos ainda o *Parco Natural del Pollino*, que é o maior parque natural em extensão de Itália. A sua superfície abrange cerca de 200.000 hectares no maciço montanhoso da *Calábria* e da *Basilicata*, com altitudes máximas da ordem dos 2.200 metros de altitude. A paisagem possui uma variedade de vegetação como o abeto branco e o pinheiro Loricato. Entre os “habitantes” destas montanhas existem a águia-real, o lobo, o javali, a coruja, a doninha e ouriço.²

Esta pequena região é banhada por dois mares: a sudoeste, o *Tirreno*, com o seu litoral rochoso de *Maratea*, sendo fascinante devido à sua envolvente formada por montes e natureza; a sul, o *Jónico*, com as suas praias de areia que se estendem por 30 quilómetros desde *Metaponto* até *Nova Siri*, delimitando um planalto fértil, rico em frutas e com inúmeras descobertas arqueológicas do período da colonização grega.

² www.parks.it

O mar da *Basilicata* é dos mais limpos de Itália. É fácil encontrar nesta faixa costeira, praias semidesérticas e encantadas, como também zonas balneares concorridas. A costa de *Maratea* é composta por um pequeno paraíso marinho, que permite a prática de numerosas actividades aquáticas (pesca, vela e surf) e subaquáticas (pesca submarina).



Figura 5 - Imagem Localização Basilicata

As cidades próximas do mar Jónico constituem um ponto de estudo fundamental para os apaixonados de arqueologia. Aqui os primeiros colonos Gregos chegaram, no século VIII antes de Cristo, originando as polis da *Magna Grecia*, as actuais *Metaponto*, *Nova Siri* e *Policoro*. *Estas povoações enraizaram uma cultura próspera que ainda hoje está presente não só na toponomástica do lugar, mas também nas tradições culturais, idiomáticas e culinárias. Este património é também testemunhado pela presença de vestígios arqueológicos que se encontram actualmente em óptimo estado de conservação.*

1.3 A PRESENÇA HUMANA NA HISTORIA

Matera é uma cidade muito antiga que abriga soluções habitacionais desde a época paleolítica. Nas grutas, espalhadas ao longo das *Gravina* de Matera, foram encontrados diferentes objectos originários daquela época, que revelaram a presença de grupos de caçadores. Na idade do ferro nasceu o primeiro núcleo urbano, a actual *Civita*, localizado na parte esquerda da *Gravina*.



Figura 6 - Grutas e Habitações Paleolíticas

Especula-se que a cidade antigamente devia o seu nome aos gregos e se chamaria *Mataia ole*, que deriva de *Mataio olos*, cujo significado é todo vazio, aludindo as grutas escavadas na pedra.

No período da Magna Grécia, Matera estabeleceu fortes ligações com as colónias situadas na costa de *Metaponto*, tornando-se em seguida, na idade romana, centro de passagem e restabelecimento.

Em 664 depois de Cristo, Matera passou para o domínio do povo Lombardo e foi incluída no *Ducado di Benevento*.

Os séculos IX e X foram caracterizados por fortes lutas entre os Sarracenos e Bizantinos, que tentaram por diversas vezes invadir o território, sendo a cidade destruída posteriormente pelas tropas de *Ludovico II*, imperador dos Francos.

Entretanto, a partir do século VIII, o território caracterizou-se pela notável imigração de monges beneditinos e bizantinos, que se estabeleceram ao longo das grutas da Gravina, transformando-as em Igrejas Rupestres.

Depois da invasão dos Normandos em 1043, a cidade permaneceu num período de paz.

Nos séculos seguintes, entre pragas e terremotos, Matera passou a ser uma cidade orgulhosa, porque libertou-se do domínio feudal e passou a ser dirigida por *Gian Carlo Tramontano*.

Em 1663, durante o domínio espanhol, Matera deixou de fazer parte do território de *Otranto*, transformando-se na capital do distrito de *Basilicata*, até que em 1806, *Giuseppe Bonaparte* transferiu a capital do distrito para Potenza.

Em 1927 a cidade foi eleita capital de província.

Matera foi a primeira cidade meridional a defrontar o povo nazi, mais concretamente em 21 de Setembro de 1943, onde dezenas de pessoas morreram por causa dos disparos dos alemães em retirada. O dia culminou com os nazis a matar 12 pessoas por causa de uma bomba colocada num palácio nobre.

Em 1948 entrou em discussão o tema dos *Sassi*, sendo o debate dirigido pelo político e pelo presidente *Palmiro Togliatti e Alcide de Gasperi*, respectivamente.

Em 1952, com a entrada em vigor de uma nova lei nacional, iniciou-se a evacuação dos *Sassi* e a construção de novos bairros residenciais, que originaram uma cidade nova, na qual confluíram os 15.000 habitantes dos antigos bairros.³

Em 1986, uma outra lei nacional, financiou a recuperação dos antigos bairros *materani*, já degradados devido ao longo período (30 anos) de abandono.⁴ Enfim em 1993, os *Sassi* de Matera foram declarados pela UNESCO, Património Mundial da Humanidade.

³ Legge Urbanistica n°299 659/52

⁴ Legge 11 novembre 1986, n. 771 (GU n. 273 del 24/11/1986) conservazione e recupero dei rioni sassi di matera.

1.4 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO...

O turista que chega pela primeira vez a Matera, descobre uma cidade particular e antiga, que o deixa sem palavras, uma vez que a cidade de Matera possui um dos centros históricos mais fascinantes de Itália.

Os antigos bairros dos Sassi afiguram uma gigantesca escultura, sendo uma verdadeira maravilha urbanística, na qual é possível identificar numerosos registos, relativos aos acontecimentos históricos.

Construídos na proximidade de dois vales cárscicos, na costa direita da Gravina, estes bairros apresentam-se como uma mescla de ruas, praças, grutas, igrejas rupestres, caves que se afundam no interior da terra e habitações em parte escavadas, em parte construídas, cujo tecto funciona de passeio ou pavimentação para outras habitações.

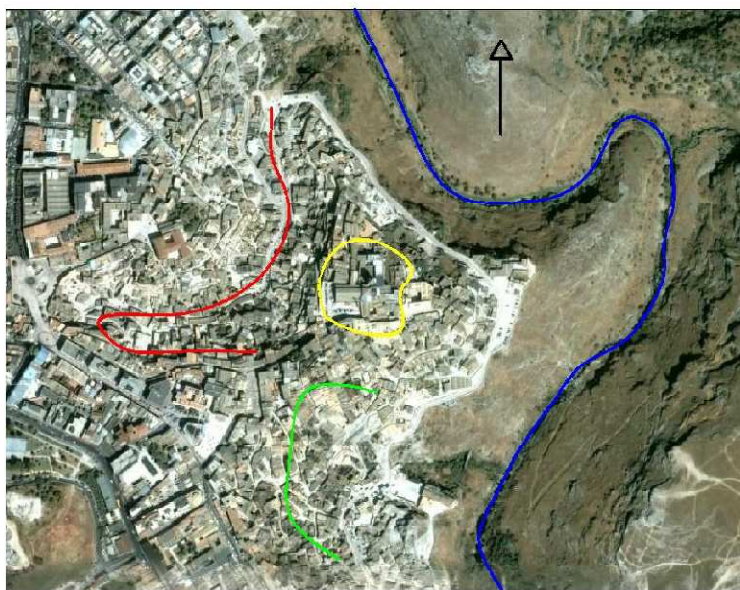


Figura 7 - Planimetria dos Sassi, em Azul a ribeira Gravina a 290 metros a cima do nível do mar, Em amarelo o património rochoso com o Duomo a 400 metros a cima do nível do mar, em Vermelho o Vale do Sasso Barisano, Em Verde o Vale do Sasso Caveoso

A pedra, que durante séculos foi escavada e trabalhada pelos hábeis trabalhadores e artesãos, é calcarenite, também designada por tufo. As grutas funcionavam também como armazém para aproveitar o material em excesso, destinado à construção das fachadas das habitações.

Atrás de cada porta esconde-se uma maravilha arquitectónica, sendo a tipologia das habitações catalogadas de acordo com o período construtivo e com a orografia do terreno.

O mesmo pode-se dizer para as construções de culto religioso, existem dezenas de igrejas rupestre na cidade, centenas em todo o território.

Relativamente ao património religioso, verifica-se a existência de uma dezena de igrejas rupestres dentro da *civita* e cerca de uma centena em todo território urbano, que acompanham a evolução construtiva no tempo e no espaço.

1.5 MATERA: VISITA A UMA CIDADE PARTICULAR



Matera é um município de 60.000 habitantes e situa-se em Itália, mais concretamente na região *Basilicata*.

A cidade é célebre em todo o mundo pelo centro histórico dos *Sassi* que foi reconhecido em 1993 como Património Mundial da UNESCO⁵. Matera apresenta-se como uma extensa terra calcária, coberta de vegetação e antigas oliveiras. Ao nível da geologia é possível encontrar nesta zona um maciço bastante árido com estratificações argilosas bem definidas. Numa primeira aparência, a cidade apresenta-se como sendo um bloco de cimento de grandes dimensões, não havendo qualquer pormenor de interesse do ponto de vista da paisagem urbana meridional.⁶

Ao percorrer a estrada, da zona moderna para a zona antiga da cidade, verificam-se alterações repentinas na forma urbana. É possível observar no horizonte, uma igreja românica com uma torre de sino, acoplada a um maciço calcário denominado por *Altopiano Murgico*.

⁵ World Heritage List - 1993

⁶ Fonte Comune Matera

Continuando a pé em direcção à Catedral românica, descobre-se que aquela imagem aparentemente sem morfologia é realmente uma realidade complexa e articulada, caracterizada para dois precipícios: o primeiro, com terraço urbanizado, é circundado nos dois lados da Acrópole da Catedral; o segundo, muito mais desnivelado e profundo, é o Canyon da ribeira *Gravina*.

A impressão é de ser-se levado para outro universo, no qual a história e a natureza se fundem e se cruzam, formando estilos urbanos fortemente culturais (românico, renascimento, barroco) e naturais. Esta mistura de estilos arquitectónicos representa a principal característica do habitat rural, no qual se reconhece o percurso de antropização do lugar.

1.6 AS QUALIDADES DE MATERA ANTIGA

A complexidade dos elementos naturalísticos, históricos e urbanísticos que compõem este "quadro de paisagem" (um dos mais sugestivos do continente europeu), requer uma visita mais cuidadosa e aprofundada, ao contrário das visitas clássicas e superficiais que oferecem o turismo com caravanas. Desta forma, tenta-se sintetizar alguns conceitos arquitectónicos que permitem aos fugazes visitantes, interpretar e perceber o significado da paisagem ambiental.



Figura 8 - Matera Antiga (Fonte: www.meetupstatic.com)

A cidade antiga é caracterizada pela elevada densidade de habitações. Essas habitações são parcialmente habitadas, havendo uma maior densidade populacional na parte alta da “*Civita*” em que o território apresenta características de uma cidade fortificada. As características destes habitats podem ainda hoje ser apreciadas no Bairro *Casalnuovo*, na extremidade Oriental do *Sasso Caveoso*; aqui também pode-se visitar algumas arquitecturas sagradas (igrejas rochosas), que exibem nas formas plásticas e nas pinturas, as diferentes influências culturais que caracterizam a “civilização rupestre”. Entre estas destacam-se a *Cripta de S. Barbara*, de matriz oriental / bizantino e a Igreja de *S. Lucia alle Malve*, de matriz ocidental / beneditino.

Outra igreja rochosa, que se encontra fora do habitado urbano, é a Igreja *S. Maria della del’Ildris*, (séc. XIII). Esta igreja, conhecida como a verdadeira “catedral rochosa”, representa o ponto de passagem entre a arquitectura rochosa e a arquitectura cristã. A sua planta é arquitectada por três corredores e a sua fachada, em óptimo estado de conservação, é de matriz gótica / angioina.

Entre o séc. XII e o séc. XIII regista-se uma reviravolta na “construção” da Matera antiga: A cidade começa a sair das profundidades da sua pedra, desenvolvendo de acordo com a melhor tradição cultural europeia, um estilo “românico.” A Catedral situa-se no cimo da colina da *Civita*, fortaleza feudal da cidade medieval: Esta Igreja marca uma arquitectura de grande dimensão e de precisa conotação cultural, comprovando o triunfo da civilização ocidental (e da Igreja Romana), sobre a decadente civilização grego / bizantino. Nos séculos a seguir (entre XIV e XVI), sempre com grande intensidade, foram realizadas casas, edifícios e casas com corte (de matriz mediterrânea), que se iram sobrepôr ao tecido rochoso pré-existente. Um outro conceito que deve ser seguido com atenção: Os bairros dos *Sassi* foram caracterizados, até o séc. XVIII, por um tecido residencial bastante complexo, no qual as arquitecturas “de palácios” com os seus frontões decorados, com os pátios, balcões e portais, articulavam o espaço urbano. Ainda hoje, ao percorrer este espaço, podemos identificar este jogo arquitectónico de “plenos e vazios”.



Figura 9 - Duomo de Matera construído em 1270 em estilo Romanico-Pugliese

Entre o séc. XVII e o séc. XVIII, deu-se a operação de incorporação dos *Sassi* e das *Civitas* medievais fortificadas, num único “desenho de cidade”, dando à cidade antiga, a definitiva “*Forma Urbis*”. A operação será administrada pelas grandes Organizações Religiosas, numa altura em que se verifica um forte crescimento arquitectónico da cidade. Este período é caracterizado pela construção de uma série de arquitecturas religiosas (Barroco), que formam um cenário paisagístico particular, desenvolvendo uma relação entre a Catedral e o ambiente natural da *Murgia*. Nesta época, as operações e transformações urbanísticas verificadas em Matera, estavam em sintonia com as que eram praticadas nas diferentes cidades europeias. Os volumes residenciais, o ambiente semi-natural e o habitat rupestre formam um triângulo arquitectónico, que revela as particularidades do território e as qualidades urbanas da cidade.

Um exemplo dessas triangulações pode ser vista, no caso do *Sasso Barisano*, a partir da praça da Catedral, onde a Oeste se pode observar o amplo *Convento dell'Annunziata* (séc. XVIII) e a Norte, a Igreja do Convento de *S. Agostino* (sec. XVI-XVIII.). No caso do *Sasso Caveoso* é necessário subir ao cimo do *Mont'Errone* (*S. Maria de Idris*), para poder observar o eixo setecentista, sendo a linha do horizonte definida de Sul a Norte pelos seguintes monumentos: Palácio do Seminário (séc. XVII), Igreja do Convento di *S. Chiara*, Igreja do *Purgatorio* e Igreja de *S. Francesco d'Assisi* (XVIII sec.). Actualmente, este eixo é cada vez menos visível, devido à existência de enormes edifícios, agressividade urbanística e má gestão política do território.



Figura 10 - Igreja S. Maria de Idris, XIV-XV século



Figura 11 - San Giovanni in Monterrone, X século

No século XIX, a cidade sofreu uma degradação acelerada das condições socioeconómicas e urbanísticas. Ilegalmente, a maioria das infra-estruturas rústicas em caverna (caves, estábulos, depósitos), foram transformadas em habitações, permitindo alojar até 1950, em condições de

sobrevivências muito precárias, cerca de 16000 habitantes numa área de 30 hectares. Surge desta forma, no séc. XIX, a formação de uma macroestrutura urbanística sobrepopoada de indivíduos, sendo tão sugestiva do ponto de vista da paisagem, quanto trágica socialmente.

Face a este problema, foram adoptadas políticas urbanísticas italianas e Reformas Republicanas do segundo pós-guerra, que determinaram a transferência maciça dos habitantes dos *Sassi* para novos bairros; deste modo foram construídos vários bairros de arquitectura moderna, nomeadamente, *La Martella*, *Venusio*, *Lanera*, *Serra Venerdì* e *Spine Bianche*, que ainda hoje desempenham as funções inicialmente previstas.

1.7 OS SASSI DE MATERA

Ao percorrer os elementos arquitectónicos (ruas, escadas, terraços) da cidade de Matera, verifica-se que foram efectuadas algumas acções de requalificação ao nível dos tecidos infra-estruturais e das antigas arquitecturas; essas intervenções surgiram na tentativa de devolver à civita, o esplendor de outros tempos, constituindo uma autêntica “revolução cultural”, inconcebível até poucos anos atrás. Encontram-se também em curso, operações de revitalização, de modo a atribuir alguma vivacidade à cidade “morta”, possivelmente uma das únicas no mundo.

Estas intervenções urbanísticas abrangem políticas ambientais, assentes em regras de tutela e de desenvolvimento sustentável; estes métodos de actuação mereceram em 1995, a atribuição do “Premio Europeo di Riqualificazione Urbana” pela União Europeia. Actualmente, estas intervenções desempenham um papel fundamental na determinação da qualidade urbanística da cidade, transmitindo aos visitantes a impressão de desenvolvimento sustentável, relativamente à própria identidade, história e ambiente.

Os *Sassi* constituem o núcleo urbano mais antigo da região *Basilicata*, situando-se entre as formações rochosas do *Sasso Caveoso* e *Materano* e habitado já durante a era do bronze, assumindo uma conformação de aglomerado urbano especializado nas suas funções a partir do Alto Medievo.

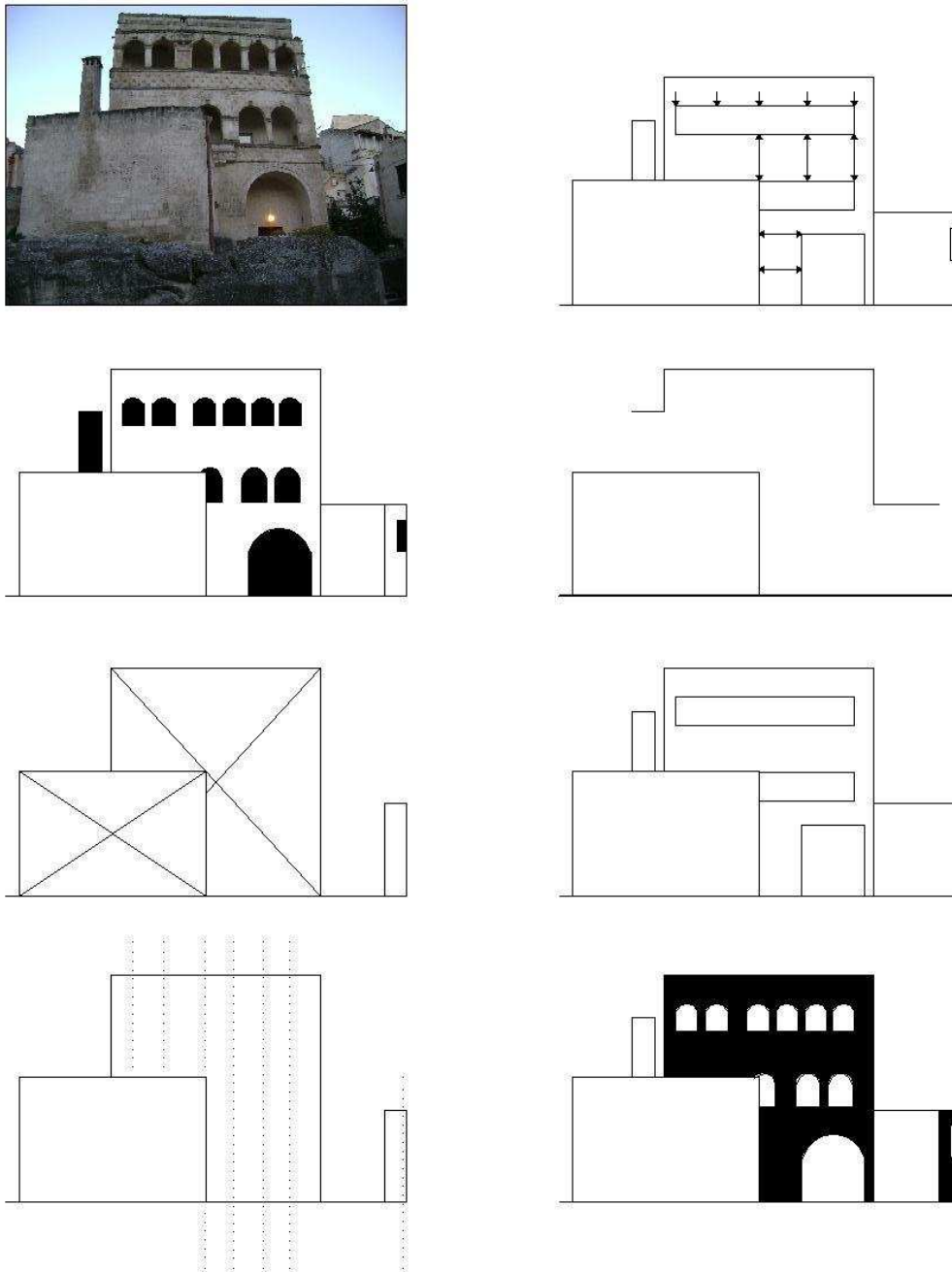


Figura 12 - Análise e geometria de uma habitação dos *sassi*

O antigo centro habitacional (320.000 m²) é em boa parte escavado directamente na rocha (tufo calcário), sendo o material escavado, reaproveitado para fins construtivos. As fases de escavação e de construção decorreram entre o período do século X e o século XVIII. Além do centro habitacional, encontra-se ainda neste local uma área de 60 km² caracterizada pela existência de instalações humanas da época pré-histórica e de numerosos complexos monásticos rochosos, datados do séc. X e XI. O complexo dos *Sassi* tem um alto valor naturalístico, urbanístico e ambiental, estando ainda sujeito a leis específicas de tutela do Estado.

1.7.1 O SASSO CAVEOSO

Há hipóteses diferentes da origem do seu nome: provêm da palavra latina *Caveosus*, que quer dizer de muitas grutas, ou talvez pela forma de anfiteatro, que lembra a cave do teatro romano. As habitações são quase todas escavadas na pedra, mas também encontram-se espaços construídos por fora da rocha. O *Sasso Caveoso* começa realmente a fazer parte da cidade por volta dos anos 1500, período que coincide com um movimento migratório de pessoas dos *Balcani* e que estabeleceram aqui a sua morada. Nesta zona chamada *Casalnuovo*, é possível ver a mais simples habitação: a gruta *Tamponata*.



Figura 13 - *Sasso Caveoso* e as grutas *Tamponata*.

1.7.2 O SASSO BARISANO

A origem do seu nome é incerta: alguns fazem derivar de sua exposição para a cidade de *Bari*, outros do nome de um *Varisius*, nome da família romana *Varisanus* e, então, *Barisano*. Situa-se no vale calcário localizado em frente à catedral, no Norte Leste da *Civita*. O bairro, além de ser mais pequeno do *Caveoso*, tinha o mesmo número de habitantes, isto justifica a presença de duas importantes Igrejas. A recuperação dos *Sassi* começa mesmo aqui, actualmente é a zona mais restaurada e aqui encontra-se muitos hotéis e pontos de restauração, em contraposição ao *Sasso Caveoso* e a *Civita*.



Figura 14 - *Sasso Barisano*

Através da leitura directa dos vários estados da evolução histórica, tecnológica e das tipologias edificantes nos *Sassi*, é possível apreciar a fusão entre paisagem natural e área construída, desde o habitar em grutas até aos grandes complexos monásticos do século XVIII. O sistema urbano é compreensível graças ao seu óptimo de conservação.

Este processo de evolução ainda não acabou, sendo ainda possível utilizar e desfrutar de todas as técnicas de usufruo sustentável dos recursos naturais, como o reaproveitamento das águas em cisternas colectivas o também dos materiais de construção reaproveitados das pedras, lugar onde foram extraídas;

Os *Sassi* representam ainda, um local privilegiado para analisar as dinâmicas sociais típicas da "cultura rural" do Sul de Itália, através da investigação da conformação urbana e da "maneira de viver" das gerações do século XIX.

Estas gerações viveram, até aos anos 50, em conformidade das regras antigas, estabelecendo um sistema social baseado na ajuda mútua, mais conhecido como sistema da "vizinhança"; este modelo social é objecto de importantes estudos sociológicos na década 1950-1960.

A partir dos anos 60, verificou-se a completa desertificação do local por motivos higiénico - sanitário, este processo não originou a mudança do perfil arquitectónico das habitacoes mas acelerou a degradação estrutural causada pela falta de manutenção. A área dos Sassi é portanto objecto de estudos e pesquisas no último século, por causa das importantes testemunhas arqueológicas, históricas, religiosas e antropológicas que as caracterizam.

Com as novas leis urbanísticas de 1986 (Lei 24/11/1986 n.º 771), se começou a recuperação arquitectónica, urbanística, ambiental e económica do bairro dos *Sassi* que sucessivamente foram classificados como interesse prioritário nacional. Após a emanação da Lei, a gestão das propriedades de competência estatal, foi transferida sob o controlo da Administração Municipal de Matera e para melhor administrar o património dos *sassi* foi instituído um gabinete específico. A condição especial dos *Sassi*, confirmada pela legislação nacional, fortaleceu a consciência do valor do local e estimulou o inicio de um trabalho constante de recuperação e revitalização dos lugares, e em Fevereiro de 1989, a administração de Matera teve a ideia de inserir os *Sassi* no World Heritage list.

O dossier para World Heritage list é apresentado em Novembro do 1992 na sede do UNESCO de Paris com o apoio do Estado Italiano. Em 1993, o ICOMOS⁷ procede a avaliação que confirma a unicidade do lugar. A avaliação conclui-se com a seguinte afirmação: “O bairro dos Sassi é, ao longo do tempo, o melhor e mais completo exemplo de população que coabitou em harmonia com o ecossistema, na região do Mediterrâneo”. Durante a Convenção do Unesco em Cartagena, Colômbia, em Dezembro de 1993, os *Sassi* são declaradas património da humanidade. Em este modo o processo de recuperação das tipologias e dos materiais originais, iniciado em 1987, é ainda mais dinamizado após a inclusão na lista. Este processo desenvolve uma forte actividade de estudo e pesquisa, alimentando a revitalização do património urbano dos lugares e criando novos instrumentos de planificação para a área dos *Sassi* e das Igrejas Rupestres.

⁷ - ICOMOS é o acrónimo de International Council on Monuments and Sites, é uma associação civil não-governamental, sediada em Paris, na França, ligada à ONU, através da Unesco. O ICOMOS foi fundado em 1965, como resultado da *Carta di Venezia* de 1964. É responsável por propor os bens que recebem o título de Património Cultural da Humanidade.

1.8 ACTIVIDADES E SERVIÇOS

Os *Sassi* foram objecto de intervenções finalizadas a atracção de funções ligadas à valorização cultural do núcleo histórico e a reabilitação dos lugares residenciais e comerciais. Estes serviços consentem o usufruto dos espaços evitando o processo de desertificação que vai contra a natureza e utilização originária do sítio.

A partir de 1987 encontram-se espalhados nos *Sassi* numerosas actividade ligadas a serviços comerciais e artesanais além de residências privadas; Em particular aqui situam-se o gabinete dos “*Beni Architettonici e del Paesaggio*”, o gabinete ministerial da “*Sovrintendenza per il Patrimonio Storico Artistico e Archiologico*”, a sede do “*Sviluppo Itália Basilicata S.p.A.*”, a “*Università degli Studi della Basilicata*”, o gabinete “*Operatore per i Beni Culturali*” e a sede da Biblioteca Provincial.



Figura 15 - Museu Nacional de Arte Medieval e Moderna da Basilicata, Palácio Lanfranchi, XVII século



Figura 16 - Conservatorio Musicale Duni matera

Ainda situam-se o “*Museo Nazionale d’Arte Medievale e Moderna della Basilicata*”, a “*Fondazione Zetema*” (bens culturais) e a “*Fondazione dei Sassi*”.

Entre as numerosas associações para o desenvolvimento local lembram-se o centro jurídico da “*Amministrazione del Parco della Murgia Materana*”, o centro de “*Educazione Ambientale della Murgia Materana*”, o centro das exposições da “*Biennale di Puttura e Scultura del circolo Scaletta*”, o “” e o auditório de cidade no qual são desenvolvidas numerosas iniciativas e concertos de vários tipos.

As corporações de jornalismo com sede nos *Sassi* são as editoras “*Basilicata*” e a sede do jornal “*Altrimedia*”.

Os visitantes, estimados em cerca de 200.000⁸ no ano de 2008, podem usufruir de itinerários organizados pelas oito principais Igrejas Rupestres: *Santa Maria de Armenis*, Convento di *Sant'Antonio*, *Santa Lucia Malve*, *Santa Maria de Idris*, *San Giovanni in Monterrone*, *San Pietro Barisano*, *Santa Barbara* e *Cappuccino Vecchio*. Os itinerários, com opção de escolha relacionada com a duração e número de locais, são administrados por uma sociedade que junta numerosas empresas locais especializadas em vários sectores (congressos, informática, associações culturais, musicais, cooperativas de guias, bancos) e que controla o serviço de guia, como também a manutenção dos percursos. Esta Empresa, instituída em 2001, tem a gestão do serviço por delegação da Administração Municipal que também controla a gestão dos tarifários e das actividades. Por quanto interessa a programação anual das actividades culturais nos *Sassi*, a competência é das numerosas e qualificadas instituições, que organizam eventos animados nos bairros seja ao ar livre no período de verão, seja nos espaços fechados durante o Inverno.

As iniciativas mais representativas são: “*Mostra Internazionale di Scultura e Pintura*” em Junho e Setembro, o festival de Cinema em Agosto, a manifestação de Jazz entre Julho e Setembro, o “*Murgia Festival*” desde Abril até Dezembro com reuniões e espectáculos em vários temas, o prémio literário “*Energheia*” para escritores emergentes em Setembro e o evento “*Teatro Meridiano*” que junta eventos e espectáculos de escola e teatro, no período invernal.

Na cidade ainda encontram-se importantes actividades desportivas: uma competição das nacionais de *Orienteering* organizada pela “*Federazione Italiana Sport Orienterin*”, uma competição de *minibasket*, uma competição de karting e corrida. Os *Sassi* oferecem uma ampla programação de actividades, organizadas directamente para “vivas” associações locais, que ao longo dos anos desenvolveram projectos e eventos de dimensão nacional e que contribuem para a consciência e a apreciação do lugar e das suas maravilhas.

⁸ Fonte Materaturismo

1.9 MODELOS DE TUTELA E GESTÃO ADOPTADOS

A complexidade das operações de recuperação e tutela do eco sistema *Murgiano* levou o Estado, em 1986, a estabelecer vínculos e projectos de recuperação dos *Sassi*. A principal novidade a nível organizativo com a Lei 771/86 foi a constituição, por parte da administração, do “*Ufficio Sassi*”. Este gabinete actua em toda a área e tem poderes específicos para a implementação das actividades de recuperação, planificação estratégica e vigilância. As disposições de recursos financeiros consistentes, dispostos pela lei, permitiram o começo da recuperação.

As iniciativas de requalificação, reforçam o sistema de tutela do sitio gerido por o gabinete dos *Sassi*. Actualmente este gabinete colabora com o gabinete dos “*Beni Ambientali della Regione Basilicata*” com a “*Sovrintendenza del Patrimonio Storico-Artistico e Antropologico*”. O conjunto desta entidades, definem e decretam os vínculos paisagísticos estabelecidos da actual normativa Estatal (D.lgs n.º 42 del 22/02/2004).

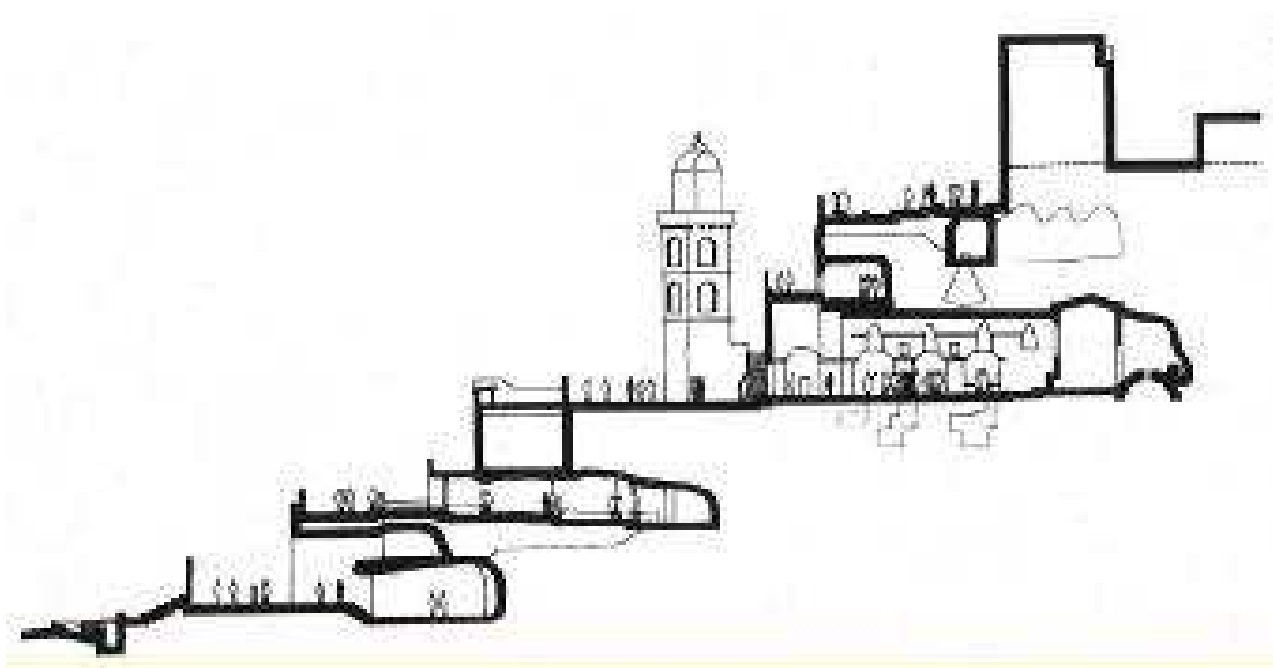


Figura 17 - Projecto do Arquitecto Renzo Piano para a recuperação de uma parte dos *Sassi*, ao redor da igreja de *San Pietro Barisano*, O projecto, não realizado, prevê serviços para habitações, restauração, pontos de convívio. A finalidade é intentar devolver o contacto humano com as pessoas. O projecto é do 1986. Fonte www.sassiweb.com

Tal entidade jurídicas, tem respectivas competências, mas actuam em conjunto para efectuar controlos e disposições no território. As principais acções sujeitas a monitorização e as disposições a executar e regular são:

- Controlo das actividades construtivas e produtivas, agrícolas e extractivas implantadas no território,
- Habilitação de segurança,
- Recuperação arquitectónica dos bens imóveis de propriedade do Município,
- Concessão dos bens recuperados a cidadãos privados, a sociedade de vários géneros ou instituições públicas e privadas,
- Emergências históricas monumentais que serão consequentemente inserida nos circuitos de visita turística com a gestão por parte de privados ou da sociedade,
- Programação das linhas estratégicas do Parque.

A região da *Murgia*, inserida no “Piano Regolatore Generale”, ainda em fase de aprovação, é distinta como centro principal para o desenvolvimento sócio económico do sector turístico e cultural, fundamental motor produtivo para a economia do território circunstante.

A gestão dos lugares em fases de recuperação, planificação estratégica e funcional dos *Sassi*, é administrada directamente por parte do Município de Matera por meio do gabinete *Sassi*. O gabinete constituído por figuras profissionais, propositadamente seleccionado em base aos específicos trabalhos de desenvolver, compõe-se por dois arquitectos, dois engenheiros, um consultor legal, oito técnicos e uma secretária. A estes foram juntados um da Administração municipal e três figuras administrativas. Cada entidade e pessoa responsabiliza-se para a salvaguarda e para o correcto desempenho do trabalho obtidos em concessão.

A gestão das numerosas actividade e serviços privados é administrada por diferentes entidade empresariais, que são tem “interesse” em investir na valorização dos *Sassi*. Exemplo entre todos é a gestão de visitas guiadas, composta por uma sociedade constituída em 2001 e formada por dez empresas locais.

As visitas guiadas dos diferentes itinerários no circuito rupestre, podem também ser reservados na internet, e contêm dois benefícios:


- A monitorização das visitas que não deve comprometer a fragilidade do habitat e das emergências;


- O absorvimento e o racional emprego dos perfis profissionais, guias e interpretes, que operam no núcleo urbano e no Parque.

Este complexo sistema de visitas guiadas emprega e associa numerosas pessoas e sociedades, de facto contam-se cinquenta guias turísticos, sete guias excursionistas, vinte intérpretes turísticos, dois acompanhantes turísticos, vinte guias especializados no parque. Este sistema de contratação entre publico e privado, garante o pleno desenvolvimento de todas as actividade, com benefícios recíprocos entre a Câmara Municipal e as empresas privadas.



Figura 18 - Percursos Turísticos

 **Percorso Histórico Monumental** - 1 *Murgia Timone* - vilas neolíticas, 2 *Sasso Caveoso* – Igrejas Rupestres (século IX), 3 Chiesa Cattedrale – stilo romano, 4 *Sasso Barisano* (Igrejas do seculo XVII-XVIII), 5 Castelo *Tramontano* – stilo *Aragonese* (século XV), 6 Palácio Lanfranchi – Museo Nacional Arte Medieval (século XVIII).

 **Percorso Bairros sociais** - 1 Bairro Serra Venerdi, 2 Bairro Villa Longo, 3 Bairro Spine Bianche, 4 Bairro Piccianello, 5 Bairro Lanera , 6 Rione Agna Cappuccini, 7 Rione Sassi.

1.10 SUSTENTABILIDADE URBANISTICO-ECONOMICO-FINANCIERA

A recuperação e a requalificação das *Sassi* começam em 1987 graças aos fundos monetários dispostos com a lei 771/86 por uma quantidade de cinquenta milhões de euros no triénio 1987-89.

Com estes fundos foram compridas acções de recuperação mais urgentes, em linha com o plano trienal de intervenção, neste quadro foram conferidos contributos fiscais aos proprietários que decidiram intervir e recuperar imóveis em critico estado de decadência.

Graças a este dinheiro foi possível pagar as despesas relativas ao dependentes dos gabinetes *Sassi*, assim como foi possível organizar mostras, exposições e eventos nacionais e internacionais. Foram também produzidos um vasto numero de publicações, textos e manuais relativos ao território de Matera e ao *Sassi*.

Além dos fundos específicos foram utilizados também financiamentos provenientes dos Programas operativos da comunidade Europeia de desenvolvimento regional, outros provenientes dos incentivos da lei 179/92 relativos ao programa de “*Interventi di Edilizia Pubblica*” do património do bairro *Sassi*, assim como contributos menores previstos das leis financeiras de 2000 e 2002.



Figura 19 - Habitação requalificada por fins comerciais

O resultado das sinergia e ferramentas financeiras, no período entre o 1987 até o 2006, teve como efeito:

- A recuperação de quinhentas e trinta moradias de uso residencial,
- O emprego de cinquenta imóveis ao sector cultural (treze instituições, vinte ateliers de artistas, dezassete associações),
- A recuperação de quarenta e dois imóveis para uso receptivo,
- Trinta e cinco imóveis para actividades comerciais artesanais,
- Cinquenta e sete para serviços gerais.

Actualmente nos *Sassi* estão em curso intervenções de recuperação e valorização, nomeadamente micro urbanizações ao longo de percursos turísticos, percurso pedonais no âmbito do Progetto Integrato di Sviluppo Urbano (PISU) e repristinação do sistema viário.

A Administração está fornecida de um outro instrumento de orientação para as políticas de valorização dos *Sassi*, o “*Piano di Inquadramento dei Sistemi*”, que organiza sectores de intervenção e concentra os problemas dos serviços em especificas áreas tendo com ponto de partida o sistema histórico e morfológico da cidade.



Figura 20 - Interior de uma habitação Restaurada.



Figura 21 - Recupero de um local comercial por fins de comerciais.

A realocização nos Sassi de um sector de empresas promovido pela Região, tem ainda a função de repriminção das actividades artesanais que no bairro encontram as visitas dos 200.000 turistas por ano. Não são disponíveis dados certos relativos aos custos de manutenção do centro histórico, e também não é possível quantificar o importo financeiro derivado da colaboração com as empresas privadas, mas certo é que estas empresas garantem a fruição dos circuitos e percursos rupestres no sítio.

Para construir um sistema que garante e aumenta a atractividade cultural da região *Basilicata* e *Puglia*, no ano 2004 fui estipulado um protocolo de união com as administrações Municipais de outros sítios de interesse cultural e económico com a finalidade de promover iniciativas comuns de desenvolvimento da oferta turística das Regiões, particularmente interessadas a:

- sustentar o marketing telemático turístico no âmbito nacional e internacional,
- colaborar com outros entes para valorizar a oferta turística e de representação,
- sustentar a produção de publicações para a difusão da oferta cultural das regiões,
- promover e actualizar a legislação no sector turístico.

Por quanto pertence o específico instrumento do UNESCO para a tutela e valorização dos seus lugares, a administração de Matera prevê elaborar integralmente um “*Piano di Gestione dei Sassi*”.



Figura 22 - Os Sassi, Património UNESCO (World Heritage List-1993).

Figura 23 - Recuperação de um interior de um quarto de um Hotel

1.11 CONCLUSÕES

Os *Sassi* representam uma significativa experiência de conservação e recuperação. Se a maioria da recuperação foi possível graças aos específicos fundos financeiros, tem-se também de reconhecer a capacidade de administração das entidades culturais locais de motivar e fazer boa negociação entre os interesses públicos e privados, conseguindo reconhecer e valorizar um sítio complexo.

Esta competência e habilidade foram reconhecidas para outros Países Europeus e no mediterrâneo. Matera, de facto participou na elaboração de um manual técnico de intervenção, que foi aplicado para numerosas intervenções de salvaguarda e conservação de centros históricos dos Países na área do Mediterrâneo. Este manual, é financiado no âmbito de uma iniciativa comunitária INTERREG IIC⁹. A calendarização das áreas com precedência de acção são diferentes e o programa definiu três medidas ou áreas prioritárias de acção:

- Promover o poli centrismo e reforçar a competitividade do sistema urbano,
- Desenvolver os espaços rurais de baixa densidade populacional,
- Lógicas de conexão das redes interiores e inserção nos sistemas europeus de transportes.¹⁰¹³

O governo da complexa requalificação foi possível:

- Ao eficiente sistema de sinergias instaurado com a pluralidade de instituições públicas interessadas,
- Por uma unívoca política de realização de uma restauração conservativa bem gerida por o gabinete dos *Sassi* no qual são concentrada todas as sinergias das intervenções,
- A capacidade de adoptar mecanismos e procedimentos burocráticos rápidos, garantindo a colaboração entre empresas privadas e públicas.

Extremamente qualificante é a escolha de recuperar por destino cultural 20% das superfícies, num complexo de cento e quarenta e três mil m² dos bairros dos *Sassi*, assim assegurando a dinamização de instituições e eventos que caracterizam Matera sempre mais como uma cidade de arte e cultura.

⁹ www.interreg3c.net

¹⁰ Estratégia e Plano de Acção para o turismo sustentável

2. CASO DE ESTÚDIO COVILHÃ

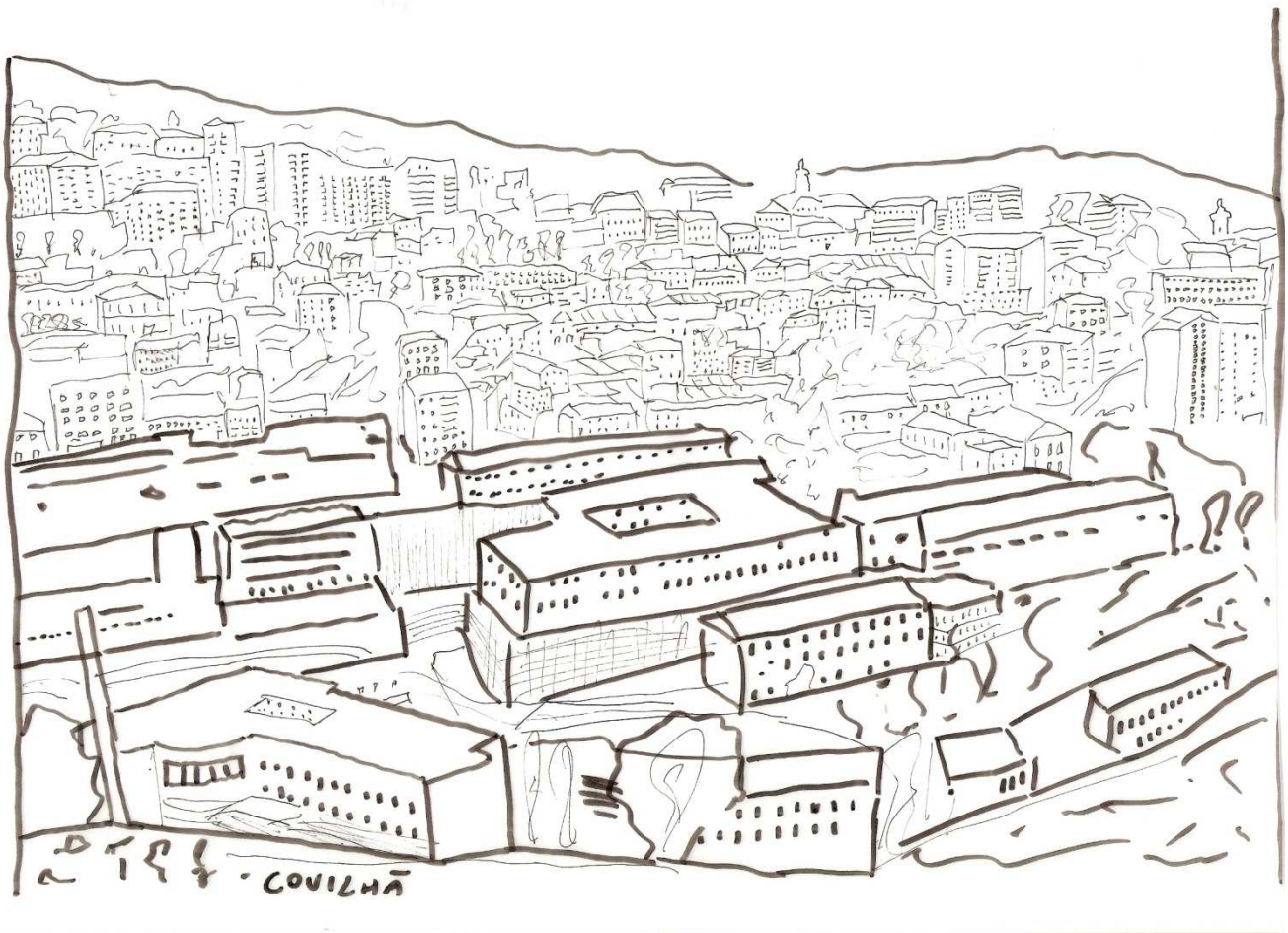


Figura 24 - Esboços da Covilhã

2.1 INTRODUÇÃO

Desde há muito tempo que a Covilhã e a região da Cova da Beira foram habitadas, ainda hoje não se sabe nada de concreto sobre a origem da Covilhã, ainda não foram efectuadas achados arqueológicos dentro da cidade, que comprovem ter havido uma ocupação romana ou de outro povo primórdio. As incursões muçulmanas também não deixaram claros vestígios. Deste modo, a fundação da cidade é atribuída nas lendas e narrativas ao fictício Conde Julião, e o nome da cidade à sua mal afamada filha Florinda, Júlia ou Júlia da Cava. Alguns autores atribuem a esta primitiva povoação o nome de Silia Herminii, de Silius, general de Júlio César e de Herminio Mons., pelo ano 41 A.C.

Sabe-se que, no ano 711 os Árabes invadem a península onde permanecem até ao século XV marcando também as estruturas territoriais e as culturas, de forma mais acentuada à medida que se caminha para sul.

A partir da reconquista, e com a formação das nacionalidades ibéricas, a história e evolução da Covilhã ligou-se e integrou-se na evolução da nação portuguesa, dentro dos limites impostos pela situação geográfica.

Com o rodar dos tempos foi-se acentuando as diferenças entre as formas de vida do mundo rural e urbano em Portugal, não tendo os sucessivos governos trazido à região os benefícios que permitissem contrariarem o seu isolamento. Para além da agricultura, e mais recentemente o minério e o turismo, apenas a indústria têxtil e a produção de lã individualizaram esta região.

2.2 TERRITÓRIO E CLIMA

A cidade portuguesa da Covilhã situa-se na vertente oriental do maciço da Serra da Estrela a cerca de 700 metros de altitude.



Figura 25 - Localização da Covilhã

A Cordilheira Central é o sistema montanhoso mais importante de Portugal. Na Torre, a 1993 metros de altitude, a Serra da Estrela ocupa uma posição de destaque, constituindo um valor ímpar em termos de património geográfico e geológico de Portugal.¹¹

Ao longo de vários milhões de anos, a erosão esculpiu este relevo, ostentando a serra de formas graníticas e de areias, produto da arenização do granito. Resultados da última glaciação são os vales em “u”, depósitos glaciários, lagoas e covões, blocos erráticos e vales suspensos.

A Serra da Estrela apresenta um clima de altitude com temperaturas amenas no Verão e baixas no Inverno, que diminuem à medida que se sobe a montanha. Estas condicionantes fazem com que os pontos mais altos permaneçam cobertos de neve até finais da Primavera.

A vegetação da Serra varia consoante a temperatura e a altura, e apesar de várias plantas surgirem também noutras montanhas da Península Ibérica, outras são exclusivas da Serra da Estrela. As mais características são o teixo (uma árvore arbustiva), o zimbro-rasteiro e a tramazeira. A existência, em covões, de pastagens de cervum – os cervunais – proporciona pastos de qualidade no verão, permitindo desta forma acolher rebanhos nacionais que passaram o inverno no Alentejo e Douro, bem como de rebanhos castelhanos.



Figura 26 - Vegetação da Serra da Estrela

¹¹ Fonte www.icnb.pt

O clima do município é mediterrânico continental, sendo que as precipitações são mais escassas no verão. Os Verões apresentam temperaturas moderadamente altas, enquanto os Invernos têm temperaturas baixas. O frio aumenta conforme a altitude, variando de temperaturas amenas nas partes mais baixas a temperaturas negativas e ocorrências de neve, por vezes abundantes, nas áreas mais elevadas, como a localidade de Penha da Saúde, acima de 1.500 metros de altitude, a apenas 9 km da Torre. Na área urbana da Covilhã, a neve costuma aparecer muito pouco e praticamente não acumula sobre o solo.



Figura 27 - Território da Serra da Estrela

A lã, obtida através da prática da pastorícia, a neve, que alimenta rios e ribeiros, a bravura do Homem são emblemas inegáveis que impulsionaram a indústria de lanifícios, atribuindo à Serra da Estrela e a suas terras um papel de referência nacional.

2.3 A PRESENÇA HUMANA NA HISTORIA

O passado da Covilhã remonta aos tempos da romanização da Península Ibérica, quando foi castro proto-histórico, abrigo de pastores lusitanos e fortaleza romana conhecida por Cava Juliana ou Silia Hermínia. Quem mandou erguer as muralhas do seu primitivo castelo foi D. Sancho I que em 1186 concedeu foral de Vila à Covilhã. E, mais tarde, foi D. Dinis que mandou construir as muralhas do admirável bairro medieval das Portas do Sol. Era já na Idade Média uma das principais "vilas do reino", situação em seguida confirmada pelo facto de grandes figuras naturais da cidade ou dos arredores se terem tornado determinantes em todos os grandes Descobrimientos dos sécs. XV e XVI: o avanço no Oceano Atlântico, o caminho marítimo para a Índia, as descobertas da América e do Brasil, a primeira viagem de circum-navegação da Terra. Em plena expansão populacional quando surge o Renascimento, sector económico tinha particular relevo na agricultura, pastorícia, fruticultura e floresta.



Figura 28 - Muralhas medieval das Portas do Sol.



Figura 29 - edifícios construídos ao pé das muralhas

O comércio e a indústria estavam em franco progresso. Gil Vicente cita "os muitos panos finos". O Infante D. Henrique, conhecendo bem esta realidade, passou a ser "senhor" da Covilhã. A gesta dos Descobrimientos exigia verbas avultadas. As gentes da vila e seu concelho colaboraram não apenas através dos impostos, mas também com o potencial humano.

A expansão para além-mar iniciou-se com a conquista de Ceuta em 1415. Personalidades da Covilhã como Frei Diogo Alves da Cunha, que se encontra sepultado na Igreja da Conceição, participaram no acontecimento. A presença de covilhanenses em todo o processo prolonga-se com Pêro da Covilhã (primeiro português a pisar terras de Moçambique e que enviou notícias a D. João

II sobre o modo de atingir os locais onde se produziam as especiarias, preparando o Caminho Marítimo para a Índia) João Ramalho, Fernão Penteado e outros. Entre os missionários encontramos o Beato Francisco Álvares, morto a caminho do Brasil; frei Pedro da Covilhã, capelão na expedição de Vasco da Gama para a Índia, o primeiro mártir da Índia; o padre Francisco Cabral missionário no Japão; padre Gaspar Pais que de Goa partiu para a Abissínia; e muitos outros que levaram, juntamente com a fé, o nome da Covilhã para todas as partes do mundo. Os irmãos Rui e Francisco Faleiro, cosmógrafos, tornaram-se notáveis pelo conhecimento da ciência náutica. Renascentista é Frei Heitor Pinto, um dos primeiros portugueses a defender, publicamente, a identidade portuguesa. A sua obra literária está expressa na obra "Imagem da Vida Cristã". Um verdadeiro clássico.



Figura 30 - Vista da Covilhã

A importância da Covilhã, neste período, explica-se não apenas pelo título "notável" que lhe concedeu o rei D. Sebastião como também pelas obras aqui realizadas e na região pelos reis castelhanos. A Praça do Município foi até há poucos anos, de estilo filipino. Nas ruas circundantes encontram-se vários vestígios desse estilo. No concelho também. Exemplos de estilo manuelino também se encontram na cidade. É o caso de uma janela manuelina da judiaria da Rua das Flores. É o momento de citar o arquitecto Mateus Fernandes, covilhanense, autor do projecto da porta de entrada para as Capelas imperfeitas, no mosteiro da Batalha.

As duas ribeiras que descem da Serra da Estrela, Carpinteira e Degoldra, atravessam o núcleo urbano e estiveram na génese do desenvolvimento industrial. Elas forneciam a energia hidráulica que permitiam o laborar das fábricas. Junto a essas duas ribeiras deve hoje ser visto um interessante núcleo de arqueologia industrial, composto por dezenas de edifícios em ruínas. Nos dois locais são visíveis dezenas de antigas unidades, de entre as quais se referem a fábrica-escola fundada pelo Conde da Ericeira em 1681 junto à Carpinteira e a Real Fábrica dos Panos criada pelo Marquês de Pombal em 1763 junto à ribeira da Degoldra. Esta é agora a sede da Universidade da Beira Interior na qual se deve visitar o Museu de Lanifícios, já considerado o melhor núcleo museológico desta indústria na Europa. A Covilhã foi, finalmente, elevada à condição de cidade a 20 de Outubro de 1870 pelo Rei D. Luís I, por ser "uma das vilas mais importantes do reino pela sua população e riqueza".

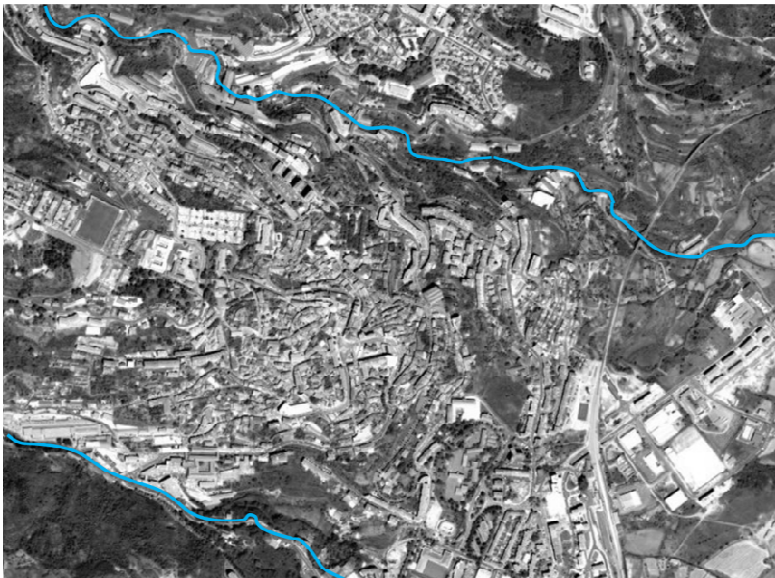


Figura 31 - Percurso As duas ribeiras que descem da Serra da Estrela



Figura 32 - ribeira da Carpinteira

2.4 A ROMANIZAÇÃO E A CALÇADA ROMANA DA COVILHÃ

Antes da ocupação romana apenas se conhecem vestígios de uma via unindo os portos do sul da península às províncias das Beiras.

São escassos os documentos existentes sobre a ocupação romana da Lusitânia. Sabe-se que o território mais próximo da fronteira de Portugal era Emerita (Mérida). As vias que uniam Mérida à cidade do Norte (Braga, Conímbriga, Viseu, Lamego etc..) passavam por Igeditana (Idanha Velha), capital do povo Igeditanienses, que se distribuía a Norte do Tejo até cerca de Pero Viseu.¹² Na cova da Beira Habitavam os Lancienses Oppidanos, cuja capital, Lancia Oppidana, é hoje Valhelhas, que era ponto de convergência de cinco vias romanas em que uma delas unia Valhelhas às Portas de Ródão, por Sarzedo, Covilhã, Alcaria, Alcongosta e Alpedrinha. Outros vestígios e monumentos famosos testemunham a presença romana como a famosa torre em ruínas de “Centum Cellas” (século V A.C), algum vestígios de vias Romanas (Caria e Ferro) e a ponte da Caria.

O único troço identificado como pertencendo a uma calçada romana na cidade da Covilhã, fica junto à Estação dos Caminhos-de-ferro. O acesso faz-se por uma transversal a rua Mateus Fernandes. Tem uma extensão continuada com cerca de 45 metros, e é conhecida actualmente por Rua Corredoura. Começa a Este na área da Estação e dirige-se a Oeste, formando uma pendente pouco acentuada. O pavimento foi construído por blocos irregulares nas faixas de rodagem, actualmente está completamente revestida de alcatrão.



Figura 33 - Calçada romana, actual rua Mateus Fernandes.



Figura 34 - Antiga pavimentação actualmente coberta de alcatrão.

¹² MOURA QUINTELLA, Arthur – Subsídios para a Monografia da Covilhan, Covilhã edição da associação de estúdio e defesa do património histórico-cultural da Covilhã, 1990.

Provavelmente era por esta calçada romana que se fazia o acesso a um castro que terá sido romanizado. Deveria integrar-se na via que ligava Tomar à Covilhã e a Monsanto. Já se conhecem referencia a esta calçada no século XII. Deve ter sido reconstruída na Idade Media. O topónimo “Corredoura” pode querer dizer-nos que por aqui passava um pequeno regato, talvez originado numa nascente próxima. Vem a propósito referir a antiga “Fonte da Corredoura” (fonte manuelina, do século XVI, com duas bicas, apresentando ao centro o Escudo Real, ladeado por duas esferas armilares), trasladada mais tarde para Avenida 25 d Abril.

A calçada romana está classificada como “Imóvel de Interesse Publico” desde 1992.

Em 1983, foi objecto duma intervenção arqueológica efectuada pelo Centro de Estudos e Protecção do Património da Universidade da Beira Interior. Durante esta intervenção confirmou-se uma ocupação romana posterior, testemunhada por cinzas e terra queimada, fragmentos cerâmicos, carvão mineral e vegetal e fragmentos de ossos.

Não se sabe grande coisa sobre esta “Calçada”. Poderá tratar-se dum troço da chamada “Via Covilhanenses” que passava por Paúl, Casegas e Sobral de Casegas, hoje Sobral de S. Miguel e daqui prosseguia pela margem direita do Zêzere em direcção Tomar.

Esta “Via” poderia corresponder a um antigo caminho pré-romano. F. Tavares Proença (Júnior) informa-nos dum “esconderijo” da Idade do Bronze que se teria descoberto perto de Paúl. Este “esconderijo” eram utilizados por “mercadores/artesãos” que circulavam ao longo do caminho, recolhendo machados de bronze usados que fundiam para renovar os utensílios dos povoados. O pagamento seria em espécies, razão pela qual iam acumulando machados que teriam de esconder em sítios que só eles conheciam.

Alguns dos machados encontrados no Paúl foram para o museu de Castelo Branco.

Provavelmente trata-se duma via secundaria que servia os diversos castros da região nascente da Serra, dado que são inúmeros os sítios onde apareceram vestígios de ocupação romana.

2.5 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

A sucessão de D. Afonso Henriques não foi dada facilitada, embora ainda se saiba pouco sobre algumas questões e comportamentos que a terão acompanhado. São um tanto misteriosas as razões que levaram Pero Pais da Maia, o “Alferes” a exilar-se na corte leonesa, ou as que fizeram com que o filho bastardo do rei D. Afonso Henriques, chamado Fernando Afonso, tivesse feito o mesmo apesar de se considerar o primogénito do nosso primeiro rei. Este D. Fernando Afonso, filho de D. Chamoá Gomes, chegou a “Mestre” da Ordem do Hospital na “Hispania”. Tomou parte na 4ª Cruzada (1202-1204), contra Constantinopla e quando finalmente regressou a Portugal, parece ter sido envenenado pelos cavaleiros de Santiago (1207).

Tudo isto mostra uma relativa contestação interna à sucessão de D. Afonso Henriques. Seja como for, as hostilidades entre Portugal e o Reino de Leão, agravadas como “falhanço” do casamento entre Fernando II de Leão e D. Urraca Afonso, irmã de D. Sancho I, desembocaram em guerra aberta, sobretudo a propósito da posse da região de Ribacoa e tiveram como consequência o desastre da Batalha de Arganal (Ciudad Rodrigo), onde D. Sancho I sofreu uma enorme humilhação (1180).

A situação piorou, quando em 1184, o Emir de Marrocos, Yussuf I, iniciou uma grande ofensiva que colocou em risco toda a linha fronteiriça cristã do Rio Tejo. A ofensiva terminou de forma feliz para os cristãos que se defenderam, em último reduto, dentro das muralhas de Santarém. Yussuf I morreu no regresso a Sevilha, dando oportunidade a que seu filho Al-Mansur fosse aclamado sucessor.

Em 1185, morreu D. Afonso Henriques. Portugal e o projecto de independência parecia mergulhado num horizonte cinzento de problemas.

D. Sancho I teve de engrenar a situação com determinação. Apoiou-se nas ordens militares para reforçar a defesa nacional e recomeçou a ofensiva contra os almóadas. Concedeu os castelos de Alcanede, a Vila de Alpendriz e fez promessa do Castelo de Juromenha (quando fosse conquistada), aos freires militares de Évora. Aos militares de Sant’Iago concedeu em 1186, os castelos de Almada, Palmela e Alcácer do Sal. Tudo isto para reforçar a linha defensiva do Tejo.

Com o objectivo de reforçar as defesas contra os interesses leoneses e castelhanos, retomou a política de estímulo ao povoamento demográfico que havia sido aplicada pelos forais de Santarém, Lisboa e Coimbra, em 1179 e concedeu idênticos privilégios às povoações de Gouveia e

Covilhã (1186), Avô, Viseu e Fogosinho (1187), Valhelhas (1188) e a Bragança e Penarroia (1187).

Em 1188, morreu Fernando II de Leão e a situação pareceu aliviar-se por aquele lado, uma vez que lhe sucedeu Afonso IX, que era filho duma Infanta portuguesa chamada D.Urraca Afonso e portanto, sobrinho de D.Sancho I. D. Sancho I podia com alguma tranquilidade voltar-se para as tarefas de Reconquista do Sul de Portugal. E, de facto, em 1189 decidiu-se pela tomada de Silves cujo interesse estratégico era enorme, devido ao facto de ser a partir de Silves que se organizavam as constantes arremetidas por mar, por parte dos piratas serracenos que não davam tréguas a Lisboa, e Alcácer do Sal, bem como ao comércio internacional com o Mediterrâneo que se apoiava na navegação italiana.

D.Sancho I, governou durante quatro longas décadas. Também não foi um reinado tranquilo, antes um reinado repleto de movimentações militares e diplomáticas.

Os problemas mais graves colocavam-se na zona de fronteira e com Castela e Leão. Sabe-se que o rei de Leão, por exemplo, no ano de 1198 invadiu Portugal provocando uma sangrenta batalha em Ervas Tereras , junto a Pinhel, na qual morreu parte da fina flor da nobreza de um lado e do outro. De nada havia valido o acordo de Zamora, assinado entre D.Sancho I e D.Afonso IX, no ano de 1194.

Foi essa instabilidade militar e política que originou a intensificação duma estratégia de defesa e povoamento das povoações de fronteira.

De facto, enquanto até 1190, só haviam sido concedidas cartas de foral às povoações do interior como Viseu ,Gouveia, Avô e Folgosinho da Beira, depois dessa data, os forais foram outorgados principalmente às povoações da fronteira, ou melhor, das fronteiras, isto é, da fronteira sul com os mouros e da fronteira oriental e setentrional, ameaçada pela política militar leonesa.

No primeiro caso, foram outorgados os forais de Torres Novas e de Almada, depois os das povoações que rodeavam Évora, como Marmelar, Montemor-o-Novo, ou as que rodeavam Santarém, como Pontevel, Povos e Benavente; no segundo caso, que se nos refere mais directamente, o perigo não provinha dps mouros almóadas, mas dos cristãos leoneses. Daí que os forais tenham sido concedidos às povoações capazes de ajudar contra esse perigo, através da reconstrução dos seus castelos e o reforço demográfico do povoamento. Estão neste caso, os forais outorgados a São Vicente da Beira (1195), a Penedono (1195), a Belmonte (1199), à Guarda (1199), a Penamacor (1209) e Pinhel (1209).

Foi neste contexto que a Covilhã foi repovoada e amuralhada. As muralhas foram financiadas por D.Sancho I, que para isso destinou fundos financeiros no seu testamento, mas as obras demoraram alguns anos e em 1209, ainda não estavam concluídas, quando a Covilhã sofreu um cerco e um ataque de mouros que ocuparam a Covilhã até 1210. Nesse ano D.Sancho I veio retomar a Covilhã e ordenou que as obras de reconstrução das muralhas avançassem com a urgência necessária.

Em tudo isto, deve ter-se como muito provável a decisiva intervenção dos moradores da Covilhã, certamente tão interessados como o rei na segurança do que era seu. E repare-se que já que o foral de 1186, se refere a claras prerrogativas de auto defesa e de auto-subsistência. Refere-se ao gado, à pastorícia, à produção de lã e de linho, bem como ao comércio de panos, donde se conclui que a actividade económica era já importante.

Foi por isso que Alexandre Herculano pensava que a Covilhã já se encontrava organizada em “concelho”, mesmo antes do foral de 1186. Mas Herculano tendia a ver uma espécie de “espírito nacional” em muitas terras com as quais se construiu a nacionalidade. No entanto a provável presença duma “comuna” judaica já no século XII, na Covilhã pode significar que havia um certo grau de urbanização e de desenvolvimento artesanal e comercial locais.

O próprio foral de 1186 ao ser decalcado no Foral de Évora, indicia esse nível urbano. Trata-se de um foral que expressamente declara pretender restaurar a Covilhã.

Mas a reconstrução não parece ter sido tarefa fácil. D.Sancho I terá mandado construir fora dos muros da Covilhã, as três igrejas e paróquias de S.Martinho, São José e São Silvestre, o que parece indicar que a reconstrução do casco urbano era difícil, talvez mercê da destruição a que esteve sujeito, com a conquista mourisca de 1209.

Os “muros” não seriam grandes defesas, uma vez que pouca gente queria lá morar. Este despovoamento interno da Covilhã, parece que ainda preocupava as autoridades no tempo de Fernando, pois este rei teve de conceder alguns privilégios a quem quisesse mudar-se para lá, o que desagradou aos moradores dos “arrabaldes” da Covilhã.

Dentro de portas, havia as paróquias de Nossa Senhora do Castelo e uma Ermida de Nossa Senhora (do Rosário), da qual, o pároco que fez o relatório de 1758, diz ser “magnífica”.

Em 1300, D.Dinis ordenou o reforço e a reconstrução das muralhas, acrescentando-lhe novas torres por forma a alargar a área amuralhada. Havia então três portas que eram a “Porta do

Sol”, a “Porta de São Vicente” e a “Porta do Vale do Caravelho (ou Atravelho)” e ainda três “postigos”.

Nos finais do século XIV teria havido obras de recuperação. Talvez por iniciativa de D.Fernando pelas razões referidas.

O mesmo aconteceu com D.Afonso V que, em 1459, ordenou a reparação geral das muralhas da Covilhã.

Em 1510, D.Manuel concedeu “foral novo” à Covilhã e ordenou o alargamento da área amuralhada. Em 1527, o senhorio da Covilhã foi entregue ao Infante D.Luis, Duque de Beja. Em 1641, os “Capítulos da Cortes” mencionavam as muralhas da Covilhã pelo facto de estarem em alguns troços arruinadas e ser urgente a respectiva reconstrução. Nessas “Cortes” já aparece uma referência ao “Paço de El-Rei”.

Em 1734, as muralhas deveriam já ser considerados um estorvo e um obstáculo ao crescimento urbano. Começaram a ser desmanteladas para aproveitamento da pedraria de granito. No ano de 1769 foi mesmo autorizado por alvará régio que se utilizasse a pedraria das muralhas para a reconstrução da Real Fábrica de Panos da Covilhã.

Nos meados do século XX foi demolido o edifício filipino dos Paços do Concelho onde se integrava a muralha e a torre que defendia a “Porta de Vila” e apareceu uma cisterna que foi identificada e preservada pela Associação Cava Juliana. Nesta “Porta de Vila” havia o “Arco da Cadeia” do lado este e o “Postigo do Atravelho” ou do “Caravelho” a Norte. Ao longo da muralha que foi desenhada na segunda metade do século XVIII por José Monteiro de Carvalho, identificaram-se os “postigos” do “Rosário”, do “Sul”, da “Barbacã”, de “D.Joana”, do “Terreiro de D.Teresa” e da “Pausa”. A Torre de Menagem e a Cidadela, ficavam próximos à chamada “Porta do Castelo”. Ficava ali também o “Arco da Coarca” que se deveria integrar num antigo aqueduto para serventia de água a uma parte da Vila. Uma parte da muralha junto à “Porta do Sol” ruiu em 2000.

As muralhas formavam um polígono irregular de tendência quadrangular. Ainda se conservam alguns troços na Rua António Augusto de Aguiar (onde era a “Porta do Sol”), na Rua Cristovão de Castro (com vestígios da “Porta de São Vicente” constituídos por dois cunhais boleados) e um pequeno nicho, na Rua Capitão João de Almeida.

A zona da “Porta do Castelo” (Oeste), no topo da Rua Capitão João de Almeida, apresenta alguns troços interrompidos, mas agora integrados numas instalações industriais, o que acontece também com os vestígios da “Porta de São Vicente” antes mencionados.

No torço da Calçada de Santa Cruz (zona Norte), ainda se assinalam, o sítio onde era o “Postigo do Atravelho”, vestígios do “Arco da Coarca” e do torreão octogonal (que seriam da Torre de Menagem e hoje aparece a servir de depósito de água e parcialmente revestido a cimento).

Entre o sítio onde ficava a “Porta do Castelo” e o sítio do “Postigo da Pausa”, podiam ver-se três troços descontínuos, mas alinhados, metidos nas paredes de algumas casas e muros de quintais. Este três troços, localizados mais precisamente, entre a Calçada de Santa Cruz e as Escadas do Castelo, devem pertencer a um dos períodos em que a cerca foi alargada.

No alçado posterior duma casa situada no Beco do Castelo, ainda podemos ver uma seteira, do qual se aproveitou a abertura para instalar uma janela.

Entre a Rua do Norte e a Rua dos Bombeiros Voluntários, junto à Travessa do Postiguingo, a muralha aparece bem visível, à excepção dum troço que agora corresponde à Praça do Município (zona Este).



Figura 35 - Torreão octogonal do antigo castelo

2.6 COVILHÃ, UMA PORTA PARA A ESTRELA

A Covilhã é uma cidade portuguesa, porta da Serra da Estrela, com 36 723 habitantes cujo o perímetro urbano é formado por quatro freguesias originárias (Santa Maria, Conceição, São Martinho e São Pedro) e mais seis (Teixoso, Canhoso, Vila do Carvalho, Cantar Galo, Boidobra e Tortosendo) que se uniram à cidade quando pelo seu crescimento o perímetro desta se alargou.

É a terra da indústria da lã, de cariz operário, berço de descobridores de quinhentos, hoje uma Cidade com Universidade pública. A Covilhã pertence ao Distrito de Castelo Branco, estando situada no eixo Norte-Sul entre esta e outra capital de distrito a Norte (Cidade da Guarda). Na vertente sudeste da Serra da Estrela, a Covilhã (cujo Concelho totaliza 54 505 hab.) é um dos centros urbanos de maior relevo no interior, a par de Castelo Branco e Guarda.

A cidade está localizada a cerca de 20 km do ponto mais alto de Portugal Continental, a Torre (1993 m) e o seu núcleo urbano estende-se entre os 450 e os 800 m de altitude. É uma cidade de características próprias desde há séculos, conjugando em simultâneo factos interessantes da realidade portuguesa.



Figura 36 - Torre Serra da Estrela, 1993 metros de altitude.

2.7 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE PORTUGAL DA DÉCADA DE 60

Portugal até aos anos sessenta era um país rural e pobre. Eram baixos os rendimentos dos agricultores e camponeses, como reduzida era a produtividade. Faltavam equipamentos, técnicas e conhecimentos modernos. Nos anos 50 e 60, esta pobreza atingiu limites insuportáveis e a população continuava a aumentar. As famílias foram forçadas a pensar em alternativas à sua vida. Isto coincide com algum crescimento na construção e na indústria e com muito forte procura de força de trabalho por parte dos países europeus. A nova indústria portuguesa e as cidades em crescimento absorveram uma pequena parte da população pobre que tinha de abandonar os campos, mas muitos tiveram de emigrar.

Nos anos 60, quase metade da população vivia da agricultura, das pescas e das minas. Hoje, é cerca de 5%. No Norte e no Centro, a propriedade eram muito pequena, enquanto no sul dominava a grande propriedade. Existiam ao todo um milhão de explorações agrícolas que forneciam cerca de 70% das necessidades alimentares da população. Hoje, são cerca de 500 000 que fornecem 20% das necessidades. E só 50 000 empresários fazem da agricultura a sua actividade principal. Ao todo cerca de um milhão de pessoas deixou a actividade. A composição social e profissional da população residente e da população activa sofreu, neste período de quatro décadas, transformações profundas. Segundo os Censos, a população empregada no sector primário passou de 43.6% (em 1960) para 10.95% (em 1991), sendo actualmente de cerca de 6%. A do sector secundário subiu, no mesmo período, de 28.9% para 37.9%, podendo ser hoje de 34% a 36%. A do sector terciário saltou de 27.5% para 51.3% e em 2005 de 55%. Sublinha-se o facto de nunca a população activa portuguesa ter sido maioritariamente industrial ou empregada no sector secundário, o que, na Europa, é caso único.¹³¹⁵

¹³ Fonte www.censos.ine.pt

2.8 PATRIMÓNIO HISTÓRICO URBANO DA COVILHÃ

Quem actualmente entra na Covilhã pela estrada que dá acesso à via rápida castelo Branco-Guarda pode seguir a direita para a Estação do Caminho de Ferro pela central de camionagem e Pavilhão das Feiras e Exposições, ou bifurcar à esquerda pela Estrada da Palmatória até próximo da Ponte do Rato, sobre a Ribeira da Degoldra. Ali, o primeiro monumento a visitar é a igreja de São Martinho. É a igreja mais antiga que se conhece e deve datar do século XII. Uma lenda local atribui a D. Fuas Roupinho. Foi sede da Paroquia de São Martinho. O templo assenta numa plataforma plana, relativamente elevada em relação a Rua Marques Ávila e Bolama. O acesso faz-se por dois lanços de escadas. O adro ajardinado está resguardado por um muro. O templo tem planta longitudinal composta por dois rectângulos justapostos. A fachada principal, apresenta um portal em arco pleno com duas arquivoltas molduradas assentes em colunas de capiteis, decorados com motivos vegetais estilizados. O tímpano é decorado por quadrifolhos esculpidos e assente em umbrais curvos. Sobre o portal há uma linha de quatro misulas. Por cima apresenta uma festa em arco pleno, com uma arquivolta assente em colunas com capiteis igualmente decorados com motivos vegetais. As portas laterais são também em arco pleno. O interior é de uma nave única, iluminada por duas frestas. O arco principal é de volta inteira, ladeado por dois altares com frontais revestidos a azulejos policromos de aresta. Há vestígios de frescos sobre os altares. A capela-mor, também iluminada por frestas, apresenta um nicho revestido a azulejos policromos. Estes azulejos devem datar do século XVI. Foram recentemente objecto duma intervenção de conservação e restauro. Também por razão de conservação, foram retiradas para a Reitoria da Universidade Da beira Interior, duas tábuas pintadas, atribuíveis aos séculos XV ou XVI, representando São Lourenço e Santo Estêvão, e uma outra pintura sobre tela do século XVIII, representando o Calvário. Para a igreja a igreja de Santa Maria, deverá ter sido removida uma antiga relíquia do Santo Lenho que aqui avia. A igreja está classificada como “Imóvel de Interesse Público” desde 1963.¹⁴

A partir da igreja de S. Martinho começa-se um percurso de arquitectura religiosa que abrange outro três monumentos mais significativos: A Igreja de N^a S^a da Conceição¹⁵, é o que ficou do antigo Convento da Ordem de S. Francisco, ali existente desde o século XIII. Em 1834 o industrial Mendes Veiga adquiriu o convento onde instalou uma fabrica. A igreja tornou-se igreja matriz da paroquia, o seu aspecto actual é resultado de inúmeras intervenções ao longo dos séculos.

¹⁴ Classificado Imóvel de Interesse Público, Dec. 45327, GD 251 de 25/10/1963

¹⁵ Classificado Imóvel de Interesse Público, Dec. 1/86, DR 2 de 03/01/1986

A Igreja da Misericórdia¹⁶, situada no centro da cidade no Largo do Município (antigo Largo do Pelourinho), a sua construção iniciou-se no século XVII, as últimas intervenções datam dos anos 40 do século XX, a demolição da “Câmara Filipina” do início do século XVII, ameaçaram também a existência da Igreja.

A Capela da Santa Cruz¹⁷, ou Capela do Calvário, construída ou recuperada por D. Luís, filho de El-Rei D. Manuel I e senhor da Covilhã fica no sopé da Serra perto dos poucos vestígios do Castelo da Covilhã e como todos os outros monumentos aqui mencionados fora do perímetro das muralhas da cidade.



Figura 37 - Igreja de N.ª S.ª da Conceição século XIII



Figura 38 - A Igreja da Misericórdia, século XVII



Figura 39 - capela S. Martinho XII



Figura 40 - Capela do Calvário XII

¹⁶ Classificado Imóvel de Interesse Público, Dec. 67/97, DR 301 de 31/12/1997

¹⁷ Classificado Imóvel de Interesse Público, Dec. 42692, DR 42692, DR 31/12/1997

Do património industrial até hoje só o “Conjunto de Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fabrica de Panos da Covilhã”¹⁸ foi classificado, situado na margem esquerda da Ribeira da Degoldra e musealizado como Pólo I do Museu de Lanifício da UBI, na Rua Marques d’Ávila e Bolama. Perto e “em vias de classificação com despacho de abertura” fica o “Conjunto industrial da Fonte do Lameiro”, na Ribeira da Carpinteira encontram-se os vestígios da “Fabrica Velha” onde o conde de Ericeira implantou a primeira manufactura no século XVII.

O património da Arquitectura Civil classificado ou em via de ou em estudo de classificação abrange uma serie de monumentos datáveis do século XIV ate aos meados do século XX. A mais antiga construção classificada como Cisterna Medieval¹⁹ num edifício do século XVI na rua 1º de Dezembro nº 10, atrás da actual Câmara Municipal, é uma fonte mergulho de adobada de berço de volta perfeita, a única fonte dentro do recinto das muralhas provavelmente o “Poço del Rei”, de que fala um documento de 1641. Perto da Igreja da Santa Maria fica a “Casa das Morgadas” do século XVII construído por um industrial de lanifícios, com salas de tecto pintado. Em frente da mesma igreja fica a “Casa dos Ministros”, IIP, Dec. 5/2002, DR 1ª Serie B, 19/02/2002”, edifício do século XVIII de dois pisos, primeiro de grandes arcadas e segundo que dava alojamento aos Juízes de Fora também chamadas Ministros Territoriais.



Figura 41 - Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fabrica de Panos



Figura 42 - Cisterna Medieval, século XVI

¹⁸ Classificado Imóvel de Interesse Publico, Dec. 28/82, DR 47 de 26/02/1982

¹⁹ Classificado Imóvel de Interesse Publico, Dec. 28/82, DR 47 de 26/02/1982

Em vias de classificação encontram-se o chamado “Palacete do Jardim”, projecto do Arquitecto Ernesto Korrodi dos anos 20 do ultimo século, vivenda da família José Maria Bouhon, industrial de lanifício de origem belga, com elementos arquitectónicos da Arte Nova.

Testemunho da arquitectura do estado Novo nos anos 50 é o conjunto composto dos edifícios do Cineteatro, da câmara Municipal, inaugurada em 1958, da Telecom, antigos CTT, e da Caixa Geral de Depósitos no Largo do Município, antigo Largo do Pelourinho cujos vestígios também foram classificados como IIP Dec. 23122, DG 231, 11/10/1993²⁰, em Vias de Classificação. O conjunto do Centro Histórico e a Judiaria da Covilhã encontram-se em vias ou em processo de estúdio de classificação.

A arquitectura militar é constituída pelo maior monumento, em termos de expansão, os vestígios da “Villa da Covilhã” outrora ali existentes. Tendo como base a descrição das muralhas na “Historia do Lanifícios (1750-1843) foi elaborado um relatório²¹ intitulado “Relatório sobre as muralhas da cidade da Covilhã” acompanhando por uma planta e documentação fotográfica. O relatório serviu de memoria descritiva no processo de classificação das muralhas, seis anos depois as muralhas da Covilhã foram classificadas como “imóvel de interesse Publico”²²



Figura 43 - Edifícios do Cineteatro, anos cinquenta



Figura 44 - muralhas da cidade

²⁰ Cujo vestígios também foram clasificados como IIP Dec. 23122, DG 231, 11/10/1993

²¹ Em 1980 por Ana Maria Mosa Carvalho Dias e Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira

²² Diaro da republica, Serie 2, 1/86 de 03/01/1986.

Continuando, a Igreja de São Martinho está quase escondida pelo arco da Fabrica Real pombalina, hoje Universidade da Beira Interior, e Zona Arqueológica Industrial. A ponte do arco permite a passagem sobre a Ribeira da Degoldra a cuja águas se deve à implantação aqui desta zona industrial histórica.

Em 1758 haveria na Ribeira da Degoldra pelo menos uns catorze pisões, onde trabalhavam setenta oficiais, cinco oficinas de tingir e dezasseis de tosar e prensar nas quais trabalhavam quarenta e dois oficiais.



Figura 45 - Antiga Real Fabrica de Panos, actual Museu de Lanifícios e Universidade da Beira Interior. Fonte ILFOTO

Os edifícios pombalinos aqui construídos foram reabilitados para a instalação do Instituto Politécnico da Covilhã, depois de terem servido de Quartel Militar e para uma Repartição de finanças. O acesso faz-se pela Ruam Marques de Ávila, a que dá continuidade a Rua Conselheiro Pessoa. A ribeira está ladeada ainda agora, por duas pequenas ruas, cujos topónimos indicam as fontes que por ali havia e que eram referidas no projecto que a Junta do Comercio apresentou ao Marques de Pombal e já antes, num “parecer” elaborado por Pedro António Avenente, em 1763. Esse parecer referia a ribeira do Lameiro e a travessa da Fonte Santa, do outro lado da ribeira.

A rua Marques de Ávila, atravessa praticamente a Cidade da Covilhã, ate a saída para a Guarda, pelo Canhoso e Teixoso. Serve-se como eixo a partir da qual estrutura-se algum apontamentos para uma visita as memorias urbanas da Covilhã.

Seguindo por elas e antes do entroncamento à esquerda para a Rua Visconde da Troviscada, aparecem duas casas que merecem uma olhada. Uma dele foi o edifício onde funcionou o Colégio das Doroteias ao qual se deve muito do carácter cultural que a gente, especialmente as mulheres da Covilhã, se fizeram notar desde há décadas. A outra casa é a “Casa Morão”. São edifícios do século XIX que merecem ser preservados, tal como merece a casa que Raul Lino projectou, lá mais ao fundo, em frente ao Largo de São João da Mata.

Entretanto seguindo a esquerda pela Rua do Visconde da Coriscada, que antigamente se chamava de Rua Suja, acede-se directamente ao centro Histórico da Covilhã e mais concretamente à Praça do município ou do Pelourinho.



Figura 46 - Antiga Praça do município ou do Pelourinho. Fonte ILFOTO

Antes porem, haverá que reparar, por exemplo na toponímia identitária da Covilhã que por ali aparece nas Ruas do Peso da Lã, a direita e na rua do Forno, junto as escadas de São Tiago e a Rua de São Tiago. Entre a Rua Capitão Alves Roçadas e a Rua António Augusto de Aguiar, rodeando o edifício da P.S.P. fica a Rua da Barbacã que o mesmo é dizer uma pequena rua que lembra um muro que servia de primeira defesa àquela parte da muralha da Covilhã. Lembra-se que aqui por perto, na Rua António Augusto de Guitar, ainda se podem ver vestígios dessa muralha e

que logo em frente, temos a Rua da Porta do Sol que encontra o Largo Valério Morais e dá directamente para a Igreja Matriz de Santa Maria. Ficava também aqui o primitivo núcleo de casas dos judeus da Covilhã, justamente onde existiam as vias mais importantes de acesso à Vila da Covilhã.

O actual traçado das ruas modificou muito esta zona. Mas ainda no início do século XX, estas ruas históricas permaneciam como há séculos, todas a convergirem para a actual Praça do Município ou do Pelourinho. Essa convergência de ruas só foi alterada com a construção das actuais Poços do Concelho.

Em meados do século XV, os judeus foram obrigados a tapar as portas e janelas que davam para as zonas onde moravam os cristãos. O número de moradores judeus andaria perto do meio milhar, enquanto o número dos cristãos deveria rondar por nove mil. A População avia aumentado muito e tanto os cristãos como judeus tinham já sido obrigados a construir as suas casas do lado de fora das muralhas.

As casas eram térreas e por vezes com um primeiro piso. Tinham duas portas, uma mais larga a servir para o comércio ou para a prática dos ofícios artesanais e a mais estreita para acesso à parte residencial. Por vezes as portas tinham pequenos postigos que iluminavam o interior e por onde os de dentro podiam reconhecer quem estava à porta. Aparecem exemplares destas casas térreas, embora com remodelação, na zona do castelo, Rua das Lajes, Santa Martinha, Porta São Vicente e na zona entre o Postigo do Rosário e o Albergue de São José, bem como na zona onde era Judiaria.

As ombreiras das portas eram em madeira pregadas às paredes de taipa.

Normalmente eram pintadas de forma a decorar a fachada das casas, principalmente dos que tinham um ou dois pisos, além do rés-do-chão. Mas quando as casas tinham mais que um piso superior, as ombreiras eram em granito, com as vergas de quinas biseladas ou chanfradas.

As ombreiras foram frequentemente marcadas com sinais inscritos e cruces, cujo significado se desconhece, mas que se pode relacionar com os respectivos moradores ou com os ofícios e até cargos que eventualmente exercessem.

A Rua do Ginásio Clube chamava-se antigamente a Rua da Basta, como já foi referido, o que indica que ali moravam artesãos e comerciantes que se haviam especializado no fabrico de tecido grosso para colchões e respectivamente fios com que aqueles eram cozidos depois de cheios.

Esta Rua do Ginásio Clube, ligava com a Rua das Flores por um troço da Rua da Alegria. Davam todas por um adro onde estavam as igrejas de São Paulo e São Pedro, hoje largo cinco de Outubro. Pode ver-se como as casas não tinham portas para o lado do adro, o como estas forma tapadas, por vezes com tapumes em pedra, como ainda pode-se observar numa casa na passagem entre a rua das Flores e a Rua do Ginásio Clube. Pela mesma razão nas janelas foram reduzidas a frestas, por vezes com ferros, para que só a luz pudesses entrar, sendo proibido qualquer troca comercial ou lançar as sujidades “judias” para o lado do cristão. Esta proibição lembra o nome pelo qual era proibido era conhecida a actual Rua do Visconde da Coriscada. Chamava-se Rua Suja, ao que parece por ser uma rua de casas judias. Ainda a pouco tempo, uma casa situada na rua que une, ao fundo, as Ruas do Ginásio e da Flores, eram localmente conhecida por “Casas de Judia”. Mas não se pense que eram arruamentos degradados com casas pobres e deterioradas como o aspecto actual pode fazer crer. Na realidade eram casas normais de família, alguma delas pertencentes a ricos comerciantes ou a comerciantes de tecidos, que fossem “cristãos-novos” o “velhos”.



Figura 47- Rua ginásio club



Figura 48 - Rua Das Flores



Figura 49 - Beco da Alegria



Figura 50 - Largo da Alegria

Algum destes comerciantes e fabricantes mantiveram-se aqui até há décadas atrás e só com a abertura de novas ruas, se mudaram para a Rua do marques d' Ávila e Bolama ou para outras partes de cidade, mais próximas das ribeiras na periferia onde os negócios podiam ser instalados mais facilmente. Para quem quiser ver com mais pormenor estes registos histórico urbano do passado propõem-se um pequeno roteiro também aconselhado pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal da Covilhã:

2.8.1 RUA DO GINÁSIO CLUBE (ANTIGA RUA DA BASTA)

Nº 12 - Casa com portal largo, construção de taipa na parte superior, telhado de beirado original alterado. Entre esta casa e a do nº 14 existe uma outra, talvez mesmo duas que parecem não ter porta por esta rua. Deve ter havido transformações que envolveram a entrada. Todo este conjunto é típico da época 1400-1500. Das janelas baixas, uma é muito estreita, outra tem três ferros de alto a baixo. Os dois telhados são de níveis diferentes e conservam o estilo original.

Nº 14 e 16 - Casa com porta germinada, caídas, com elementos quinhentistas e outros talvez superiores. Nesta mesma casa há duas janelas, uma com grossos varões de ferro na vertical. Fazem lembrar a proximidade destes edifícios com os adros das destruídas igrejas de São Paulo e de São Pedro e com as determinações de D. Afonso V referentes as judiarias.

Nº 18 – Casa caída, com molduras de portas e janelas em pedra, pintadas em cinzento, com porta larga, transformada posteriormente, e com janelas que terá resultado de porta estreita. O edifício a que pertencem estes elementos tem também mais duas janelas de ombreiras e tossa biseladas. A parte virada para nascente, na travessa que vem do largo cinco de Outubro, tem uma festa muito pequena a nível do rés-do-chão, e as janelas do 1º andar são pequena e biseladas. Nesta parede è possível ver pedras salientes sem continuação, talvez os testemunhos de uma entradas mandadas tapar no século XV.

Nº 19 – Casa com porta simples, chanfrada, com uma cruz insculturada.

Nº 29 – este numero pertence a uma casa típica dos bairros da época do estilo manuelino. Neste tipo de estrutura arquitectónica são de notar a porta e a janela do rés-do-chão. Esta resultou da transformação de um outro portado manuelino do conjunto porta larga porta estreita. Das janelas do 1º andar, uma simplesmente biselada, a outra é obra de maior interesse e valor artístico, marcadamente manuelino e original dentro do seu estilo. É trabalhada em pedra de granito fino, de

concepção diferente de todas as outras referidas até agora, original na estrutura e elementos decorativos. Percebe-se que esta janela pretende dar a ideia da vela de uma nau, atada ao traquete esculpado no peitoril, na base das ombreiras. Estas sobem em colonelos até o lintel, que remata em grande florão. Com flores são rematadas as pontas do traquete. É uma concepção em que a arte e a funcionalidade, os elementos decorativos, os ornatos e a janela formam uma alegoria, escondida ao fundo da Rua da Basta, rua em que a grande arte da Covilhã teve aqui uma especialidade.

Nº 30 e 32 – Possivelmente estes portados forma conjuntos típicos, hoje transformados e adulterados juntamente com o nº 29 e o edifício da sede do Ginásio Clube, são os edifícios mais recentes e fora da arquitectura da zona .

Na passagem, ao fundo da Rua do Ginásio Clube para a Rua das Flores, temos a referida casa, que em 1974, era ainda referida como casa da judia. Hoje mudou de donos ou residentes. A construção desta casa mostra sinais da época e das leis referidas, nomeadamente o varão de ferro de alto a baixo.



Figura 51 - Rua do Ginásio Clube nº 29

Figura 52 - Rua do Ginásio Clube nº 30

Figura 53 - Rua do Ginásio Clube nº 32

2.8.2 RUA DAS FLORES

Nº 1, 3 e 5 – São portados de casa estilo renascença ainda com as características funcionais de outras épocas anteriores. A própria arquitectura enquadra-se bem dentro da zona. É um caso de transição, os portados do rés-do-chão são largos. Os nº 1 e 3 tem sido oficinas de ofício manual - mecânico. O nº 5 da por o primeiro andar, e no lado que dá para Rua das Flores tem duas portas, avarandadas e com grandes madeira, torneadas, todo pintado de verde. Há muito que esta casa mantém estas características. Só recentemente as portas de madeira do rés-do-chão foram substituídas.

Nº 7 e 9 – Conjuntos de portados com porta larga e porta estreita, geminados e biselados.

Nº 8 e 10 - Conjuntos de portados com porta larga e porta estreita, geminados e biselados.

Nº 23 e 25 – Casa com portado geminados. A sua identificação é difícil, dadas as transformações que sofreu. Recebeu obras de restauro, e com estas foi limpa a cantaria da frontaria. O reclamo luminoso foi substituído. Os portados mostram bem a estrutura de porta larga e porta estreita. A porta larga deixou as marcas de ter sido uma adega, com os rasgos nas ombreiras para facilitar a entrada dos pipos. O edifício mantém no 1º andar, uma janela de estilo manuelino, com ombreiras e lintel rodeadas de boleados, e a verga rematando em falso arco conopial, apenas com o bico esculpido.

Nº 29 – Alguns dizem ter sido aqui a antiga sinagoga, mas o que, por enquanto, se pode afirmar, é que aqui reuniam judeus nos séculos XIX e início do XX, para celebrações de culto judaico. Esta casa tem uma janela com molduras de cantaria lavrada, com elementos manuelinos. Um cordame entrelaçado envolve todo o trabalho de relevo e termina em florão como os de outras obras manuelina na igreja de São Francisco da Covilhã, por exemplo. Mas podem já estar misturados com algumas influências renascentistas. A moldura esculpida na janela tem na base três jarrões, flores estilizadas que o artista pretendeu que fossem iguais. Os umbrais são trabalhados também no estilo manuelino, em cordame que rematam em nó, ao cimo e ao centro de verga. Esta casa tem outra janela biselada nos umbrais e lintel. O portado ostenta, na ombreira direita, por dentro e por fora várias cruces insculpidas, que podem estar ligados a mais do que uma simples residência, pois os sinais são de porte e feito elaborado e diferentes uns dos outros. Este edifício, sem ser grandioso. É o mais monumental.



Figura 54 - Rua das Flores nº 29



Figura 55 - Janela com elementos Manuelinos

2.8.3 Largo da Alegria

Nº 6,7, 8 e 9 – São Portados, mas típicos no seu estilo.

Nº 13 – todo o edifício, do lado deste largo, é de estilo barroco recente.

Há mais casas típicas e uma com balcão. No lugar em que dá para a rua Nuno Alvares Pereira, as traseira da casa dos números primeiro referidos, têm um muro de belo aparelho de granito e uma chaminé original.

2.8.4 Rua da Alegria

Nº 1, 3 e 5 – Casa típica, com janelas de guilhotina e beirado de caibros e ripas salientes.

Nº 7 – Casa de janelas com ferro

Nº 6 e 8 – Casa Transformada.

Nº 9, 11 e 13 – Um contraste entre a casa de banco de pedra à porta, entrada coberta por grande parreira, quina gasta pelo roçar de carros de bois e cavalos que em tempos aí passaram, e uma marquise metálica, pintada de vermelho, de alto a baixo.

Nº 19 – Casa restaurada, molduras pintadas, com alguma persianas de tambor salientes.

Nº 21 e 23 – Casa típica, mantida no essencial. As janelas do 2º andar têm molduras em madeira pintada em castanho. As janelas do 1º andar têm persianas de tambor salientes.

Nº 25 – Porta larga e janela baixa com cinco varões de ferro de alto a baixo. Esta casa é parte nascente da casa nº 1,3 e 5 da rua da flores. Na Rua da Alegria mantém as janelas de guilhotina, com molduras de madeira pintadas a verde.

Travessa da alegria

Nº 19 e 20 – Tinha porta larga e porta estreita. Janelas de guilhotina. Telhado conservado.

Nº 27 – Portado germinado, biselado, com uma porta ainda conservada e outra transformada em janela, rebocada. Todo o edifício mantém a traça quinhentista.

Beco da Alegria

Entre o Nº 1 e o Nº 15, há uma porta Quatrocentistas/Quinhentista, em muro de granito. Não tem número de polícia. O biselado não acompanhou o rasgo que, posteriormente, o portado sofreu para descer até ao nível da rua.

Nº 21 – Portal de umbral biselado e lintel de madeira.

Esta zona não é mais abundante em características de construção da época 1400/1500, mas é que tem as construções mais monumentais, e tem testemunhos diversificados do evoluir da história e dos processos de construção. Nesta zona da cidade encontram-se ainda cerca de meia centenas de portados e janelas com características arquitectónicas do século XV e XVI (de estilo gótico e manuelino) bem identificados, e algum já de estilo renascença e algumas construções barrocas que marcam a transição e evoluir do tempo.



Figura 56 - Rua Judaica



Figura 57 - Casas Judaica



Figura 58 - Casa Judaica



Figura 59 Ruas Judaicas

É zona característica de expansão da antiga Vila e das transformações sociais do finais do século XV, XVI e seguinte. É zona de transição. De entre as casas, algumas apresentam características provocadas por decisões regias, para regulamentar as relações entre raças e religiões diferentes. A arquitectura, a ser mantida e restaurada, podia fazer desta zona uma zona que a historia e a evolução são confirmadas pelo evoluir da arquitectura.

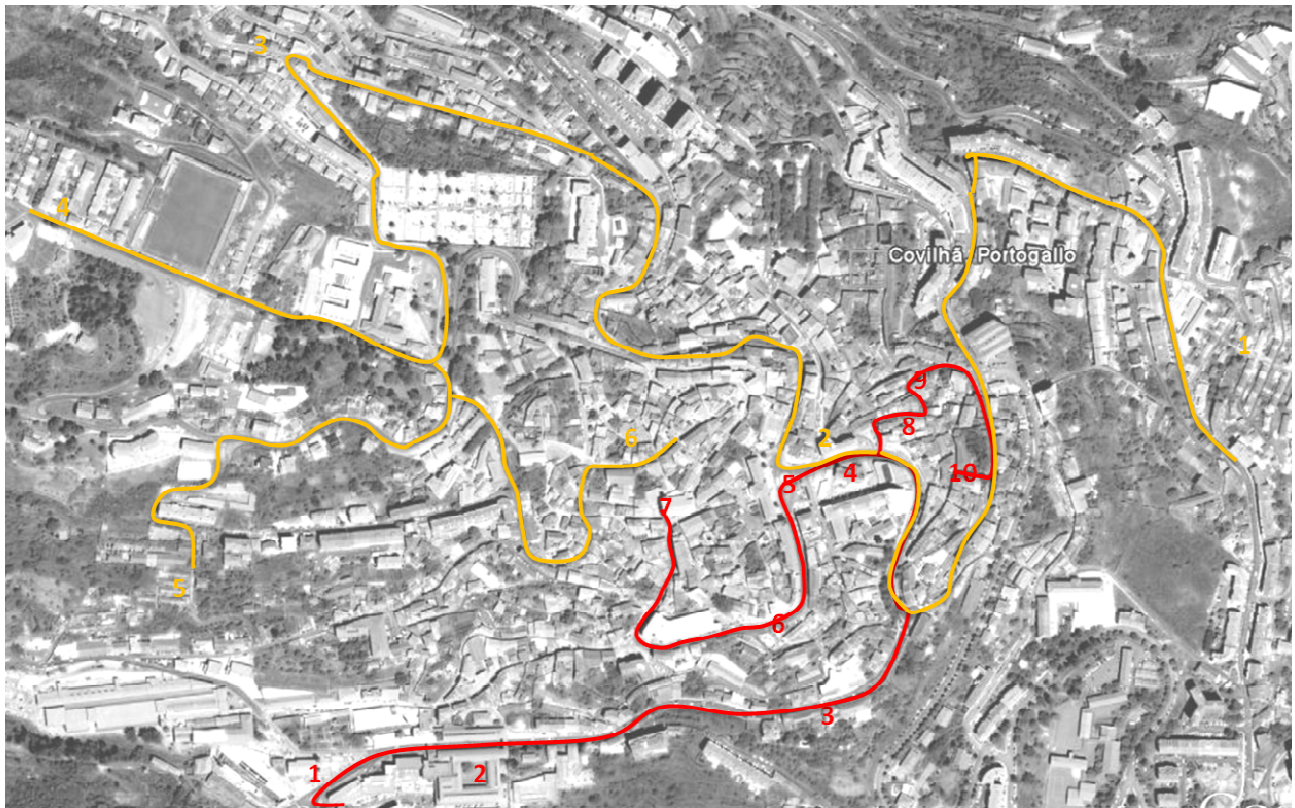




Figura 60 - Percursos Turísticos

 **Percorso Histórico Monumental** - 1 igreja de São Martinho, 2 Universidade Beira Interior, 3 Colégio das Doroteias- Casa Morão, 4 Igreja Misericórdia , 5 Praça do Pelourinho, 6 Muralha da Covilhã, 7 Igreja Matriz de Santa Maria, 8 A Rua do Ginásio Clube (rua onde moravam artesão e comerciantes), 9 Rua das Flores (rua de casas judias), 10 Rua da Alegria (construções século XV e XVI).

 **Percorso Bairros sociais** - 1 Bairro Rodrigo, 2 Centro Histórico, 3 Bairro social, 4 Bairro Biquinha, 5 Bairro Alegria, 6 Bairro centro Histórico.

2.9 ANALISE URBANISTICA-SOCIO-ECONOMICA DA CIDADE

Como já referido a cidade da Covilhã, localizada no centro de Portugal, está implantada na costa da serra da Estrela, rodeada pelas ribeiras da carpinteira e da Goldra, numa plataforma superior à terra fértil da Coiva da Beira, vale de passagem do Rio Zêzere.

Capital do reino durante a Reconquista é-lhe concedida Carta de Foral no 1186, cujo crescimento no século XVI surge já associado aos lanifícios. Em 1677, na ribeira da Carpinteira, é fundada a fabrica Conde de Ericeira para a manufactura dos panos; em 1736, o Marques de Pombal, ministro do Reino, ordeno a construção da “Real Fabrica dos Panos da Covilhã, Fundão e Portalegre”. A industria têxtil dos lanifícios vai ser até aos anos 70/80 a principal actividade local, essencial em termos económicos e laborais; décadas da crise e reestruturação industrial que provocaram uma considerável diminuição da população. A criação da Universidade da Beira Interior nesta cidade, precisamente nas então já abandonadas instalações da “Real Fabrica”, irá contribuir para a sua transformação num centros de serviços e para a estabilização da população, actualmente com pouco menos de vinte mil habitantes.

Iniciativas de melhoramento e requalificação na cidade da Covilhã também começam nos anos oitenta, quando a câmara Municipal da Covilhã em 30.03.1882 delibera contrair um empréstimo de dinheiro destinados aos melhoramentos municipais da cidade; Tais melhoramentos são destinados para os edifícios públicos, assim como aberturas de uma grande praça e mercado permanente, arborização e limpeza das vias publicas, construção de novas ruas. A este propósito vem contratados um engenheiro, António José Navarro e um empresário, José Bonifácio Lopes para elaboração de uma planta de melhoramento.²³

O conjunto de projectos Urbanísticos para a cidade da Covilhã são uma afirmação de esperança na cidade e na capacidade humana de superar as dificuldades sejam elas socioeconómicas, sejam elas físicas ou orográficas. Uma simples ideia alimenta estas intervenções, tornar acessível o espaço da cidadania. A cidade é de todos e para todos, é o espaço da sociabilidade e da participação. Um espaço de convívio sem fronteiras, obstáculos ou limites, que todos podem percorrer, sem centro nem periferia porque um único espaço.

²³ In Liv.de Actas da Camara n° 35, cit.

Um conjunto de intervenções pensada, elaboradas e executadas ao longo de anos reinventam a cidade devolvendo-lhe significado. Da praça ao Município, passando pelo Plano de Urbanização da Vale da Carpinteira e o Plano de Urbanização do vale da Godra efectuado no âmbito do Programa POLIS, pelo plano de Pormenor de S. João até ao Rossio do Rato, intervenções que se congregam e ganham leitura no Plano de Mobilidade para a Covilhã, um objectivo se vai delineando, a mobilidade e a reabilitação de uma cidade industrial que em poucos anos se transformou numa cidade universitária.

É nesta cidade em transformação que a urbanística vai interferir, uma cidade que se reencontra e se redefine, para novos usos a população, abandonando o seu centro histórico e virando costa ao seu enquadramento natural, abandonado os Vale da Carpinteira e da Goldra à poluição e a sua beleza aparentemente perdida, em direcção a um subúrbio aparentemente incaracterístico e desnecessário.

Em este contexto não se pode deixar de falar do Programa POLIS como importante oportunidade de desenvolvimento urbano; o programa POLIS é uma iniciativa de nível nacional do Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território co-financiada pelo fundo de Desenvolvimento Regional (FEDER) da União Europeia, cujo principal objectivo era “melhorar a qualidade de vida das cidades, através de intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, melhorando a atractividade e competitividade dos pólos urbanos que tem um papel relevante na estruturação do sistema urbano nacional” que irá criar as condições para concretização deste projecto através de uma iniciativa de âmbito local, em parceria com a câmara municipal da Covilhã designada por “Viver Covilhã, Programa Polis”



Figura 61 - Maqueta ponte pedonal sobre a Ribeira da Carpinteira, Projecto Arquitecto Joao Carrilho Graça



Figura 62 - Fonte Rotunda do Rato

Os planos de urbanização do Vale da Ribeira da Carpinteira e do vale da ribeira do Goldra em co-autoria de Luís Cabral (ARPAS), respondem ao cinco grandes objectivos definidos no “plane estratégico da intervenção Polis na Covilhã”: reabilitar os Vales da Ribeira, despoluído e criando espaços públicos, virar as cidade para este vale criando novas frentes edificadas constituindo remate da estrutura urbana consolidada, revitalizar e preservar o património industrial destinando-lhe a novos usos de âmbito cultural a outros, favorecer a mobilidade pedonal através de pontes e meio mecânico de aceso ao centro da cidade reduzindo a dependência de automóvel, corrigir o sistema de implantação de novas construções visando consolidar o tecido urbano e proporcionar a sua integração na paisagem. As pontes propostas, são ao mesmo tempo uma solução pragmática e um símbolo; atravessando Vales, significa essa capacidade de superar dificuldade e distancia.

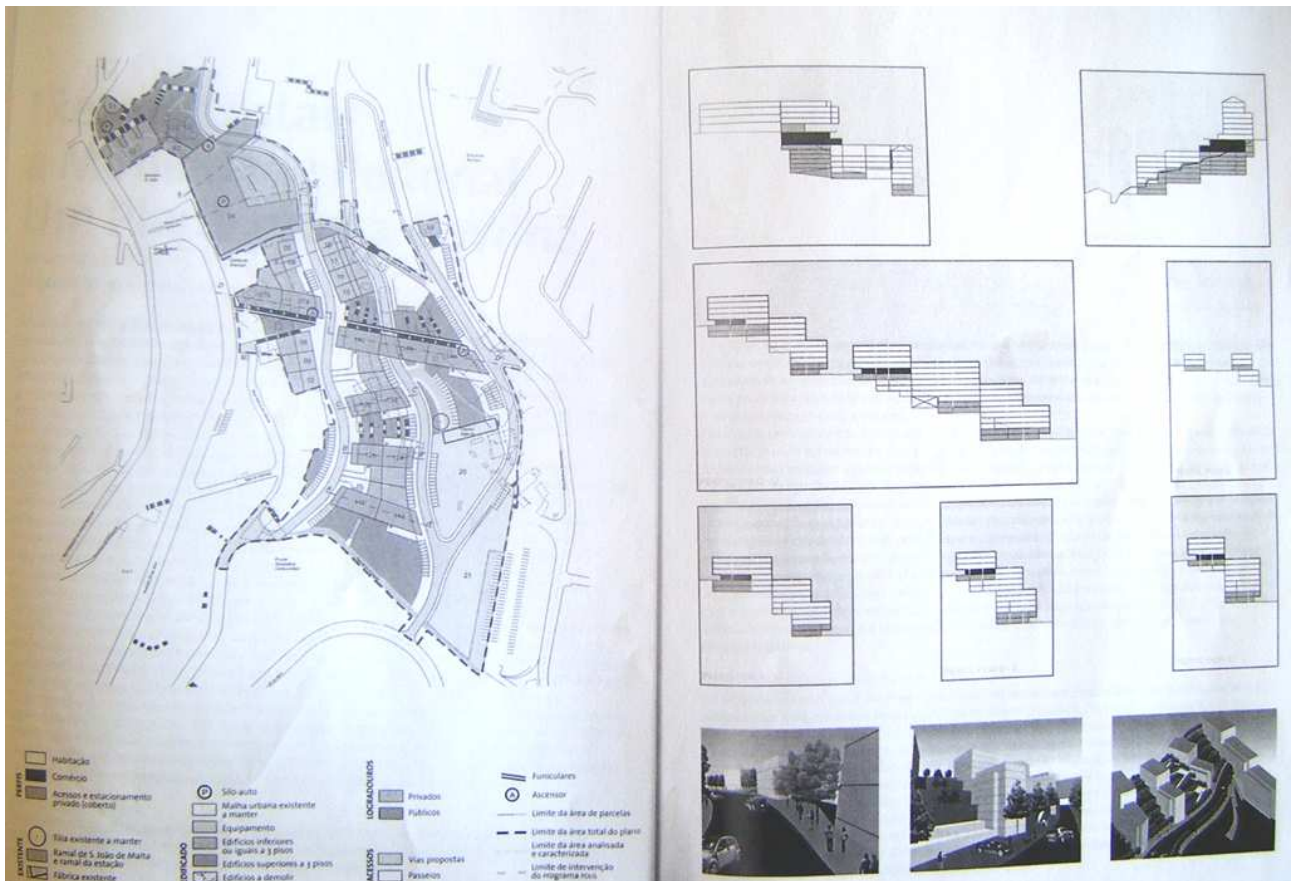


Figura 63 - Concurso para Plano de Pormenor de S. João de Malta.

Os dois planos de urbanização os quais se associam o plano de pormenor de S. João de Malta encomendado pelo município elaborado com o gabinete de arquitectura paisagista LODO, configuram uma mão que agarra o centro da cidade, redefinindo-a. Intervindo os limite do centro, estamos perante uma proposta de recentramento da cidade, contrariando a tendência para o crescimento da periferia que há especulação mobiliária tende promover. Os Rossio do Rato è uma das poucas proposta de desenho urbano integraras no plano da Ribeira do Goldra, desenvolvido para Nuno Teotónio Pereira. A sua importância, o significado, fazem de facto de nos confrontar como resposta aos objectivos estabelecidos, pois soluciona no ponto nevrálgico. O problema da acessibilidade pedonal ate então extremamente difícil, aproxima a ribeira despolidá dos transeuntes, cria um novo espaço publico e propõe a reabilitação de antigos edifícios industriais para usos culturais. Se a praça do município è o ponto de partida, o Rossio do Rato è a demonstração pragmática da sua exequibilidade.

O plano de Mobilidade pedonal da Covilhã è a chave de leitura de um processo, de uma ideia apreensível e mesmo expostas nas diferentes intervenções. É o “aplanar da cidade”, como diz

Nuno Teotónio, porque a cidade não pode ter barreiras, quer físicas, quer visuais. Um desenho, uma planta, uma cidade, e os seus percursos. Criar caminhos que tornem "acessível" a cidade.²⁴

A razão e a ideia de todos estes planos e projectos há como fundamento a política por a qual a cidade é para todos, esta cidade é capaz de se reinventar e superar , ou talvez a sua clareza, porque como disse Nuno Teotónio Pereira “ é preciso construir sem preconceitos, naturalmente e com pureza de intenção. Com uma espécie de inocência infantil. Tem que se criar de novo”

²⁴ PEREIRA, Nuno Teotónio – Uma Ideia para a Cidade da Covilhã, Caleidoscópio, 2006.

2.10 ATENUAR MALFEITORIAS, ADAPTAR RELEVO, PRESERVAR A IDENTIDADE, CONSOLIDAR O TECIDO URBANO

A cidade da Covilhã representa um exemplo clamoroso do insucesso da abundante legislação que tem vigorado entre nós relativamente ao planeamento do território. Com efeito, apesar da existência de planos de urbanização desde há décadas, a verdade amarga é que a cidade tem crescido de forma a destruir a sua coesão interna, a desfigurar a sua imagem e a aviltar a sua envolvente.

Isto, sobretudo porque os instrumentos de planeamentos elaborados, a escala que ignoram o desenho urbano, e à base do zonamentos, cerceias, índices de construção e loteamento não tem tido em conta as especificidade do relevo, a preservação da paisagem e da identidade local – tudo como se uma cidade plana se tratasse. No essencial, a pratica apontada tem-se caracterizado pela construção de prédios de e outro lado dos arruamentos, obrigando a escavação e altos muros de suporte - para onde abrem os vãos das habitações, e à ocultação das majestosas vistas panorâmicas que são uma das mais-valias da cidade.

Como excepção de grande vulto a esta pratica desastrosa, há que apontar a extraordinária obra da Universidade da Beira Interior, reconvertendo sabiamente as antigas fabricas de lanifício, entretanto desactivadas, ao longo das duas ribeiras que ladeiam o casco antigo da cidade.

A triste realidade é que, quem avista a Covilhã, o que vê é uma cidade marcada por traseiras desordenadas de prédios e altíssimas empenas cegas, agredindo as encostas da cidade, e extensões recentes desgarradas ocupando terrenos férteis e destruindo paisagens ancestrais.

Para além de alguns projectos localizados, foi assim que se procurou no programa Polis, e noutras propostas de intervenção, adoptar uma morfologia com tipologias construtivas adaptadas aos declives e defendendo as vistas e, ao mesmo tempo, preencher os vazios adjacentes ao casco urbano para tornar a cidade mais coesa, valorizar os vales das ribeiras, e assim defender a imagem e a vivencia da cidade.

2.11 SÍNTESE DA EVOLUÇÃO URBANA DA COVILHÃ

De seguida se faz uma breve referencia ao desenvolvimento urbano da cidade da Covilhã e em particular modo a evolução e criação dos bairros, o fim é individuar os acontecimentos urbanísticos e sociais que levaram a formação de Habitações Sociais. Estes acontecimentos também são legados a situações e tendências urbanísticas a nível Nacional e Internacional.

O período de tempo a ter em consideração é principalmente referido ao século XX excluindo assim a época Medieval e a idade Moderna ate o XIX século. Também são excluídos todas uma serie de obras publicas e municipais realizadas, para não tornar dispersivo o conceito e o processo. Para simplicidade de apresentação se faz um quadro cronológico ao longo dos anos.

O tecido urbano da Covilhã, delimitado pelas ribeiras da Carpinteira (a Norte) e da Goldra (a Sul), foi definido e estruturado em função dos lanifícios, num ordenamento espacial orientado na função do estrito aproveitamento da riqueza energética das ribeiras.

Do ponto de vista do desenvolvimento o maior acontecimento de assinalar será a chegada do caminho de ferro à Covilhã no 1891.

1910- Instauração da republica;

1914- Inicio da I Guerra mundial;

1918- Publicação da primeira legislação sobre habitação económicas, através do decreto 4137, de 25/04/1918;

1919/20- Primeiro Bairro Social em Portugal (Arco do Cego, Lisboa), inspirado nos modelos do Norte de Europa

1925- Primeira iniciativa pela Câmara Municipal, em seguida da Firma Campos Melo & Irmão Lda, para a construção de “Bairros Social” e campo de jogos , em zona adjacente ao Bairro Municipal e futuro Bairro da Biquinha;

1929- 1ª Planta da cidade, elaborada pelos Serviços Municipalizados da Covilhã, constata-se que a cidade se limitava ao actual centro histórico;

1933- Publicação do programa das casas económicas através do D.L. nº 23.052 de 23 de Setembro de 1933;

Na década dos anos 40 mostrou-se uma boa politica de habitação, que levo a formação em todo o Pais de 2.746 casas económicas;

1941- Entrega de 70 Casas Económicas dos Penedos Altos;

1942- O semanário “noticias da Covilhã” publica a situação das casas económicas a nível nacional: Lisboa 1386 fogos (6 bairros), Porto 822 fogos (6 bairros), Braga 132 fogos, Portimão 100 fogos, Covilhã 80 fogos, Vila Viçosa 76 fogos, Olhão 66 fogos, Viana do Castela 64 fogos, S. João da Madeira 34 fogos, Bragança 24 fogos;

1943- Publicado do D.L n° 33.278 , de 18/11/1943, permite que as empresas privadas invistam na construção de Habitações económicas;

1945- Surge o programa das Casas para Alojamento de Famílias Pobres;

1945- Surge o programa das Casas de Renda Económicas (Lei n° 2.007);

1947- Assinatura de contrato para 214 casas económicas para Covilhã;

1949- Entrega das 122 casas da 2ª fase do Bairro dos Penedos Altos;

1951- Inauguração das 100 casa do Bairro do Rodrigo;

1951- Surge o Regulamento Geral de Edificações Urbanas (RGEU)

1951- Apresentação do Ante - plano de urbanização da Covilhã (António Aguiar)

1955- Inauguração do Quarteirão de 83 casas e 8 lojas na estação;

1958- Aprovação da Lei 2092 de 9 de Abril, destinada a financiar casas económicas;

1961- Inauguração dos 3 blocos de 48 casas de renda económica, na estação;

1963- Inauguração das 105 casas de renda económica (quarteirão aberto da estação)

1964- Entrega das primeiras 40 casas do Bairro da Biquinha

1969- Início da construção do Bloco Estrela com 60 fogos.

1973- Criação do Instituto Politécnico da Covilhã, no edifício da Real Fabrica dos Planos;

1976- Previsão de 900 fogos para a Quinta do Covelo;

1979- Previsão de construção de 420 fogos (no bairro dos Penedos Altos os 48 fogos pré-fabricados, iniciados em 1977, estão quase concluídos);

1986- Instituída a Universidade da Beira Interior, UBI;

1991- Nova Lei dos Loteamentos Urbanos (D.L. n° 448/91)

1995- Publicação do D.L. n° 292/95 onde é estabelecida a qualificação oficial para a elaboração do PU, PP e projectos de operações de loteamento.

2000- O programa Polis intervém para acções de Habitação económica.

Na pagina seguinte pode-se observar graficamente a evolução espacial da cidade nos ano.

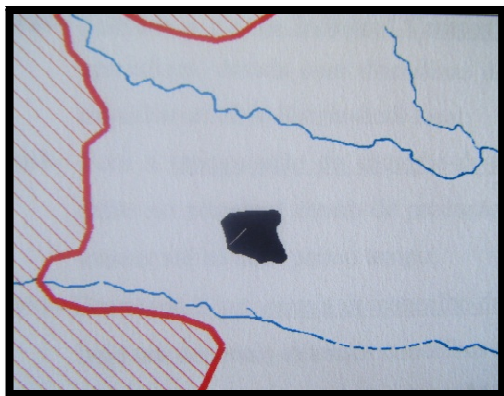


Figura 64 - Localização do Primeiro assento da Cidade da Covilhã. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã



Figura 65 - Situação Inicial da Cidade em 1870. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã

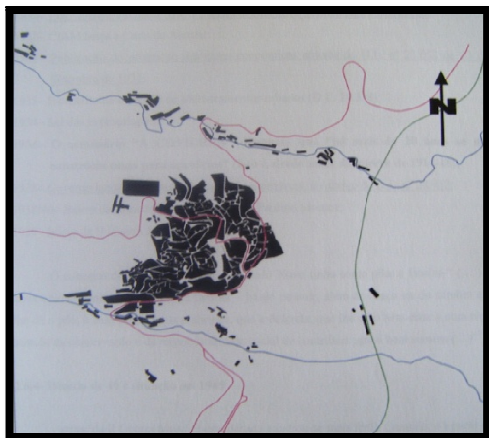


Figura 66 - Situação da Cidade em 1929. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã

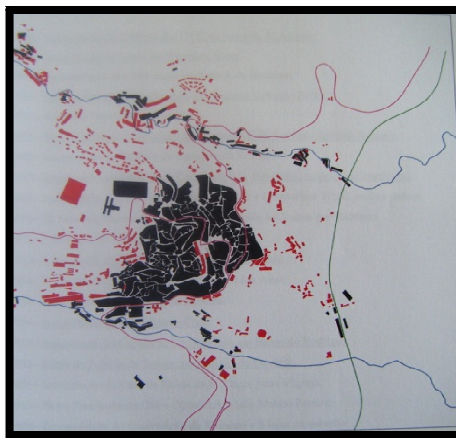


Figura 67 - Evolução da Cidade em 1945. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã

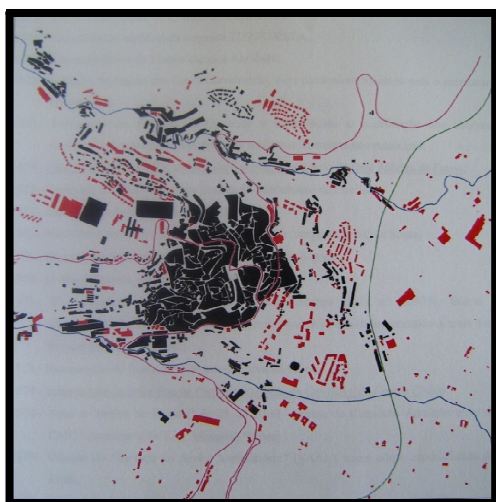


Figura 68 - Situação em 1971 da Cidade da Covilhã. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã

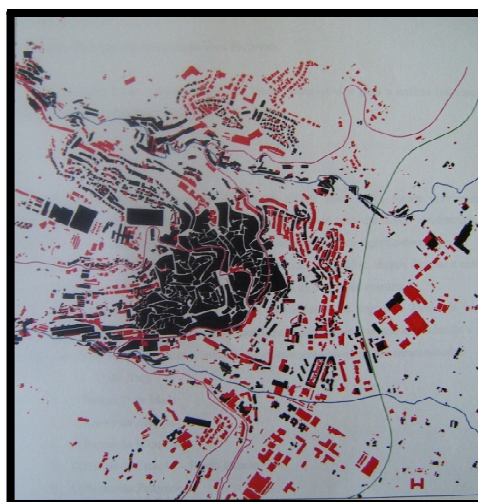


Figura 69 - Situação ate os anos 2000. Fonte Serviços Municipalizados da Covilhã

2.12 CONCLUSÕES

Covilhã representa um exemplo de cidade com fortes potenciais.

O seu território e o seu patrimonio industrial são os pontos de mais força nos quais é preciso saber por as bases por desenvolver todas as actividade futuras.

A cidade da Covilhã, a semelhança das restantes regiões do País, sofreu profundas alterações a partir da década de 60, com a emigração e a guerra colonial, pelo que a estrutura social alterou-se. A população concentrou-se nas áreas mais desenvolvidas e urbanas e verificou-se um envelhecimento gradual da população.

Um dos pontos de viragem na Cidade foi a abertura do Instituto Universitário da Beira Interior, posteriormente UBI, desenvolvendo-se desde o seu início licenciaturas na rea dos têxteis.

Este acontecimento traduziu-se numa maior dinamização social e económica da Covilhã, nomeadamente no que respeita á entrada de um número significativo de jovens numa área onde a população se encontrava envelhecida, no aparecimento de um segmento de consumidores mais exigente e na inevitável influêncía que a Universidade teve e tem na preparação de recursos humanos qualificados.

A actividade industrial dos lanifícios, outrora realizada por um número extenso de unidades fabris, concentrou-se em unidades de tamanho superior e de maior dimensão económica e produtiva.

Actualmente cerca de 70% da produção nacional de lanifícios, realizada na Covilhã, sendo o valor das exportações de 30 milhões de contos anuais e o investimento desta indústria, nos últimos três anos, rondou os 10 milhões de contos. A grande maioria dos investimentos estão relacionados com a modernização do aparelho produtivo e implementação de sistemas mais eficazes de produção.

As restantes actividades indústrias, comerciais e de serviços tomaram ao longo dos anos uma posição secundária. A mão-de-obra foi durante muito anos quase exclusivamente utilizada pela indústria de lanifícios, que ao se modernizar e concentrar libertou um grande número de recursos humanos.

Estes dois factores, aliados despreocupação com a qualificação e fixação dos recursos humanos mais qualificados, criaram dois problemas de difícil resolução: não existem actividades

alternativas desenvolvidas por forma a recuperar e reajustar a mão-de-obra libertada e está, muito especializada e pouco qualificada. O grande desafio da Covilhã ser a capacidade de compreender as vocações e limitações da região, criando actividades alternativas e incentivos para a fixação dos recursos humanos.

PARTE III

BAIRROS PRINCIPAIS E MAIS SIGNIFICATIVOS DAS CIDADES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E COMPARAÇÃO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretende-se analisar e comparar os bairros sócias de Matera e Covilhã, fazendo uma descrição dos dois bairros principais e mais significativos das cidades, Bairro *La Martella e Spine Bianche* em Matera e Bairro do Rodrigo e Estação na Covilhã. Neste estudo e comparação observa-se o desenvolvimento da habitação e analisa-se do ponto de vista logístico, as distancias e posicionamento dos bairros, assim como as condições sócio económicas da década dos anos 50. Ainda são analisados e apresentados de uma forma metódica e sintética, os diversos elementos morfo-tipológicos e de teor urbano, que compõem e afectam a qualidade urbanística das cidades, das áreas residenciais e do bairros que as compõem.

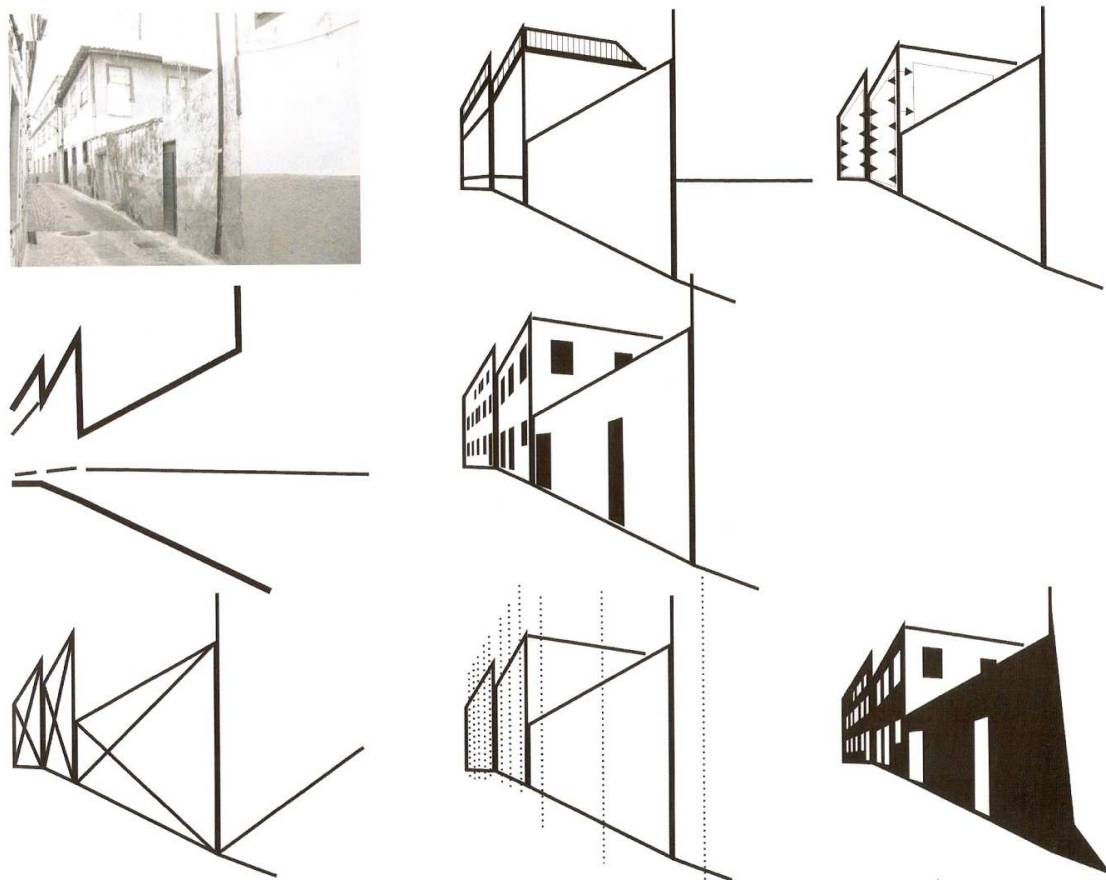


Figura 70 - Análise e Geometria de uma rua do centro Histórico da Covilhã

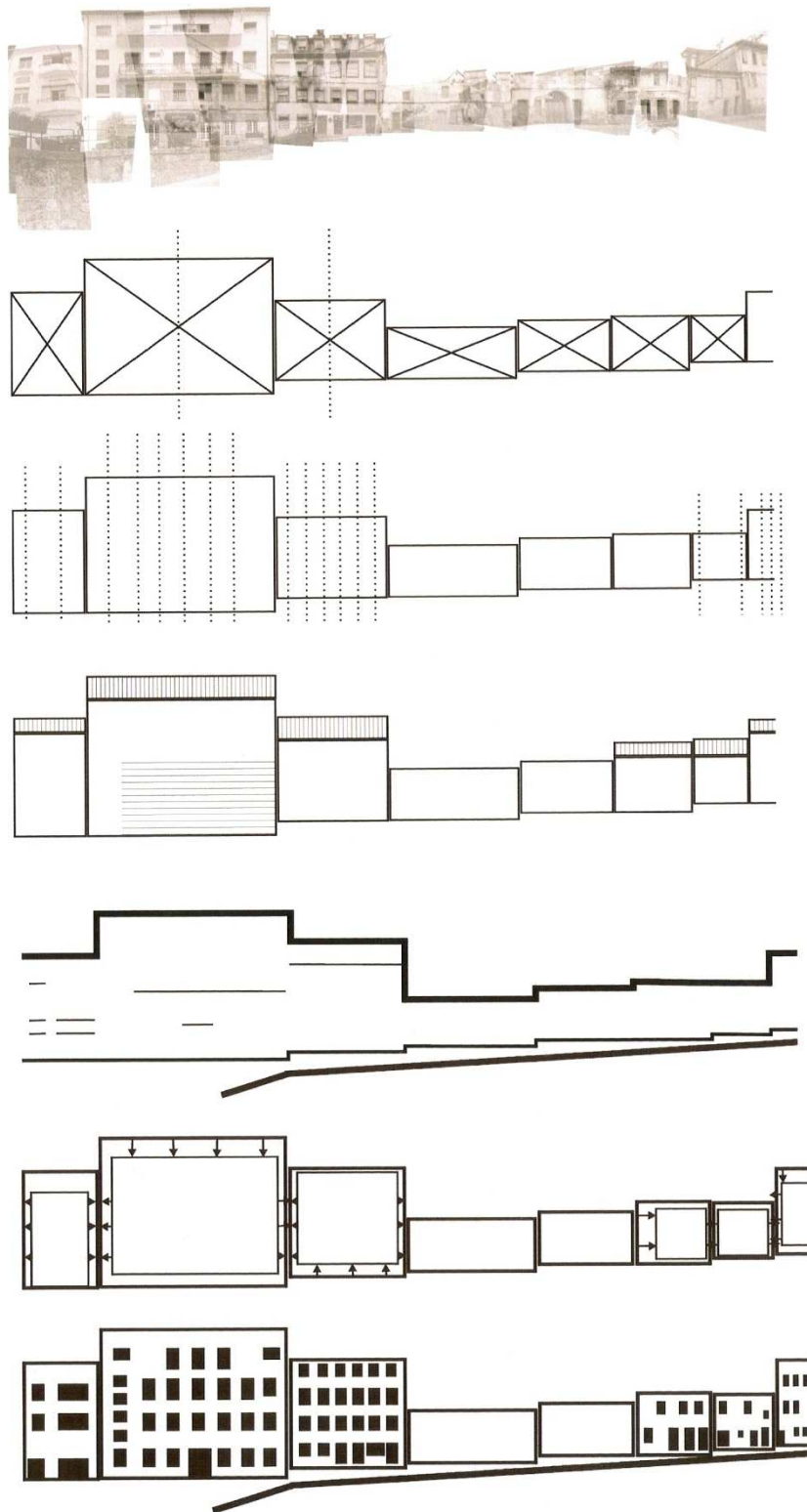


Figura 71 - Análise e Geometria de edifícios da Covilhã.

1. OS BAIRROS SOCIAIS DE MATERA

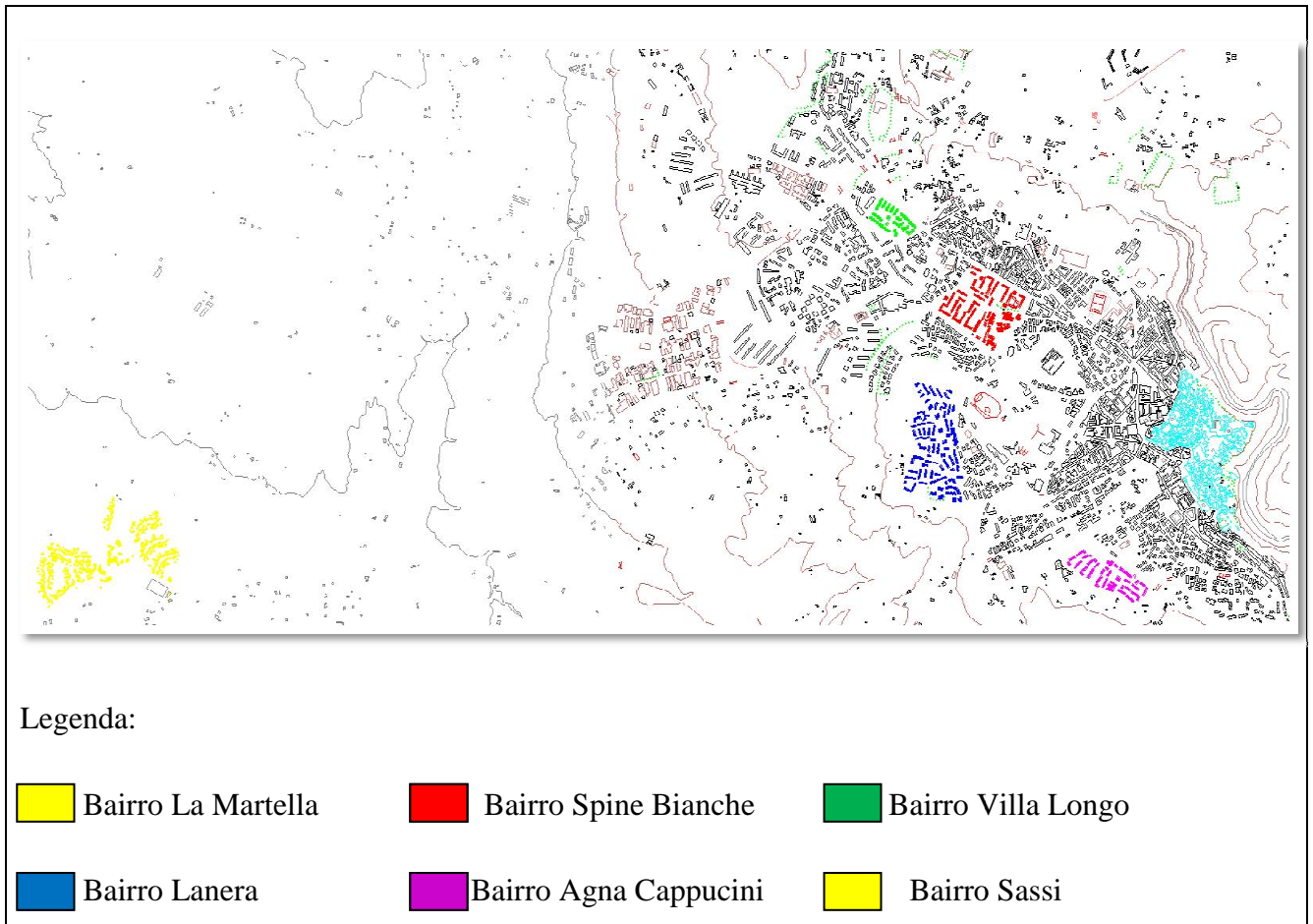


Figura 72 - Bairros principais de Matera

1.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E HISTÓRIA

No início do século XX, superando o atraso causado pela experiência fascista, que se formou a partir do racionalismo modernista de importação europeia e o historicismo classicista do regime, a cultura arquitectónica italiana encontra na definição de “Novos Lugares”, a ocasião para uma renovação de linguagem arquitectónica e do sentido do projecto. O tema da nova ideia de documentar, com os instrumentos da representação, a presença de novas fundações e arquitecturas em *Basilicata* são as provas de operações de elevada qualidade e o resultado de estudos de notável empenho intelectual, económico e construtivos feitos com um âmbito disciplinar. Estas operações, feitas durante a primeira metade do século XX, orientavam a renovação das estratégias de intervenção, além daquelas técnicas formais na teoria.

A totalidade das escolhas nas obras feitas naqueles anos é ainda legível percorrendo os percursos do que foram as primeiras intervenções realizadas para as entidades de reformas. Nestas intervenções escolheu-se, a nível local, e graças ao contributo de pesquisas e análises interdisciplinares, o modelo antropológico e sociológico à volta do conceito de unidade de vizinhança, um dimensionamento arquitectónico e formal que foi projectado na intervenção significativa de *La Martella*. O Bairro e os conteúdos em que estes se concentram, oscilam entre uma panóplia de inquéritos que variam entre o conhecimento da análise do território, a sua apresentação temática, e a análise bastante detalhada que passa das agregações demográficas para tipologias habitacionais e a arquitectura à escala humana. Este percurso exalta o carácter imperativo da pesquisa, do relevo e da representação da documentação pois permite restituir evidências concretas e conseqüentemente dar valor aos lugares, que anos atrás estavam no centro das atenções para as experiências de planificação, e que hoje são vítimas da degradação provocada pelo despovoamento, ignorância e falta de reconhecimento. Entre 1943 e 1944, um grupo de emigrantes na Suíça, entre os quais Adriano Olivetti, Ernesto Nathan Rogers, Gustavo Colonetti e Luigi Einaudi, intensificam o debate acerca da reconstrução habitacional e moral do país e acerca das condições de desenvolvimento do Sul do país. Após este encontro entre intelectuais de formação académica heterogénea, conceptualizam-se algumas das principais reflexões para o pós-guerra. Olivetti é um dos primeiros a reconhecer a importância para um empenho sério na questão meridional e actuou em programas de descentralização industrial de inspiração Rooseveltiana

aplicados no “*New Deal*”²⁵. Olivetti é também envolvido na *UNRRA/CASSA* em qualidade de membro primário, fornece um importante contributo para a teorização das metodologias de planificação, introduzindo as ciências sociais na disciplina de urbanística.

O *UNRRA/CASSA*²⁶ é constituído em 1946 com a tarefa de administrar as ajudas internacionais. O Centro de Estudos é uma dependência do Ministero dei Lavori Pubblici e desde 1947 controla a execução dos programas de edificação. Os modelos de alojamento que o Centro de Estudos *UNRRA/CASSA* propõe, obtêm inspiração da tradição local e rural. As intervenções concentram-se nas zonas mais devastadas e penalizadas pela guerra em comparação à rede rodoviária. O Sul é objecto de grande interesse, etnógrafos e sociólogos, juntam-se aos arquitectos e urbanistas, formando um grupo de estudo dirigido por Frederick Friedmann para desenvolver intensas investigações particularmente em *Matera* e no seu território.

Destes estudos promovidos por Olivetti nascem o Piano Regolatore Generale de *Matera* concretizado por Piccinato e os novos projectos para os Bairros de *La Martela*, *Borgo Venusio*, *Serra Venerdi*, *Lanera* e *Spine Bianche*. Particularmente, o bairro residencial *La Martela*, inaugurado em 1953, sublinha o contributo de Olivetti, especialmente na tentativa de redefinição fundiária das terras que a maior parte das outras intervenções não contemplam. Para os habitantes dos *Sassi* é prevista a realização de um Bairro, o projecto do bairro é submetido ao arquitecto Stella que infelizmente falece em Fevereiro, consequência de um trágico acidente de viação em 1951, depois da iniciação de alguns estudos para o projecto. Subsequentemente o projecto de Ludovico Quaroni, Fred Gorio, Luigi Agati, Pietro Maria Lugli e Michele Valori.

A primeira reunião de *UNRRA/CASSA* financia a construção das residências, o ente de Reforma Fundiária *Puglia* e *Lucania* concede as áreas para a construção da aldeia, enquanto a Caixa do *Mezzogiorno* intervém para a realização dos edifícios colectivos.

Começando em 1950, no ano em qual acabam as reconstruções de emergência pós-guerra, o *UNRRA/CASSA* começa algumas experiências cuja finalidade é a realização de quarteirões

²⁵ - O New Deal (cuja tradução literal em português seria "novo acordo" ou "novo trato") foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1937, sob o governo do Presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objectivo de recuperar e reformar a economia norte-americana e assistir aos prejudicados pela Grande Depressão. O nome dessa série de programas foi inspirado no *Square Deal*, nome dado pelo anterior Presidente Theodore Roosevelt à sua política económica.

²⁶ (United Nations Relief and Rehabilitation Administration/Comité Administrativo de Socorro aos Sem-abrigo), O UNRRA foi uma organização internacional composta por 47 governos membros, foi criada na Casa Branca no dia 9 de novembro de 1943. A Sua missão era fornecer ajuda económica aos países europeus após a II Guerra Mundial e repatriar e assistir os refugiados Aliado. Os governo do E.U. financiou a metade do orçamento da UNRRA.

organizados com base no modelo de pequenas comunidades, unidos à volta de um centro social, frequentemente construído em regiões e centros menores da Itália meridional, onde é preciso combater o atraso económico e social e a crescente tendência ao despovoamento. A comissão do Instituto Nacional de Urbanismo, dá início ao projecto do *UNRRA/CASSA* para a construção de 200 novas casas para o Bairro *La Martela* como resposta aos estudos sócio/urbanísticos da cidade de *Matera* e particularmente da zona dos *Sassi* e em relação a possíveis intervenções de natureza urbanística.

Os dados recolhidos pela Comissão Centro Estudos *UNRRA/CASSA* tornam-se assim a base para estabelecer as características técnicas, sociais e económicas do sistema segundo a Lei n°619/52 para a requalificação dos *Sassi*. São catalogadas 3374 casas (43 habitáveis, 859 para reparação e 2472 inabitáveis) com 15508 habitantes dos 32000 da Cidade.

A lei, elaborada a partir dos dados recolhidos pela comissão, previu assim três tipos de intervenções:²⁷

- Transferência dos habitantes, residentes nas habitações declaradas inabitáveis, para novas sedes;
- Reparação dos ambientes susceptíveis à realização de obras públicas de carácter higiénico;
- Realização de bairros rurais;

²⁷ Lei n°619/52

1.2 BAIRRO RURAL LA MARTELLA, CENTRO URBANISTICO-SOCIAL



Figura 73 - Esboços das habitações do Bairro La Martella

A escolha do lugar para o Bairro *La Martella*, resulta da escolha de um lugar equilibrado ao redor da cidade, de modo a servir o território inteiro, e em simultâneo construir um sistema de comunicações que permitisse a ligação entre a cidade e as aldeias. Sete quilómetros, a sudoeste do centro da cidade de *Matera*, determinam uma distância nem muito curta, nem muito longa: o bairro pode desfrutar de uma certa autonomia, não dependendo muito da cidade, e no entanto pode ser facilmente acessível com um transporte público. As áreas de *La Martella* são baricentricas em relação a todos os terrenos do território.

Para a nova instalação dos agricultores nos *Sassi* é pensado um Bairro, em vez de casas isoladas, porque em primeiro lugar, a propriedade actual fragmentada e dispersa deveria ser recomposta através da junção dos terrenos, e de modo a que estes possam ser utilizados para

culturas intensivas. Isto significa que não é necessário que os agricultores residam nos seus pedaços de terra, coisa que os forçariam a um isolamento desumano, depois de gerações e gerações em que eles viveram em comunidade nos *Sassi*, em aglomerado; e também as distâncias de *Matera* dos terrenos não são muitos grandes de modo a que seja possível cativar o interesse da população na colaboração com a cidade.

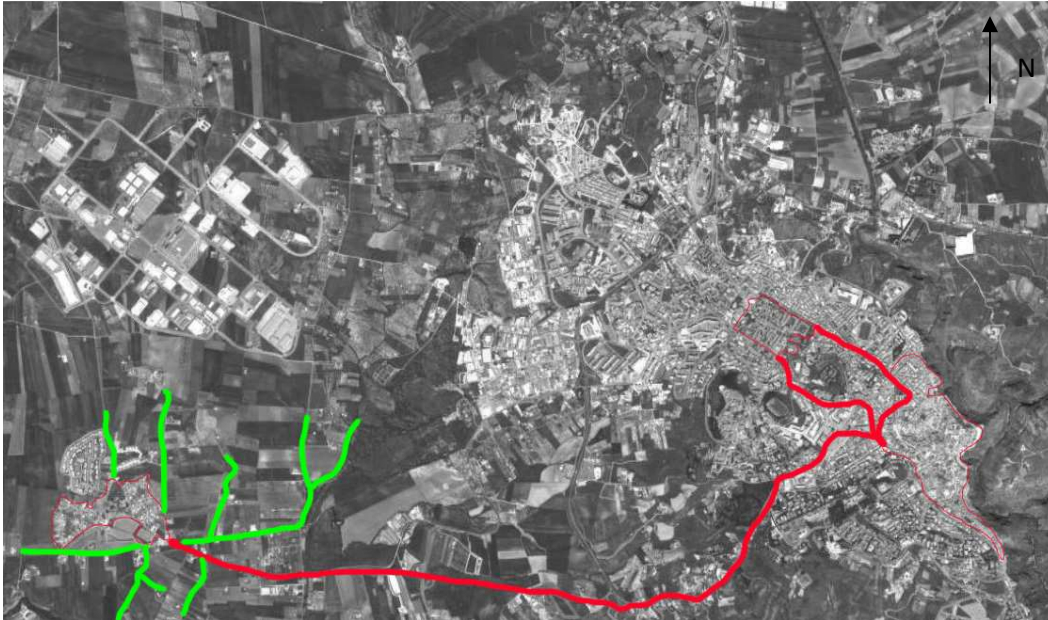


Figura 74 - Localização e Percursos de ligação com o centro da cidade e cós terrenos a volta.

A subdivisão de um certo número de aldeias dispersas no território, pretende aproximar novamente os agricultores aos campos de trabalho e ao mesmo tempo manter um certo número de famílias juntas, para não fragmentar a vida social, abdicando de todas as vantagens que a ajuda mútua pode dar, assim como deu nos muitos séculos de existência das *Sassi* e arredores. A comunhão de vida das cem, duzentas famílias das aldeias previstas, deveria melhorar o desenvolvimento cívico e cultural das populações futuras. A coroa dos bairros na província de *Matera* deveria ajudar o desenvolvimento da produtividade e ambiente da cidade, finalmente potenciando os seus recursos e a sua economia.

1.2.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO

A consistência social de *La Martella* foi fixada para 250 famílias porque esta é dimensão máxima possível dentro dos limites estabelecidos para a distância entre a residência e o lugar de trabalho, e é o número mínimo para conter um certo número de serviços sociais.

A posição na colina do lugar está definida em base da posição baricentrica em comparação com todas as áreas de trabalho nos campos, pois faz parte da mesma grande propriedade, facilitando as operações de expropriação, o terreno permite o cultivo de um pomar por família e a criação de animais. As zonas são panorâmicas, mais elevada em comparação às áreas circundantes.

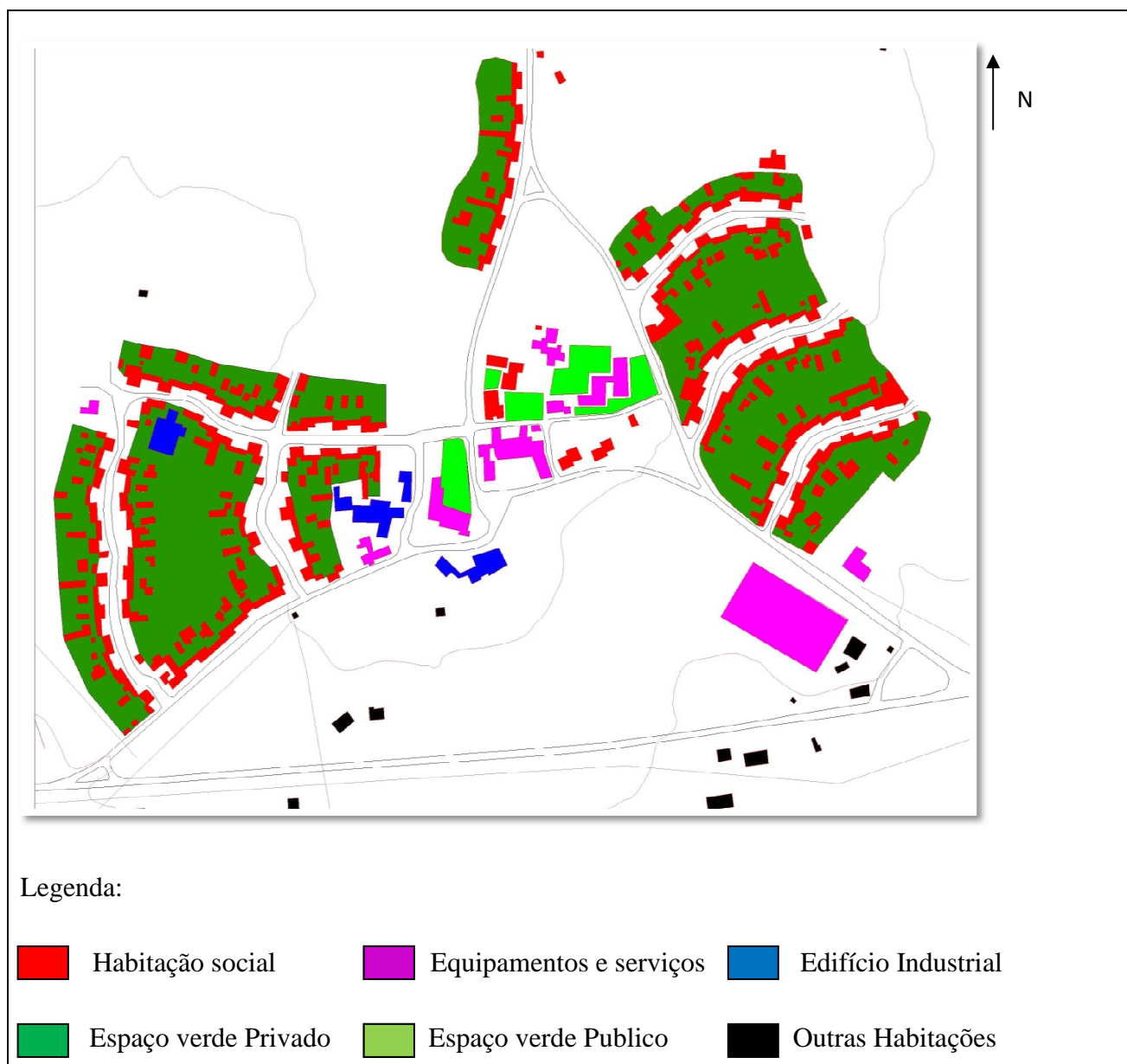


Figura 75 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços

1.2.2 ESQUEMA PLANIMETRICO

O esquema planimétrico adoptado para *La Martella* é constituído por ruas ligeiramente curvadas confluentes no centro do topo da colina, as casas são dispostas de maneira um pouco irregular pois sente-se a necessidade de reconstruir no bairro actual estruturas dos “vizinhado” dos Sassi. Cada ramo do sistema deveria reconstruir e simular, cada com uma distribuição diferente, um vizinhado. Uma padaria colectiva é prevista no fundo de cada uma das ruas que convergem para o centro, e assim como nos *Sassi*, na *La Martella* a padaria constitui um nó social de encontro e convívio para as mulheres do vizinhado. As casas novas não puderam repetir o modelo tradicional por razões óbvias. Realiza-se então uma standardização das tipologias, e além das casas serem de dimensões ligeiramente diferentes da unidade (para responder às diferentes composições familiares) muitos elementos entre os quais o estábulo, é igual para todos, assim como a economia.

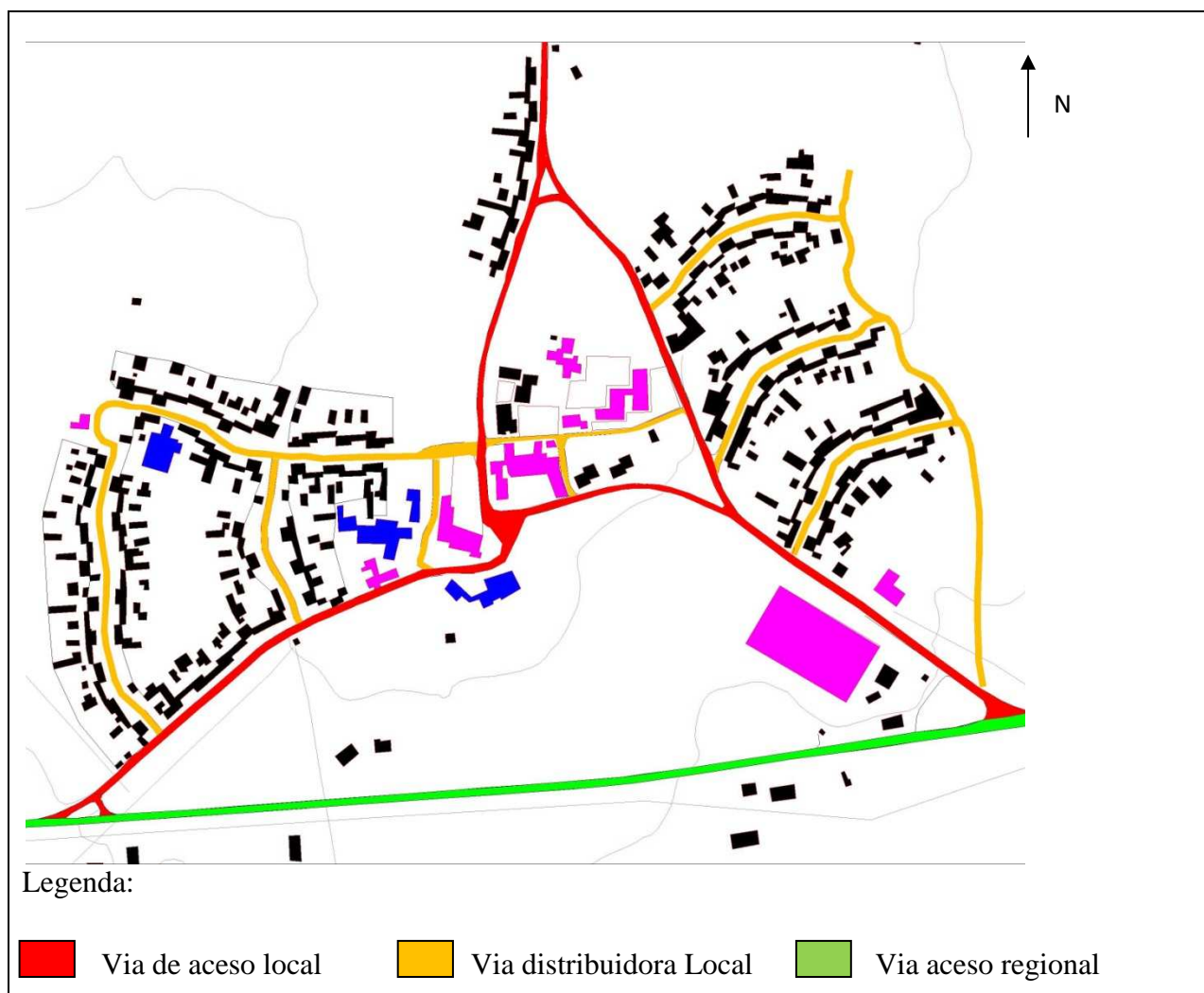


Figura 76 - Estrutura viária fundamental do bairro

Para não ter a monotonia de casas compridas alinhadas todas iguais, recorre-se ao estratagema de combinar as casas rectangulares conectando-as às vezes pelo lado mais longo, ou pelo lado mais curto, de modo a obter volumes de base quadrada ou volumes de base rectangular muito comprida, com a cobertura que recobre tudo com duas faldas. O distanciamento das casas da linha da estrada e o seu não-alinhamento permitiu a construção de espaços abertos e privados com face à estrada, para o convívio ao ar livre em verão, e para a articulação do sistema, ajudada sempre pelas diferentes cores das paredes e das janelas. Em suma, queria-se, apesar da rigidez do projecto de sistemas construtivo adoptado, criar uma articulação de superfícies, volumes e cores, de alguma maneira, de maneira a não causar trauma para quem tinha abandonado, com míseras misérias condições higiénicas, a feliz qualidade plástica dos Sassi e a sua predisposição à vida sociável dos habitantes.

1.2.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

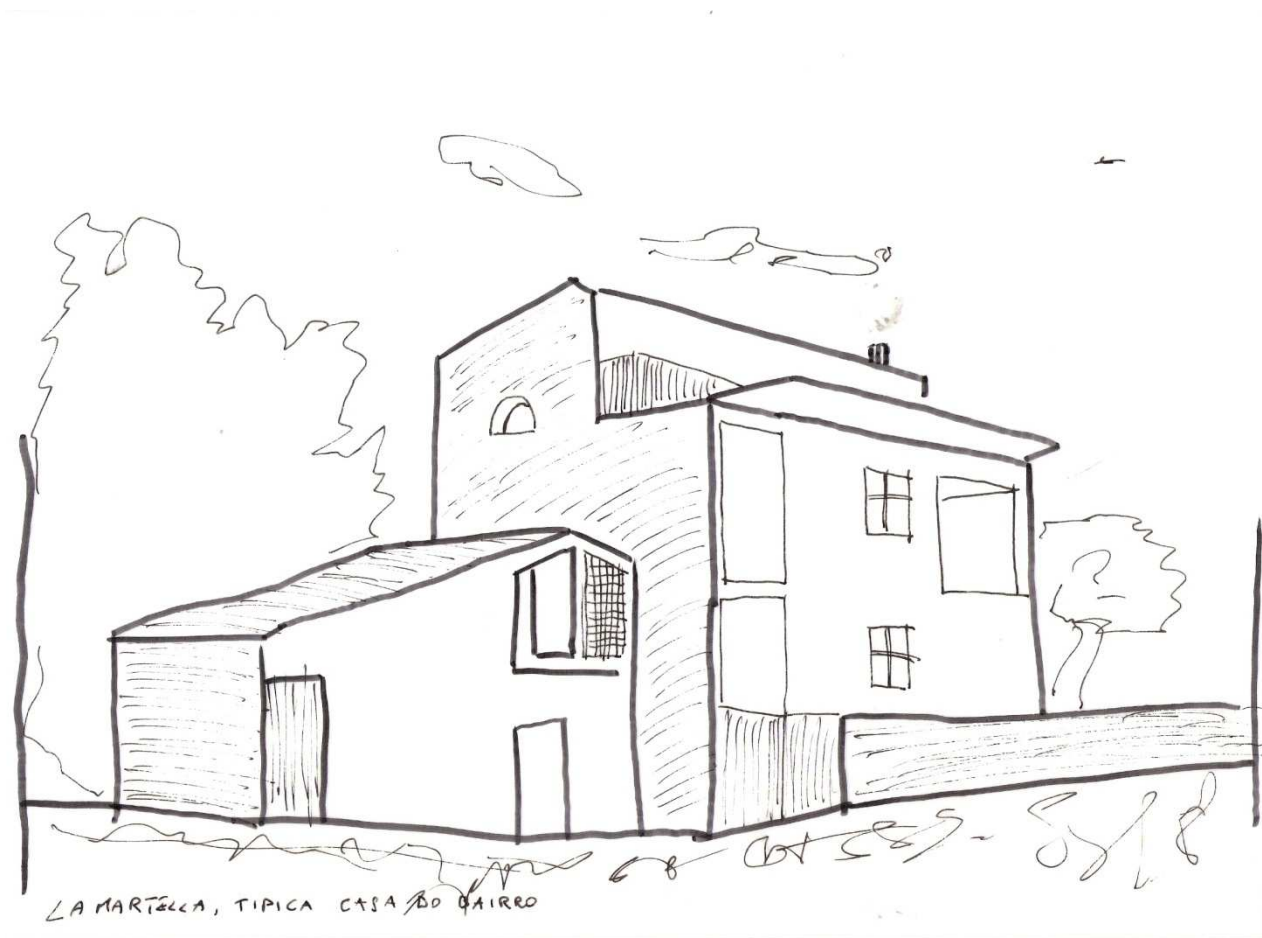


Figura 77 - Tipologia Habitacional típica do bairro La Martella

A tipologia de alojamento adoptada é de casas combinadas duplex; o critério adoptado é o de construções a custos controlados, esta escolha poderia ser substituída com edifícios com mais pisos com estabulo integrados num sistema de cooperação, pois teria sido até mais económica e vantajosa mas isto teria levado a uma mudança muito brusca para os residentes nos seus hábitos e tradições. Os bens e os animais são muito importantes e próximos à vida diária do agricultor *materano* não sendo possível separá-los da vida das famílias que os possuem e dos quais necessitam para a auto-subsistência. Também do ponto de vista social a densidade populacional obtida com as casas duplex é melhor comparada à densidade habitacional comum dos *Sassi* e das outras cidades da província.

Para as casas, o critério da habitação separada do estábulo é considerado melhor porque deste modo melhora-se o sistema higiénico.

Considerando, todavia o grande valor que para o agricultor tem a saúde dos animais, foi construído, adjacente ao estábulo, e acessível a partir da casa, um pequeno armazém no qual é possível colocar uma cama para dormir. Os estábulos têm o acesso principal para o pomar, nas traseiras. Uma estrada de serviço contorna os pomares e permite o acesso dos habitantes directamente aos campos e sem perigo de sujar as ruas. A separação do homem dos animais, não é devido às boas condições de higiene física, mas também de higiene psíquica.

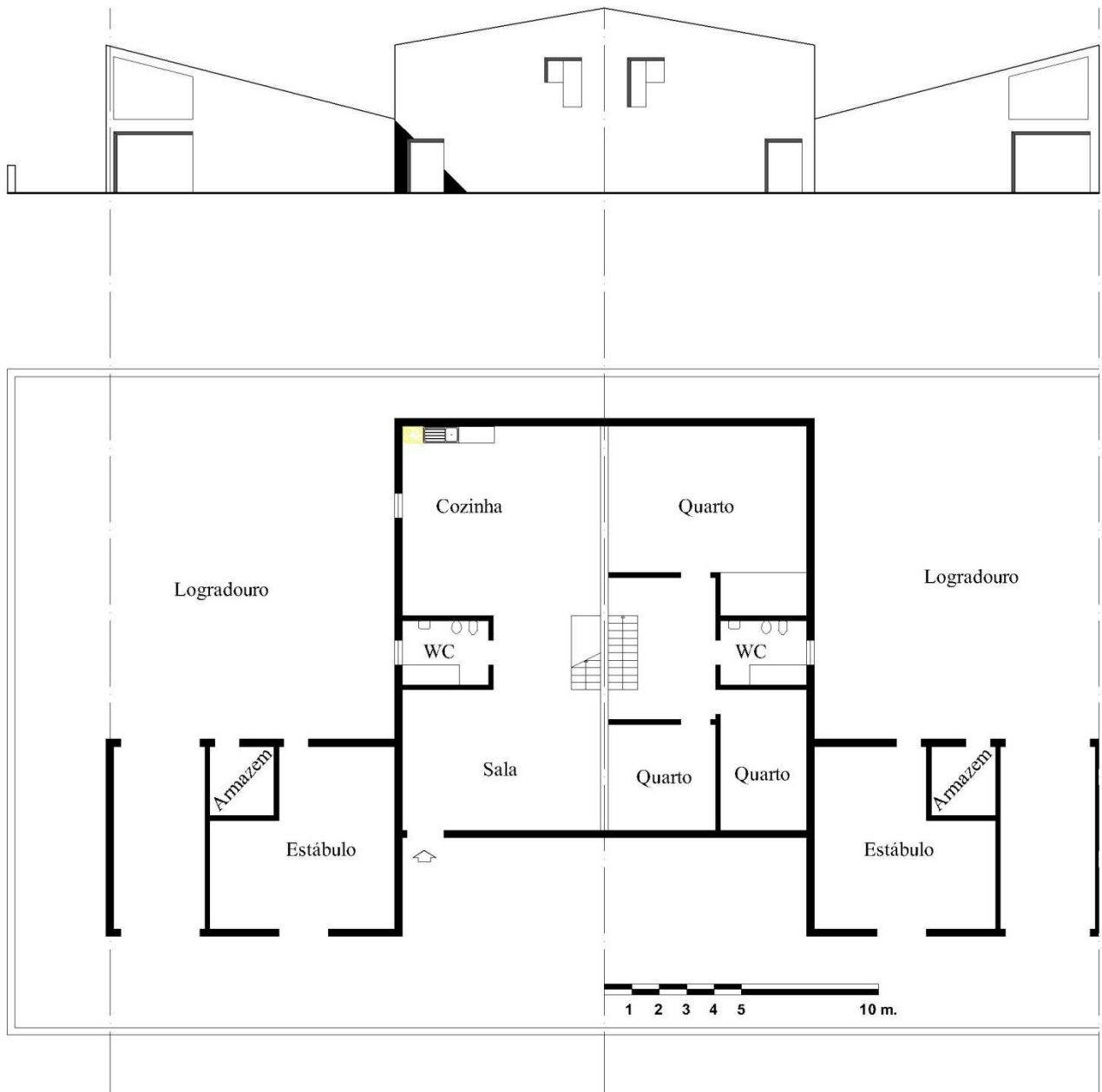


Figura 78 - Tipologia de alojamento combinada duplex

1.2.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS

Os serviços do centro foram seleccionados com critérios diferentes: tentando construir os serviços tradicionais habituais (a igreja, o correio, a tabacaria, uma loja de diversos produtos e a escola primária) foram também adicionados outros (uma taberna, um infantário, uma unidade de saúde mais completa que aqueles geralmente existiam, um centro social com um anfiteatro, para o cinema e representação teatral, para música e conferências, além de um certo número de pequenos escritórios para os assistentes sociais, para as actividades políticas e diferentes actividades para o tempo livre dos habitantes. Em fim, no centro também estão os escritórios para o Ente de Bonifica e recuperação, cuja tarefa é fornecer equipamentos e ajuda aos trabalhadores para o desenvolvimento da agricultura. Todos estes edifícios estão perto uns dos outros, na parte mais elevada da colina com o propósito de integrarem-se mutuamente. Um largo sagrado está aberto em frente à igreja cuja parede frontal está completamente vidrada e pode ser aberta, de forma a alargar, em caso de cerimonia solene, para presença dos crentes, estendendo-a também a pessoas que pertencem a outras comunidades.

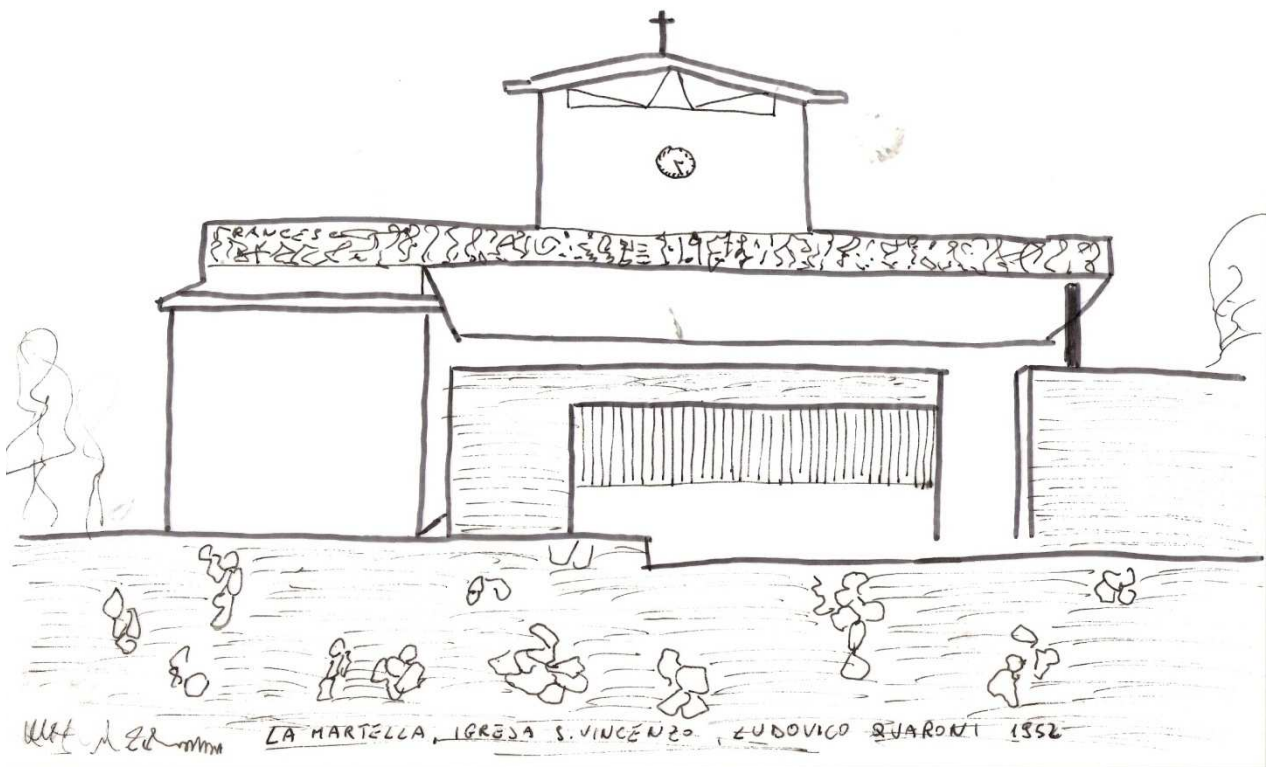


Figura 79 - Igreja San Vincenzo a La Martella, projecto de Ludovico Quaroni.

Outra área livre é criada em frente ao Centro de Reunião Social que está junto ao correio, das lojas e da taberna. Este dois espaços abertos sem parque de estacionamento, fundem-se ao fim da estrada em direcção a *Matera* e à província. O grupo de serviços, escolas e do centro é circundado por duas estradas que se juntam mais a frente.

Foram construídos muitos edifícios para os equipamentos e serviços públicos, isto não é sinónimo de luxo na vida dos agricultores mas, contrariamente, os serviços públicos e os equipamentos colectivos à disposição são de primeira necessidade para satisfazer, contrariamente à recente tradição italiana, para sustentar moralmente a existência do agricultor, em particular o trabalhador sulista acostumado a viver em grandes aglomerações urbanas e não em casas agrícolas. Os serviços colectivos são uma medida útil para proporcionar um crescimento da consciência individual e social que é requerida hoje, e desenvolver em todas as pessoas o sentimento da comunidade para graus mais altos de conhecimento e consciência.

A arquitectura do bairro, na experimentação de umas novas estéticas, e particularmente na igreja, é uma arquitectura nova mas que não foge à tradição. É o homem que cria a vida, não as casas ou outros edifícios; é o agricultor que dá verdadeira vida às casas projectadas. O único objectivo foi o de alcançar uma eficiência total também do ponto de vista estético.



Figura 80 - Vista aérea do bairro



Figura 81 - Campos de trabalho a volta do bairro



Figura 82 - Tipologias Habitacionais



Figura 83 - Vias do bairro



Figura 84 - Centro serviços



Figura 85 - Igreja S. Vincenzo de Ludovico Quaroni

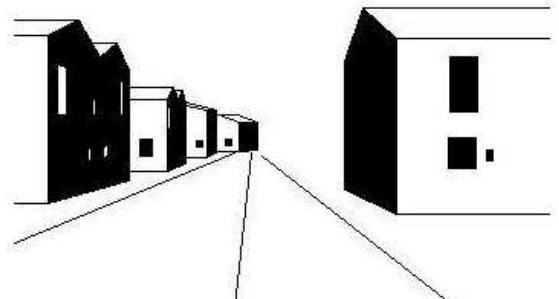
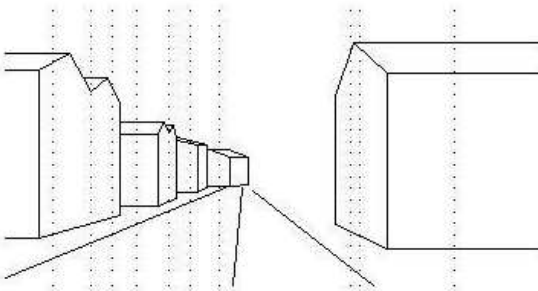
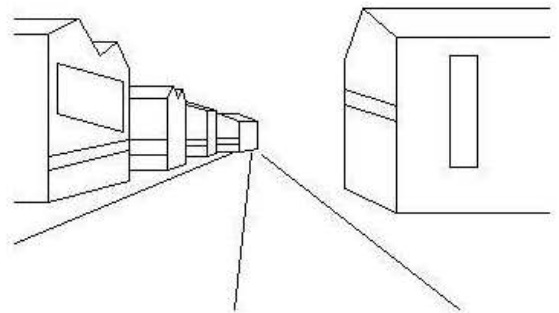
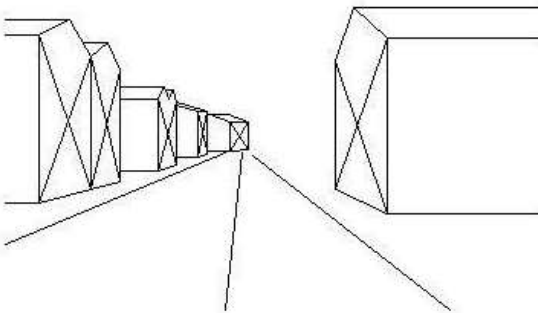
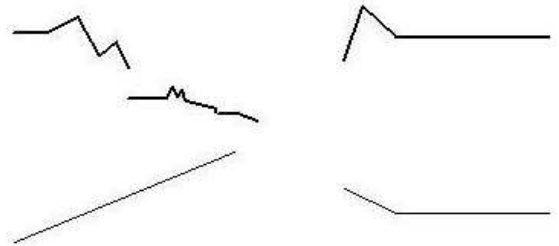
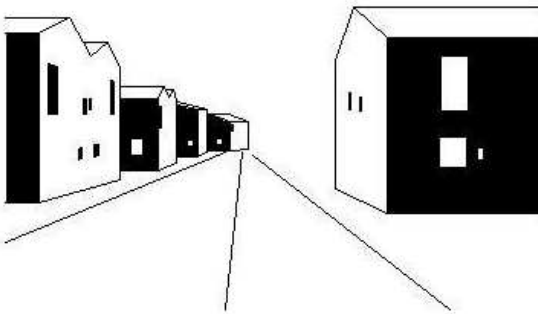
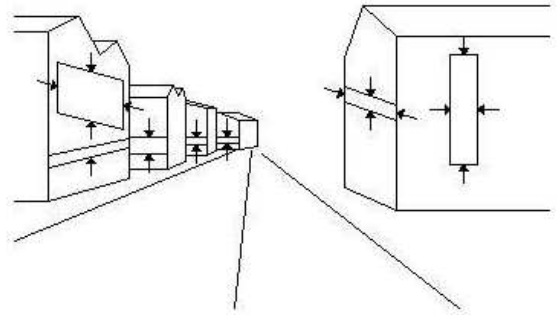


Figura 86 - Análise e Geometria de uma via do bairro La Martella.

1.3 O BAIRRO SPINE BIANCHE, REPRESENTATIVIDADE DE QUARTIERE



Figura 87 - Esboço bairro Spine Bianche

O Bairro *Spine Bianche* de *Matera* representa ainda hoje um dos exemplos mais importantes de experimentação urbanística italiana e europeia depois da Segunda Guerra Mundial, tem como fim a individualização de modelos construtivos e organizacionais que representam, de um lado, a continuidade com o passado recente da civilização rural, e do outro, a possibilidade de poder ter uma unidade de alojamento moderna e confortável, assim como um estilo de vida a par da constante mutação tecnológica. O bairro situa-se na parte nordeste da cidade.

O bairro não propõe regras dos quarteirões internacionais conhecidos, e por isso constrói-se um bairro funcional cumprindo as exigências socioculturais dos agricultores, que têm hábito de conviver nas ruas, praças e à volta dos campos. Isto representa um modelo pouco habitual, mas

funcional que satisfaz as exigências físicas de futuros habitantes, mas é capaz de interpretar o carácter antropológico das unidades de vizinhado. Por essa razão imita-se, em vez de copiar, as unidades de vizinhado dos *Sassi*, interpretando um estilo de vida antigo, elaborando-o com uma linguagem arquitectónica modernista, sem recusar os estilos.

1.3.1 ESQUEMA PLANIMETRICO

Aparentemente monótono do ponto de vista planimétrico, o bairro representa uns dos exemplos mais lineares e funcionais na arquitectura do pós-guerra. A tipologia em L dos edifícios permite a formação de quarteirões com uma corte, lugar de convívio e zona verde.



Figura 88 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços

As avenidas cortam todo o espaço criando ligação directa entre as ruas principais, *Rua Nacional e Rua Dante*. A disposição das casas em banda cria um sistema de comunicação organizado e funcional assim como um espaço ordenado.

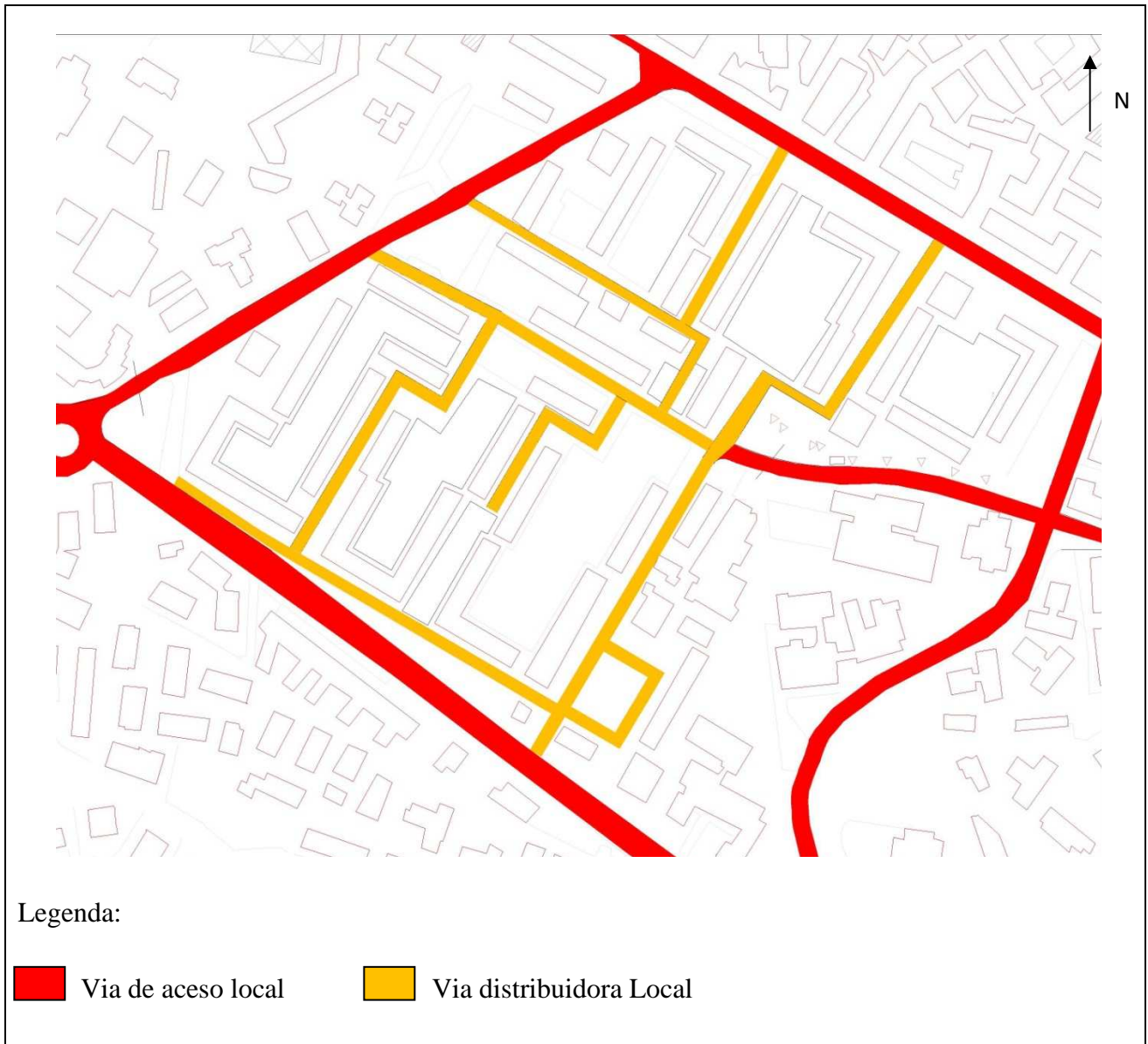


Figura 89 - Estrutura viária fundamental do bairro

O projecto do bairros estava inspirado por um lado, nos modelos escandinavos e city garden²⁸, baseados na existência de áreas amplas comuns, e por outro, da socialidade que caracterizou os distritos dos *Sassi* dos quais novos inquilinos teriam chegado.

²⁸ Ebenezer Howard (1850-1928) segue a linha de pensamento utópico, concretizando o confim entre a parte abstracta das suas teorias e a parte concreta e realizável. As cidade jardim inspiram-se a um equilíbrio habitacional harmónico entre residências industria e agrícola. A escala territorial um sistema de cidades satélites imergida em áreas verdes, equidistantes do núcleo central da cidade e que se dispõem em coroas.

Isto levou à realização de uma implantação urbanística que ainda hoje é objecto de estudo, graças a presença de standards urbanísticos bastante superiores àqueles previstos na lei, e pela elevada qualidade de vida que ainda hoje está presente no bairro.

No bairro as tipologias de edifício e a estrutura não estão inspiradas nas futuras actividades dos habitantes, mas nas passadas, com a finalidade de salvaguardar uma suposta comunidade rural. O arquitecto Aymonino avança uma proposta complexa para o Bairro *Spine Bianche* em *Matera*, numa perspectiva metodológica e formal de uma "nova modernidade".

Neste bairro coexistem habitantes jovens e idosos, criando-se portanto áreas de coabitação de variados tipos.



Figura 90 - Esboço tipologia Habitacional

1.3.2 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

As tipologias de alojamento criadas são constituídas de residências todas com a mesma altura mas de dimensões diferentes: 95-100 m² (8%), 75-80 m² (85%), 55-60 m² (7%). O número de quartos por residência está relacionado com as suas dimensões, com algumas excepções devido a sucessivas reestruturações internas. Em média, alterna-se entre 4 quartos para as residências de maiores dimensões, 3 quartos para a maioria, e para 2 quartos para as habitações mais pequenas.

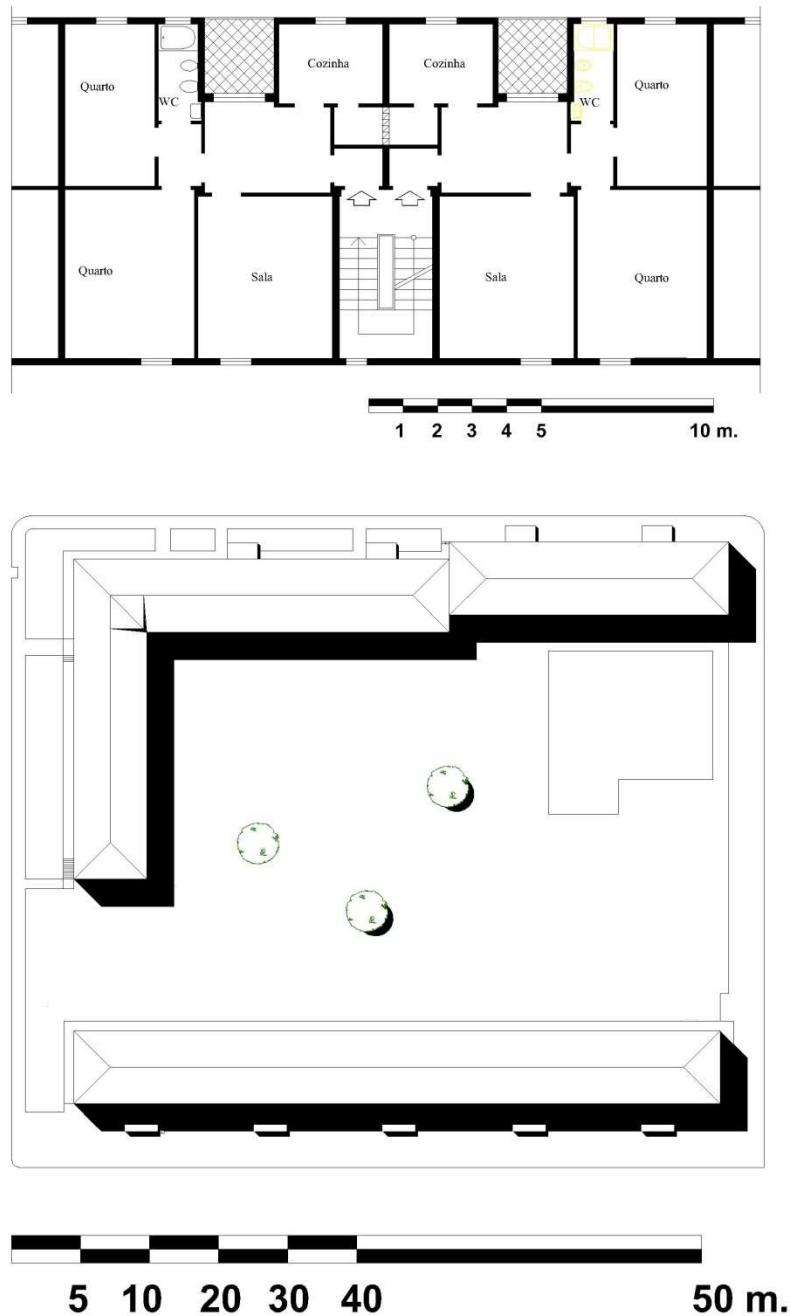


Figura 91 - Tipologia alojamento e estrutura do quarteirão

Os blocos escadas encontram-se, na maioria dos casos, em boas condições, se bem que existem alguns em estado de degradação, ou então, recentemente restaurados.

As condições externas dos edifícios, graças também a escolha correcta dos materiais usados para o revestimento (tijolos burros), mantêm-se em boas condições, mas observa-se algumas obras ilegais em algumas fachadas, provocando um impacto negativo na estética geral.

O arquitecto organiza alojamentos e espaços em previsão de uma vida futura mais completa e harmónica ignorando os estereótipos de uma arquitectura espontânea, e os esquemas internacionais da história das cidades e dos seus habitantes.

1.3.3 ACTIVIDADE E SERVIÇOS

Os serviços respondem às necessidades urgentes da cidade: espaços colectivos para a recreação infantil e de terceira idade, com uma nova e diferente compreensão e coexistência com a natureza. Os serviços do bairro foram seleccionados de acordo com diferentes critérios, tentar construir os serviços tradicionais dos lugares: a igreja de paróquia, minimercados, infantário e escola primária.

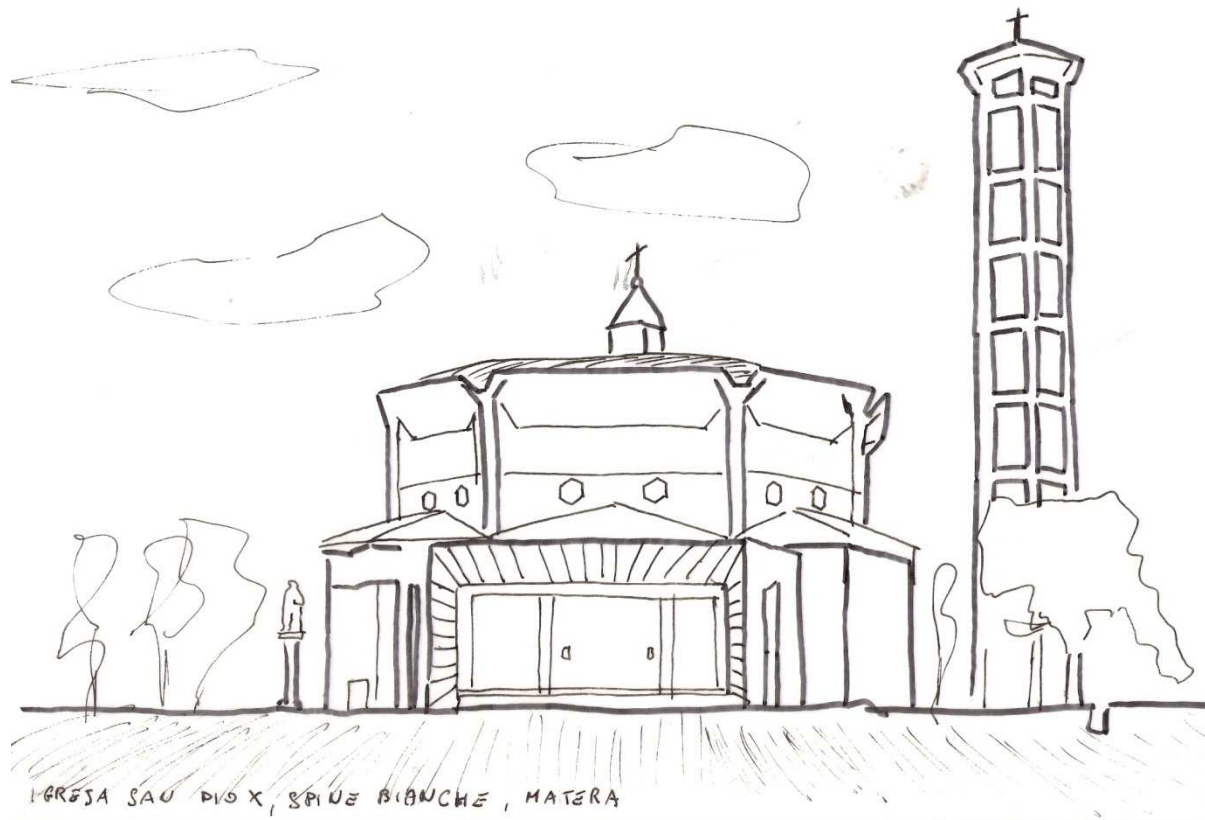


Figura 92 - Esboço Igreja San Pio X do Bairro Spine Bianche

De grande importância são os espaços verdes e os espaços comuns que são pensados para dar uma maior articulação aos habitantes, lugares comuns nos quais podem conviver e ocupar o tempo livre.



Figura 93 - Vista aérea do bairro



Figura 94 - espaço verde coletivos



Figura 95 - Igreja S. Pio X



Figura 96 - edifício a bloco



Figura 97 - Vista do quarteirão



Figura 98 - Blocos escadas

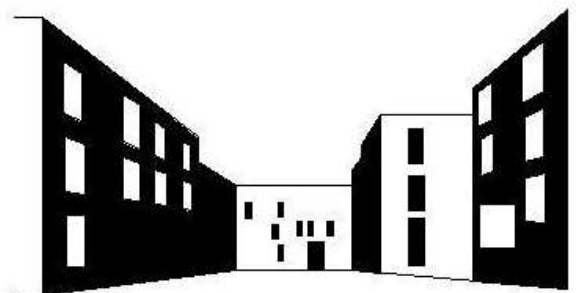
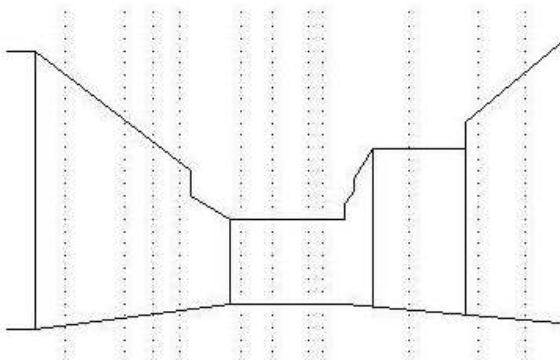
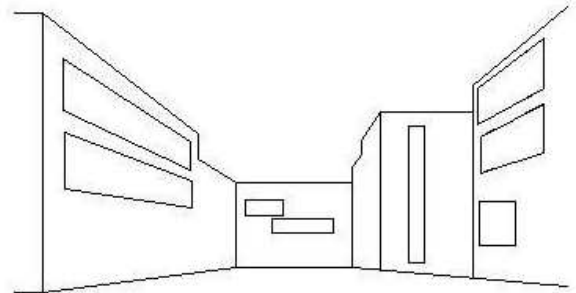
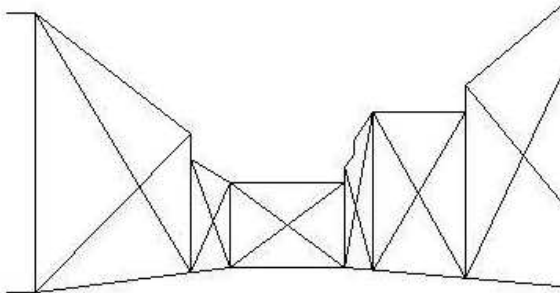
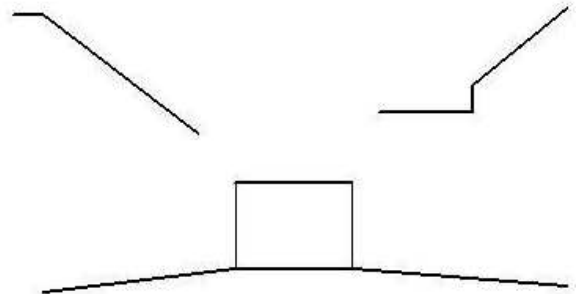
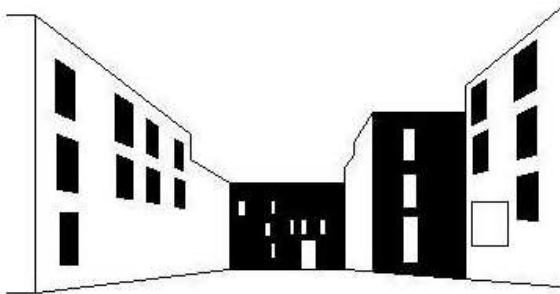
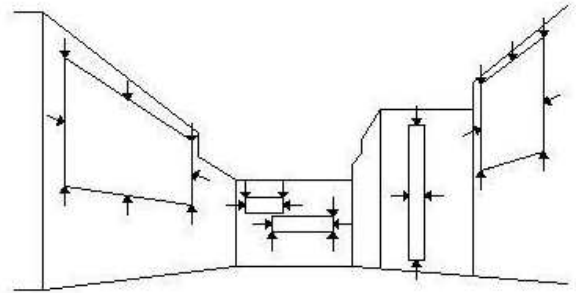


Figura 99 - Análise e Geometria de uma rua do bairro Spine Bianche.

2. OS BAIRROS SOCIAIS DA COVILHÃ

2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E HISTORIA

Portugal passou nas últimas três décadas por transformações muito profundas na estrutura de ocupação do seu território continental. Essas transformações reflectem necessariamente as profundas mudanças da estrutura económica e social e foram acompanhadas de fluxos migratórios muito significativos que obrigam a um redesenho da importância e das funções dos aglomerados urbanos. A questão de se encontrarem soluções para as graves situações de alojamento então chamadas classes laboriosas foi objecto de um debate que se foi pouco a pouco alargando no último quartel do século XIX e nos primeiros anos deste século. O Inquérito Industrial de 1881²⁹ chamou a atenção para o assunto, pois revelou a miséria das condições de habitação do operariado nos principais centros industriais do País, com relevo para Lisboa, Porto, Covilhã e Setúbal.

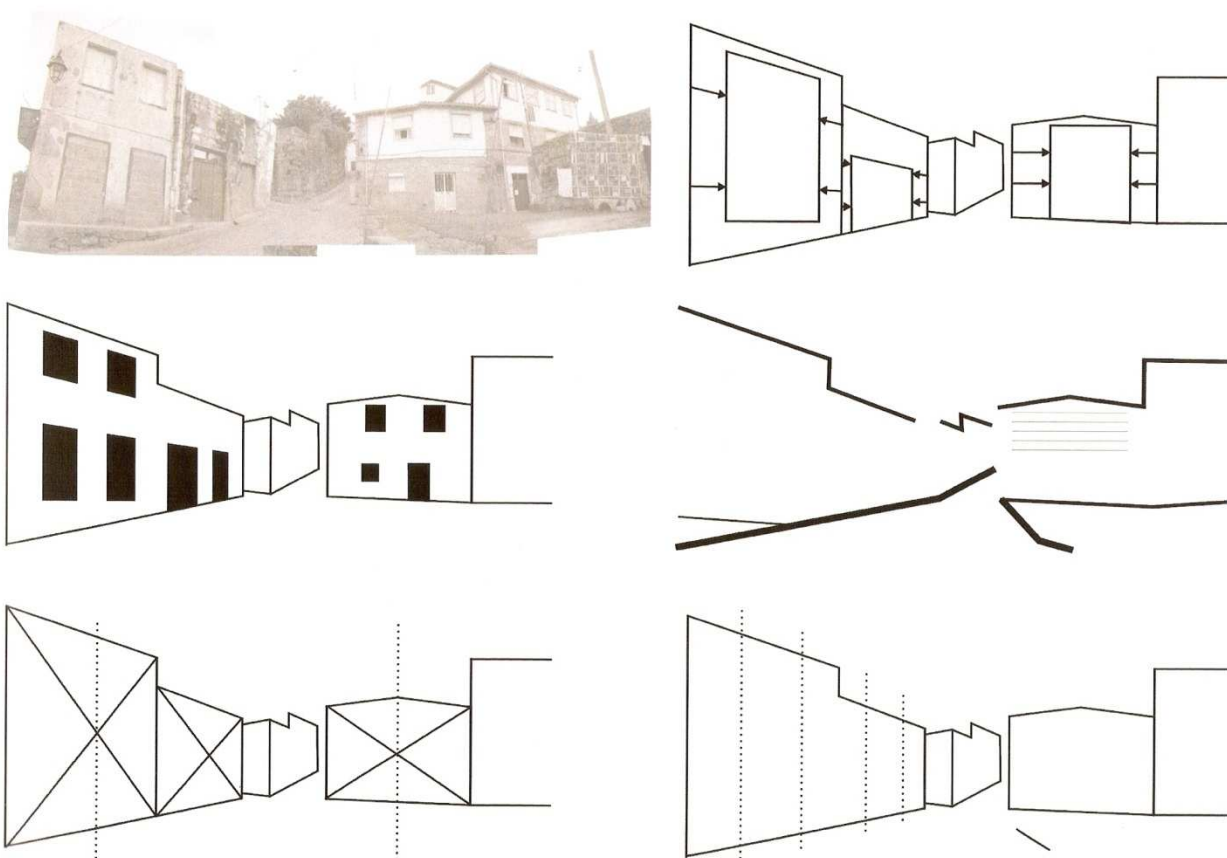


Figura 100 - Esboço rua centro Histórico da Covilhã

²⁹ O Inquérito Industrial de 1881 espelha, em termos globais, e apesar das acentuadas diferenças qualitativas entre os pólos de Lisboa e Porto e das assimetrias regionais, um efectivo desenvolvimento da indústria moderna em Portugal, que se traduz pelo aumento dos estabelecimentos fabris e habitacionais e do número de operários envolvidos nos vários sectores e por um incremento ao nível tecnológico e qualitativo das residências.

O crescente afluxo de populações a estes centros, provocado por um surto industrial que se desenvolveu com o Fordismo, não encontrou correspondência nas condições de habitação para este aumento demográfico. Higienistas, como Ricardo Jorge, que denunciava a miserável situação das ilhas do Porto, lançavam o alarme: não era apenas a saúde das famílias que aí se albergavam que oferecia situações de risco, mas o perigo alargava-se a toda a população, que se viu ameaçada de contaminação, devido à propagação das bactérias infecciosas. A tuberculose começava a atingir as várias classes sociais. Daqui que o combate ao flagelo se tornasse uma questão de sobrevivência para o conjunto da sociedade. As camadas mais desfavorecidas da população covilhanense viam-se na contingência de ter que sofrer condições de alojamento deprimentes, albergados em palácios arruinados ou conventos e a maioria das vezes em pátios insalubres. Foi aí que a iniciativa privada começou a interessar-se pela situação, com a construção de vilas operárias, onde as condições não seriam tão miseráveis, e que dariam provavelmente bons lucros aos investidores. Como excepções, podem apontar-se o caso de empresas, sobretudo do sector têxtil, que construíram, num ou noutro caso, alojamentos para os seus operários.

Foi neste quadro que se edificaram as centenas de vilas que ainda hoje existem pelas cidades, constituindo uma parte considerável do tecido edificado, ainda que pouco visível da via pública. Na Covilhã, mais propriamente, a partir dos fins de Fevereiro de 1913, em consequência da falta de estruturas republicanas para fazer face às carências sociais, surgiram notícias de escassez de casas em especial para operários.

O problema das habitações estava a preocupar todos os moradores da Covilhã. Não havia casas suficientes para a população da cidade e as classes menos abastadas tinham de viver acomodadas sem água, sem luz, sem higiene de qualidade alguma, em promiscuidade de duas e três famílias. Foi então apresentado um projecto que incluía a construção de bairros para operários, cuja falta nesta cidade se fazia tanto sentir. Um dos Bairros construídos foi o chamado actualmente Bairro da Alegria pertencente a freguesia de São Martinho. Neste bairro, a construção de habitações para o pessoal poderia inscrever-se numa atitude de tipo paternalista por parte dos empresários, promovendo imagens como a "grande família" e a "dignificação do trabalho", e não deixando certamente de funcionar como instrumento de controle e de pressão sobre os assalariados. É notório neste último caso o extremo cuidado do arranjo, a qualidade do desenho e também a diversificação das tipologias, reproduzindo naturalmente a hierarquia no trabalho no local de habitação. Este bairro inscreve-se nos quatro em estudo: Bairro da Alegria, Bairro do Rodrigo, Bairro da Estação, e Bairro da Alâmpada. O Bairro da Alegria e o Bairro do Rodrigo são o exemplo de habitação feita para pessoas mais carenciadas, e trabalhadores fabris.

Situando-se em épocas diferentes, estudam-se como é que evoluiu este tipo de habitação, as suas melhorias e o seu progresso ou regressão. O Bairro do Rodrigo surge como exemplo de comparação para ambos os tipos de bairro referenciados, já que o mesmo apresenta as duas situações. Todos distanciados entre si temporalmente mas com a mesma função: servir um tipo específico de família trabalhadora. No tecido apertado dos bairros pobres da periferia são frequentes as pequenas construções de um só piso, nas quais o aumento de densidade levou a erguer novas habitações sobre o primitivo.

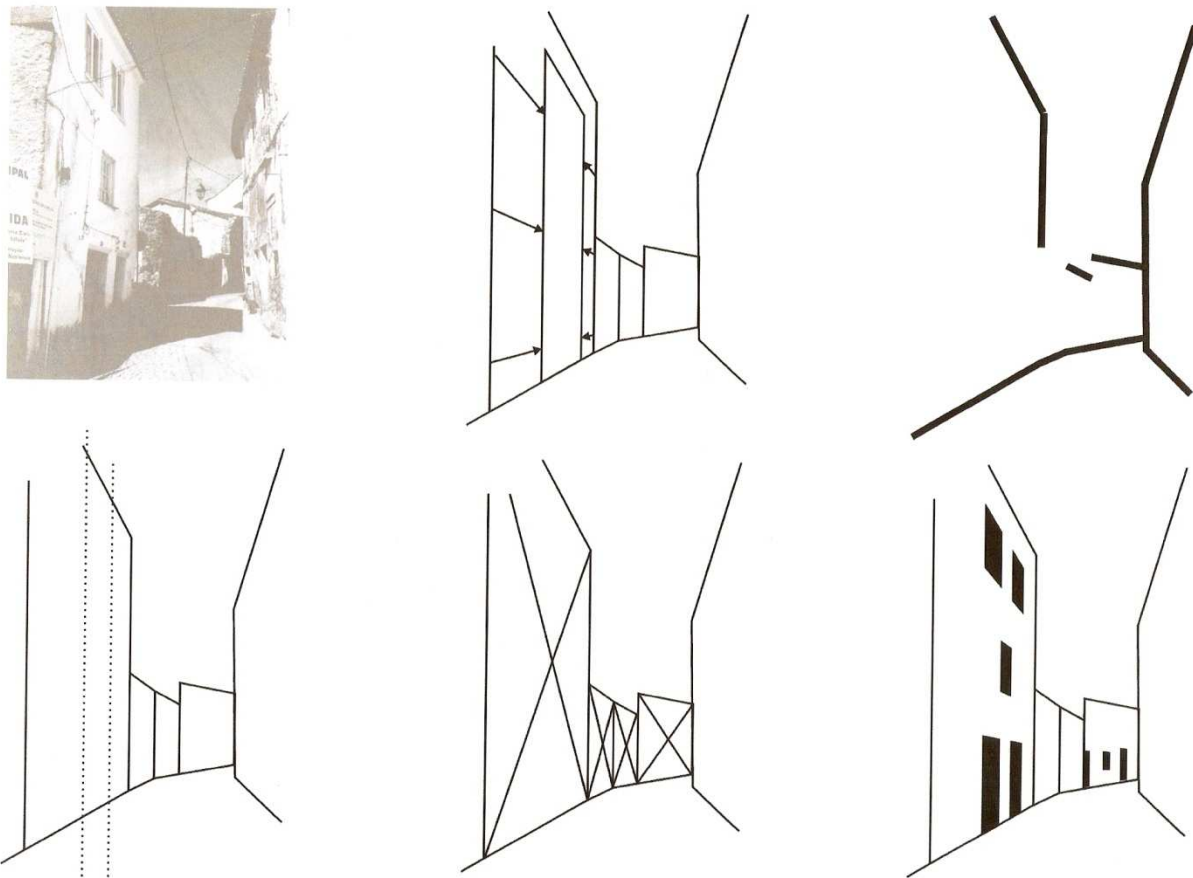


Figura 101 - Esboço bairro no centro histórico alto da Covilhã

Trata-se pois de uma forma de agrupamento tradicional na cidade, como em qualquer pequeno aglomerado. Dotada de um programa mínimo, de construção simples e de custo muito reduzido, este tipo de alojamento adequava-se às possibilidades de famílias de fracos rendimentos. Este modelo, era susceptível de ser reproduzido para um maior número de habitações, e com este incremento levou a que se construíssem filas ou bandas de casas deste tipo, a que se deu o nome de fileiras. Os edifícios ou conjuntos expressamente construídos para habitação de famílias operárias, que começaram a tomar a designação de "vilas".

Uma das suas características, como da generalidade das construções construídas com fins lucrativos, é o aproveitamento máximo da área disponível. Daí a necessidade da concentração do espaço livre, inútil ou pouco lucrativo do ponto de vista do rendimento, de forma a construir o maior número possível de habitações – também elas reduzidas a áreas mínimas – numa dada parcela de terreno. Esta exigência conduz a uma organização espacial em que as habitações se agrupam à volta do terreno, ocupando todo o seu perímetro, com acesso através de um espaço lateral. Esta é a forma mais imediata e mais generalizada destas “vila”, onde se insere um espaço alongado permitindo os acessos às habitações. Os logradouros privados nas traseiras ou não existem ou são de pouca expressão.

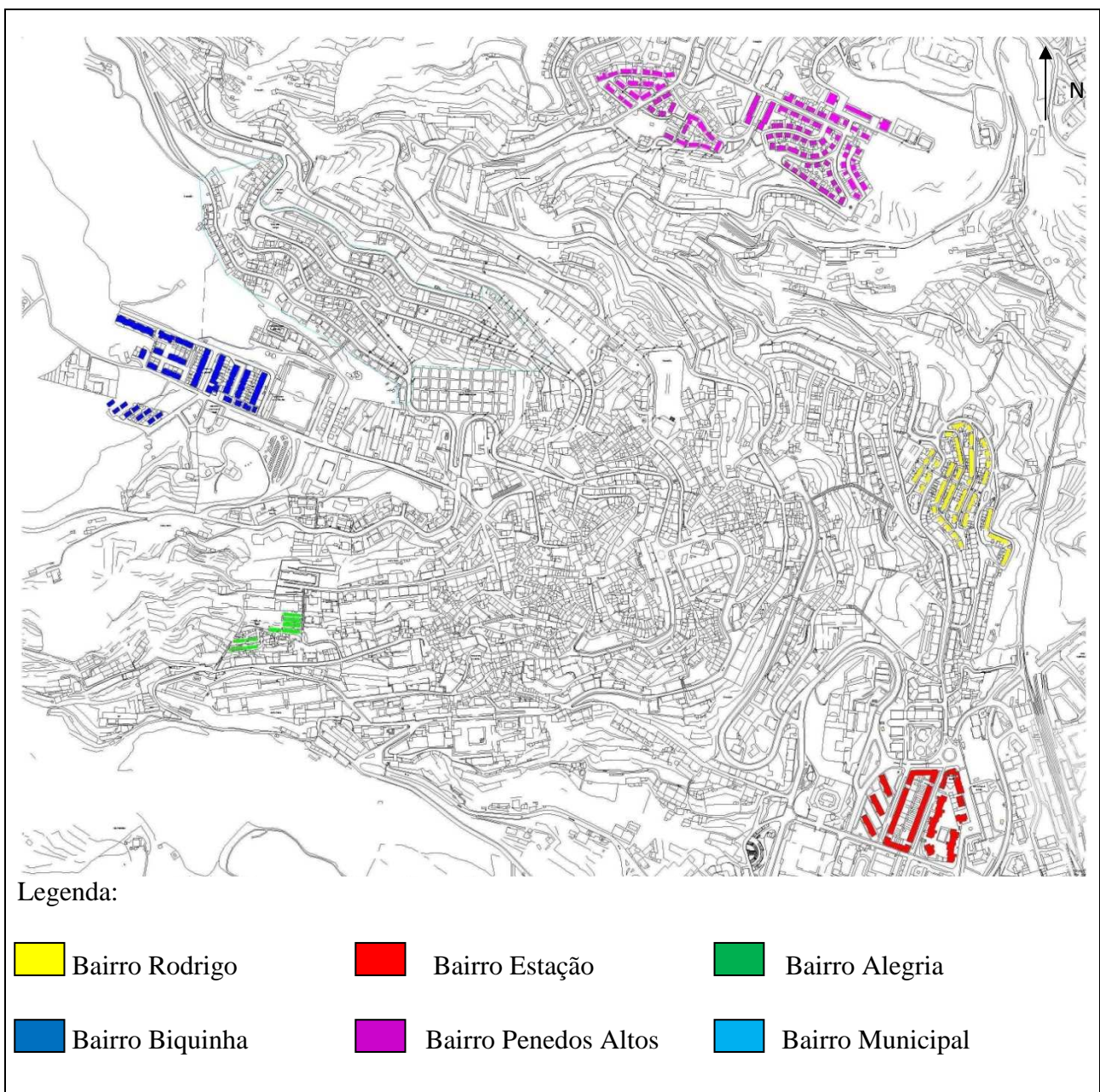


Figura 102 - Bairros principais de Covilhã

Os vários problemas, que general mente encontram-se são: nomeadamente:

- Esvaziamento da função residencial, que atravessam em muitos casos processos paralelos de "terciarização", de desertificação, de abandono e degradação,
- Processo acelerado da degradação do edificado, associado à inexistência de estímulos de mercado à reabilitação urbana,
- Fracas condições de vivência urbana,
- Segmentação etária do espaço da Covilhã, com o "centro" desta grande área urbana a envelhecer acentuadamente, e as novas gerações a serem deslocadas para "zonas suburbanas" cada vez mais distantes,
- Degradação acelerada da paisagem urbana, com destaque para a escassez de espaços verdes e posterior tratamento, espaços públicos atrofiados pela dinâmica da construção compacta, degradados e sem qualquer conforto, causando maior isolamento aos moradores.

2.2 BAIRRO DO RODRIGO

O Bairro do Rodrigo, promovido pela Federação Nacional da Caixa de Previdência da Indústria dos Lanifícios, foi executado numa única fase e a obra decorreu entre 1948 e 1951. O conjunto residencial, constituído por um total de cem fogos, foi um projecto original para a Covilhã (datado de 1947 e com a assinatura de “F. Travassos”) pelas condições especiais de adaptação à topologia do local de implantação. Segundo se sabe a tipologia dos edifícios também foi a primeira vez que foi construída. Este Bairro sendo envolvido ao longo dos anos por alguns loteamentos e empreendimentos particulares diversificados e desintegrados.

O Bairro do Rodrigo situa-se a nascente da cidade e numa encosta também exposta a nascente e ao vale atravessado pelo caminho-de-ferro.

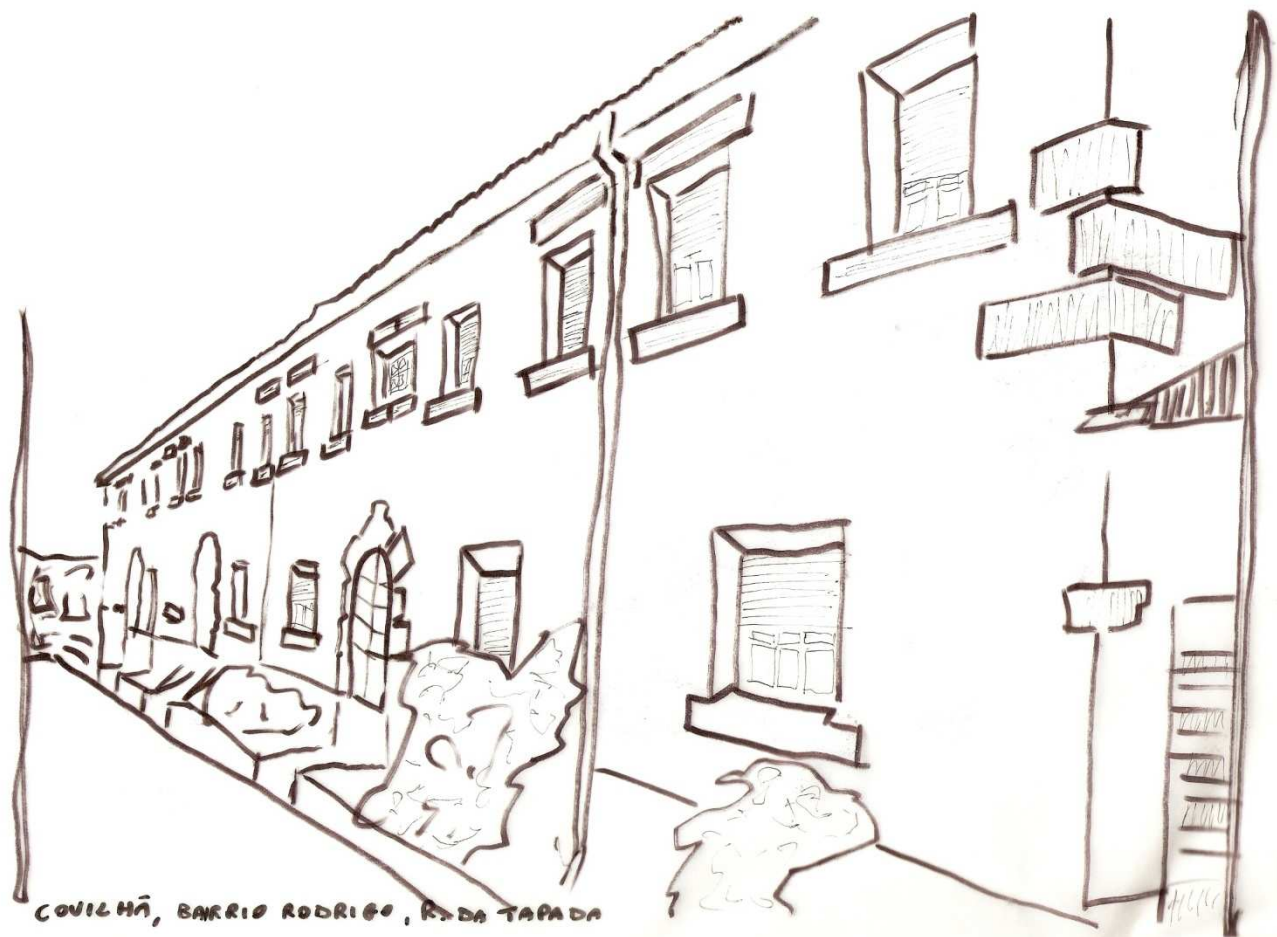


Figura 103 - Esboço Rua da Tapada, bairro Rodrigo

O conjunto residencial caracteriza-se, quanto às condições genéricas de dimensionamento e forma, pela ausência de espaços exteriores públicos; por quanto concerne a acessibilidade do sítio analisa-se que a localização do Bairro na encosta obrigou a soluções como percursos pedonais transversais, sob a forma de escadarias, e às rodovias estreitas de nível.

A organização interna do Bairro proporciona um acesso fácil, pedonal e rodoviário, a todas as habitações, comércio e equipamento da envolvente, os transportes públicos não passam no interior do Bairro mas sim na via distribuidora local a ponte que é muito mais acessível, os percursos pedonais estão normalmente relacionados com a necessidade de vencer desníveis de terreno e normalmente entre vias de acesso local.

A exposição solar a nascente dá ao Bairro e a toda a área de implantação uma luminosidade bastante agradável.

2.2.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO

As características da estrutura urbana deste conjunto residencial, dos seus espaços exteriores e zonas viárias e pedonais são variadas; estamos em presença de uma área residencial executada numa única fase, à qual foram sendo acrescentados alguns empreendimentos particulares, que ao longo do tempo foram preenchendo espaços vazios, mas nem sempre com a melhor adequação à morfologia urbana existente. Por outro lado, também não houve a preocupação de constituir um lugar/núcleo central, motivador de animação.

Essa zona urbana contém interessantes elementos da tradição de arquitectura urbana portuguesa e de identificação com as características de domesticidade.

A continuidade da arquitectura urbana e a escala geral deste Bairro, de baixa altura e forte ocupação por quintais/pátios privados (na totalidade dos fogos), proporciona uma assinalável adequação a modos de vida muito relacionados com o exterior; os espaços exteriores privatizados apresentam várias formas, tais como quintais murados (sempre posteriores e algumas vezes laterais) bem como alguns canteiros de transição nas entradas. As ruas, quase todas de acesso local, possuem características que permitem a apropriação e até mesmo o recreio.

A estrutura urbana do Bairro tem, apesar de tudo, forte identidade e é adequadamente servida por uma arquitectura de edifícios cujas sequências contínuas de imagens caracterizam

espaços públicos de rua predominantemente residencial. A malha urbana, estabelecida numa única fase, apresenta tipologias aparentemente idênticas de arruamentos e de escala dos lotes e edifícios. São predominantes as ruas com edifícios em banda, implantadas de acordo com a topografia.

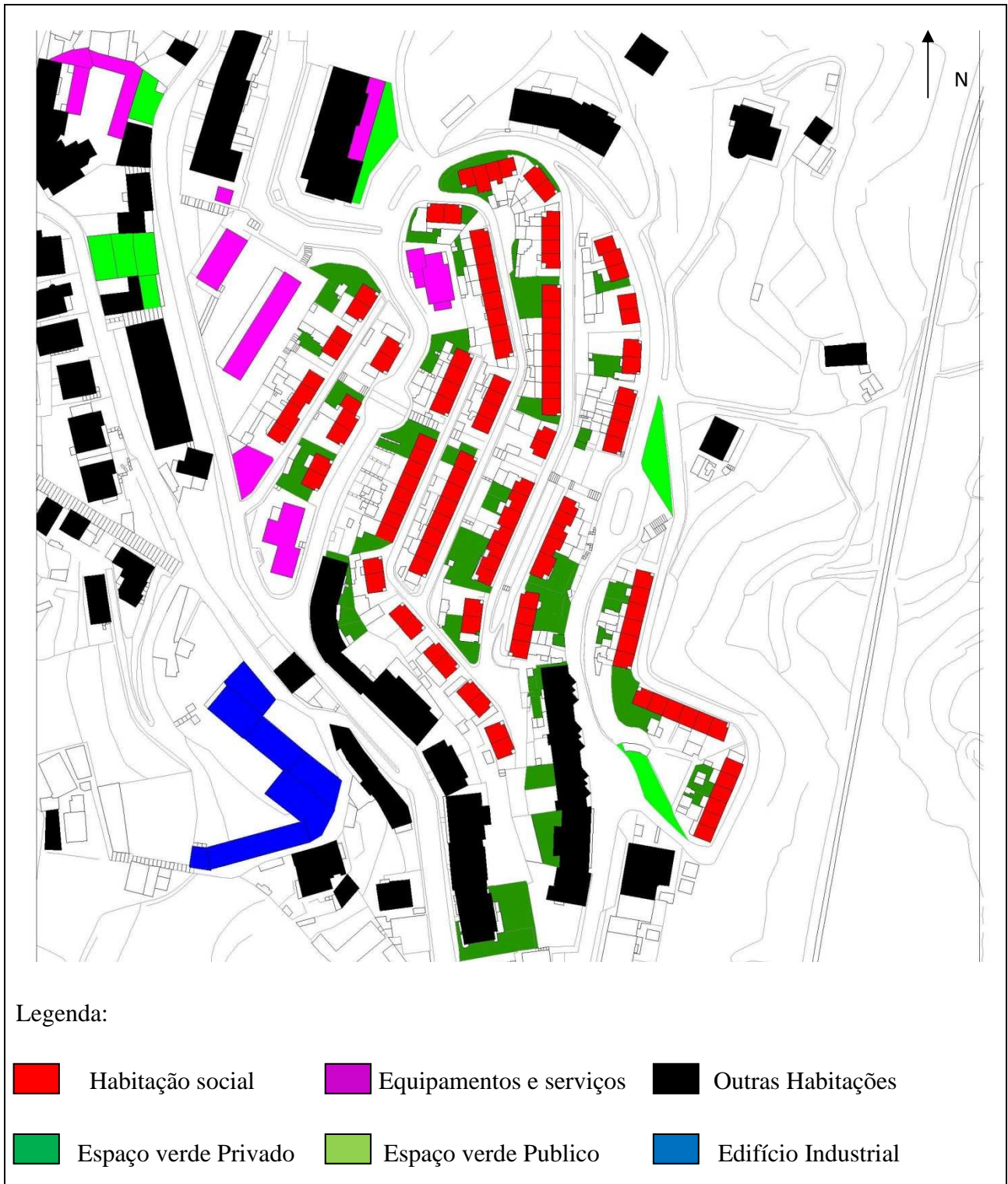


Figura 104 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços do Bairro Rodrigo

Os principais elementos do conjunto residencial são as: “Correntezas edificadas” que são constituídas por conjuntos de edifícios unifamiliares em banda, de 2 pisos, com logradouros no piso térreo. Os alçados principais e posteriores destas bandas são idênticos; os “Geminados” que resulta do alinhamentos de lotes com edifícios “geminados” com um ou dois pisos e configuram ruas onde a visibilidade de logradouros é marcante.

A tipologia edificada configura um Bairro com baixa altura e densidade equilibrada, proporcionando uma boa adaptação a modos de vida muito relacionados com o exterior.

Os quintais fazem parte da imagem geral do Bairro e permitem:

- Proporcionar à grande maioria das habitações a fruição de um quintal privado adjacente à casa (sinal de semi-ruralidade),
- Facultar uma contrapartida à reduzida especiosidade doméstica pela possibilidade de ampliação do fogo em extensão e pela forte apropriação da área exterior privativa,
- Finalmente, proporcionar um tipo de habitat que parece ser muito adequado a modos de vida e de uso da casa caracterizados por intensos hábitos de utilização de espaços exteriores privativos ou espontaneamente apropriados.

As características da estrutura urbana deste conjunto residencial, dos seus espaços exteriores e zonas viárias e pedonais.

Os espaços exteriores privatizados apresentam várias formas, tais como quintais murados (sempre posteriores e algumas vezes laterais) bem como alguns canteiros de transição nas entradas. Os espaços exteriores públicos apropriáveis são em número reduzido e relação aos espaços residuais.

As ruas, quase todas de acesso local, possuem características que permitem a apropriação e até mesmo o recreio. De uma forma geral parece existir uma homogeneidade tipológica e volumétrica, permitindo contudo alguma diversidade de tipos de fogos. Neste pequeno Bairro é evidente a caridade reduzida mas equilibrada do exterior residencial, público e privado, claramente estruturado e pontuado por ruas residenciais ladeadas por edifícios e logradouros.

A estrutura dos espaços públicos é constituída essencialmente pelas ruas e por pequenos alargamentos pontuais, resultantes da geometria dos limites dos logradouros. A rede viária é muito estreita, possui alguns sentidos únicos de tráfego motorizado mas devido ao trânsito reduzido permite sobretudo uma utilização pedonal em segurança. Ainda quanto aos espaços públicos, refere-

se a existência de alguns percursos pedonais que irrigam o Bairro e assumem importância na interligação das diferentes ruas residenciais.

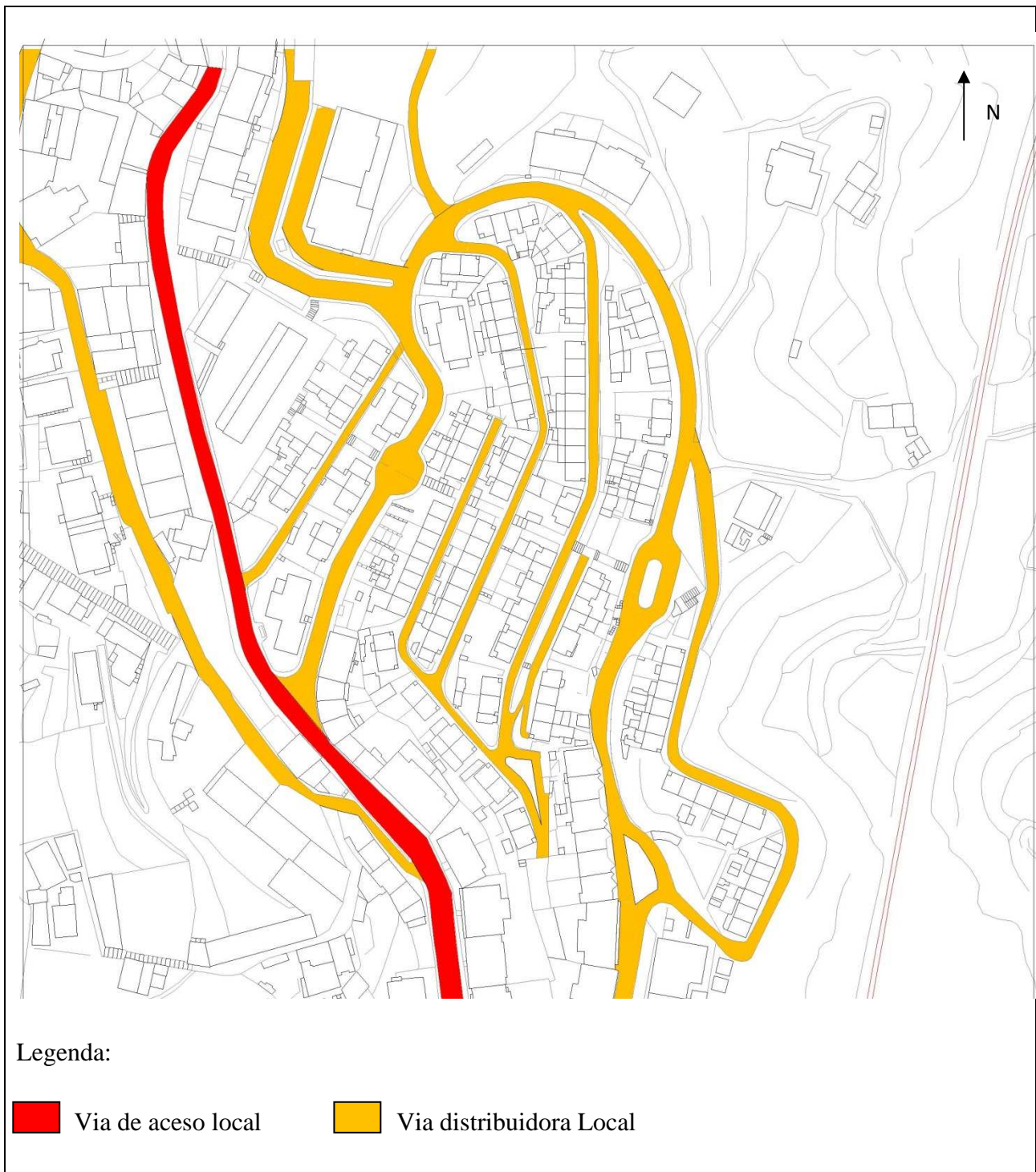


Figura 105 - Estrutura viária fundamental do bairro

Existe uma via de distribuição que passa marginalmente ao Bairro, não colocando qualquer inconveniente significativo ao tráfego local. O restante trânsito, no interior do Bairro, é exclusivamente de acesso local, o que garante o sossego e a privacidade residencial e permite aproveitar o espaço rodoviário, ao máximo, como espaço urbano pedonal, reino de lazer e de recreio livre de crianças.

2.2.2 ESQUEMA PLANIMETRICO

A topologia do terreno foi “religiosamente” respeitada, o que influenciou e beneficiou claramente a implantação dos arruamentos e dos edifícios. Nota-se que a zona constitui uma área de tecido urbano estabilizado, envolvida por empreendimentos novos morfologicamente desintegrados salientando-se uma clara descontinuidade urbana.

O conjunto residencial de origem foi elaborado com uma forte coesão entre as tipologias de edifícios de habitação e os equipamentos executados na mesma altura. Actualmente não só foram acrescentados mais equipamentos como o Bairro acabou por ser envolvido por empreendimentos desintegrados, tanto na morfologia como arquitectonicamente.

A malha urbana, de características essencialmente residenciais, apresenta uma forte densidade de ocupação habitacional, de tal forma que não contemplou espaços exteriores públicos capazes de possibilitar a criação de um lugar central.

2.2.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

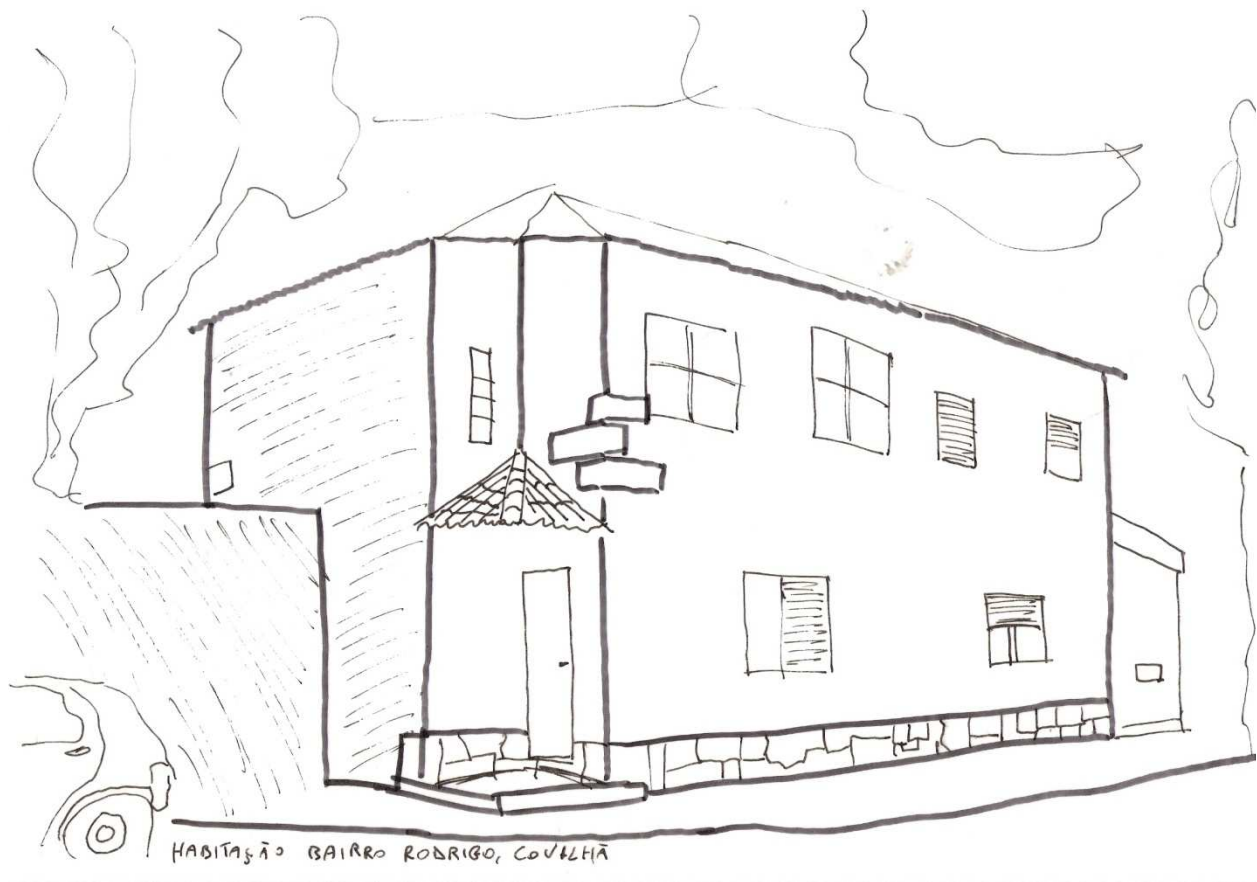


Figura 106 - Esboço habitação bairro Rodrigo

Existe apenas um tipo de edifício, unifamiliar de 2 pisos. Todos os edifícios possuem logradouros posteriores individualizados. Os topos das bandas ou dos geminados têm logradouros laterais.

As soluções de cobertura são sempre de telhado com telha cerâmica de barro vermelho, sem aproveitamento para espaço habitacional. Ainda existem alguns casos de intervenções posteriores de reconstrução que alteraram a fisionomia de algumas tipologias originais.

As tipologias dos edifícios contribuem para uma identificação dos moradores com o seu Bairro, reforçando aspectos de apropriação, e garantindo uma adequação às características da sua população, com memória rural. A arquitectura urbana concretiza-se por:

- Escala da edificação de 2 pisos,

- Presença de elementos radicados na tradição, tais como marcações das entradas e tratamentos especiais das portas de entrada e das fenestrações, quintais murados, telhados e chaminés,
- Forte identificação e demarcação de cada edifício,
- Ruas residenciais com escala geral idêntica à dos aglomerados urbanos/semi-rurais consolidados e tradicionais,
- Estacionamentos insuficientes e só em reduzida parte privatizados.

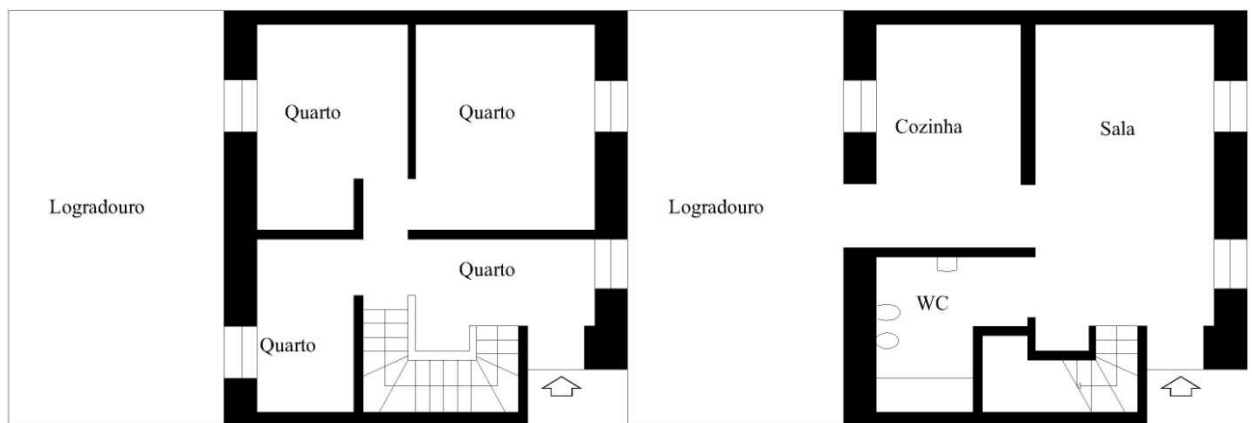


Figura 107 - Planta tipologia de uma habitação do bairro

O resultado final configura um conjunto residencial com uma forte e agradável imagem, bem unificada e estruturada, variada e animada.

2.2.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS

Os Equipamentos Conjugados com Edifícios Habitacionais são insuficientemente, contendo apenas, no seu interior, alguns equipamentos ocasionais para uma área residencial. Contudo existem junto à via distribuidora, a poente, outros equipamentos e serviços de abastecimento diário conjugados com edifícios habitacionais.

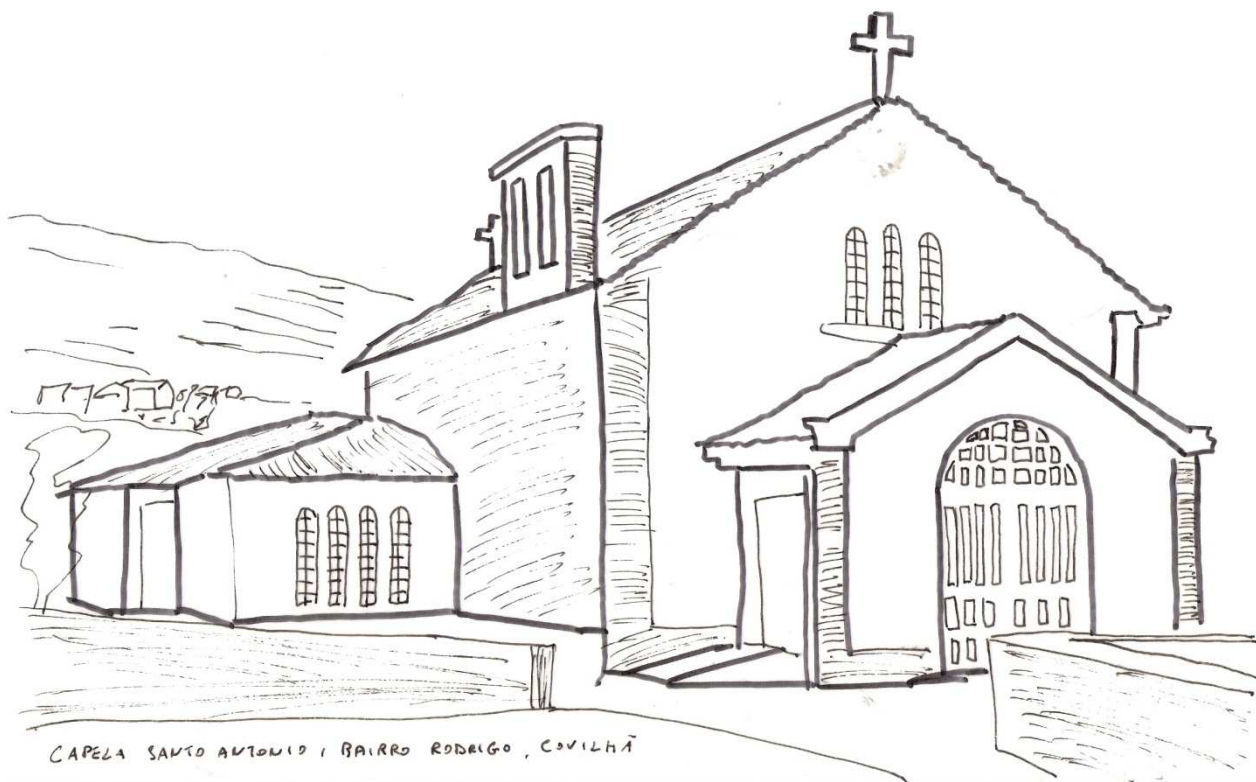


Figura 108 - Esboço Capela S. Antonio no bairro do Rodrigo

Apenas existem espaços comuns em algumas bandas, tratam-se de patamares abertos mas cobertos, colocando as portas de entrada frente a frente. Nas restantes tipologias de edifícios geminados todos os espaços são individualizados e com acesso directo para o exterior. Ainda o bairro possui, no interior e desde a sua origem, uma escola primária e uma Igreja³⁰. Junto com a escola temos um infantário, um parque infantil e uma piscina/tanque de aprendizagem, coberta. A poente e ao longo da via de distribuição local localizam-se alguns comércios de abastecimento diário.

³⁰ Capela santo António, antigamente chamava-se Capela de Santa Marinha, porque situada no largo de Santa Marinha. A capela hoje ainda existe, foi reconstruída no Bairro do Rodrigo passando a chamar-se Capela de Santo António

A proximidade do Bairro do Rodrigo ao “Pólo”/Bairro da estação representa uma mais valia para a utilização de equipamentos diversos/especiais e comércio ocasional, em detrimento/alternativa ao centro histórico da cidade.



Figura 109 - Foto antiga do Bairro, Fonte João Marques Júnior



Figura 110 - Vista aérea do bairro



Figura 111 - Vista do bairro, Fonte João Marques Júnior



Figura 112 - Capela S. António no bairro do Rodrigo



Figura 113 - Casas em banda



Figura 114 - Relação espaço verde privado e via pública

2.3 BAIRRO DA ESTAÇÃO

O Bairro da Estação situa-se a nascente da cidade, na zona mais plana, junto à estação de caminho-de-ferro.

O Bairro da Estação, promovido por Caixas de Previdência, foi executado em 3 fases distintas. O conjunto residencial em análise teve um primeiro estudo que contemplava três quarteirões fechados e de dimensões semelhantes, contudo só um viria a ser construído como tal.



Figura 115 - Esboço rua Alves Da Silva, Bairro Estação

O conjunto residencial caracteriza-se, quanto às condições genéricas de dimensionamento e forma pela presença de diferentes tipos de espaços exteriores razoavelmente usados, vitalizados por equipamentos e estimulando a compatibilidade/viabilidade de variadas relações sociais e funcionais.

A zona de implementação surge numa época em que a cidade tomou a melhor opção em face da oportunidade que as instituições governamentais criaram, conforme se pode constatar pela exaustiva justificação⁷⁵.

Em primeiro lugar surgem 83 fogos e 8 lojas no quarteirão fechado (1955), em segundo lugar são construídos 48 fogos em 3 blocos isolados (1961) e por fim surge o “quarteirão aberto” com 105 fogos (1963). O conjunto residencial, organizado em lotes multifamiliares, possui alguns equipamentos socioculturais e comerciais, associados a espaços exteriores. Os edifícios, de diferentes tipologias multifamiliares, possuem em média 3 a 4 pisos de altura.³¹

2.3.1 CONJUNTO RESIDENCIAL, ESTRUTURA E DESENHO URBANO

As características da estrutura urbana deste conjunto residencial dos seus espaços exteriores e zonas viárias e pedonais são diferentes. Estamos em presença de uma área residencial cujas diversas fases de desenvolvimento e subzonas de vizinhança se encontram bastante conjugadas no núcleo central mas em descontinuidade com a envolvente mais directa. Essa zona urbana contém interessantes elementos da nossa tradição de arquitectura urbana, integra uma mistura de área comercial com habitação, configurando um pólo de atracção funcional. A diversidade da arquitectura urbana e a escala geral deste Bairro, de baixa altura, proporcionam uma assinalável adequação a modos de vida muito mais urbanos do que nos casos anteriores.

Os espaços exteriores privatizados apenas surgem no quarteirão fechado e apresentam-se pouco utilizados, mesmo abandonados, nalguns casos. A razão deste abandono poderá estar relacionada com a pequena dimensão dos quintais e a falta de privacidade. Os espaços exteriores públicos apropriáveis são em número razoável em relação aos espaços residuais (praticamente inexistentes), e protagonizam relações e elementos urbanos enraizados na nossa tradição urbanística, tais como ruas arborizadas, passeios e percursos pedonais.

A imagem urbana das ruas secundárias surge contrastante e assimétrica em face das diferentes soluções tipológicas em confronto. Estas ruas são relativamente sossegadas, protegendo a circulação e a estadia dos peões, mas respeitando a funcionalidade do automóvel, em ruas caracterizadamente residenciais.

³¹ Fonte Arquivo Câmara Municipal Covilhã

A estrutura urbana do Bairro tem forte coesão e é servida por uma arquitectura de edifícios cujas sequências variadas de imagens configuram e caracterizam espaços públicos com diversas valências fundamentais, nem sempre multifuncionais, mas num agradável equilíbrio entre uniformidade de elementos, bem identificados, e dinamismo ou variação de pontos de vista e aspectos de pormenor.



Figura 116 - Situação actual do conjunto habitacional e serviços do Bairro Estação

Quanto ao desenho urbano, existe uma equilibrada variedade e unidade da imagem urbana definida por edifícios e espaços exteriores. Essa estimulante variedade da imagem urbana deve-se, designadamente, aos seguintes factores:

- Demarcação dos alinhamentos de edifícios multifamiliares e uma controlada diversificação da sua respectiva disposição mútua.

- Variações expressivas, e também subtis, em alguns pormenores de composição do espaço urbano e dos edifícios, mas neste último caso com forte influência na sua imagem pública (ex.º marcação das entradas).
- Contraste claro e agradável, entre a maioria das ruas, as praças expressivamente residenciais e sossegadas e os conjuntos mistos (residencial e comercial) com carácter vincadamente urbano, animados por lojas e com espaço razoável de estacionamento.

Da estrutura urbana destacam-se os seguinte elementos de composição:

- A variedade morfológica e arquitectónica das diferentes soluções de quarteirão;
- Enfiamentos visuais sobre a encosta da Serra da Estrela;
- Ruas adaptadas aos acidentes topográficos do terreno;
- Diversidade de aplicação de espaços exteriores privados e públicos, desde o pequeno quintal/pátio aos espaços comerciais, passando por praças e ruas residenciais.

2.3.2 ESQUEMA PLANIMETRICO

A localização do Bairro na planície facilita as relações de acessibilidade com a envolvente, constituindo um pólo de atracção afastado mas alternativo ao centro histórico da cidade.

A organização interna do Bairro proporciona um acesso fácil, pedonal e rodoviário, a todas as habitações, comércio e equipamento da envolvente. A análise feita às características da envolvente mostra que a zona constitui uma área de tecido urbano estabilizado, envolvida por equipamentos e empreendimentos mais recentes, morfológicamente desintegrados, salientando-se uma clara descontinuidade urbana, excepto a norte.

Neste pequeno Bairro é bem evidente uma variedade do exterior residencial, mais público que privado, claramente estruturado e pontuado por ruas residenciais ladeadas por edifícios e espaços semipúblicos, praças e pequenos largos de vizinhança, zonas ajardinada de recreio, e espaços comerciais.

A estrutura dos espaços públicos é constituída pelas ruas e por pequenos largos, configurando-se uma rede viária que possui mais do que as “simples necessidades de tráfego”, porque caracterizada por uma hierarquia de vias principais e secundárias. Ainda quanto aos espaços

públicos, refere-se a existência de alguns percursos pedonais que irrigam o Bairro e assumem importância na interligação de espaços públicos.

Quanto à organização do sistema viário, verifica-se alguma mistura entre trânsito local e de atravessamento/passagem. Existem duas vias de distribuição que ladeiam o Bairro, uma a norte e outra a sul. O trânsito, no interior do Bairro, é de acesso local, o que garante o sossego e a privacidade residencial e permite aproveitar o espaço rodoviário, ao máximo, como espaço urbano pedonal, reino de lazer e de recreio livre de crianças.

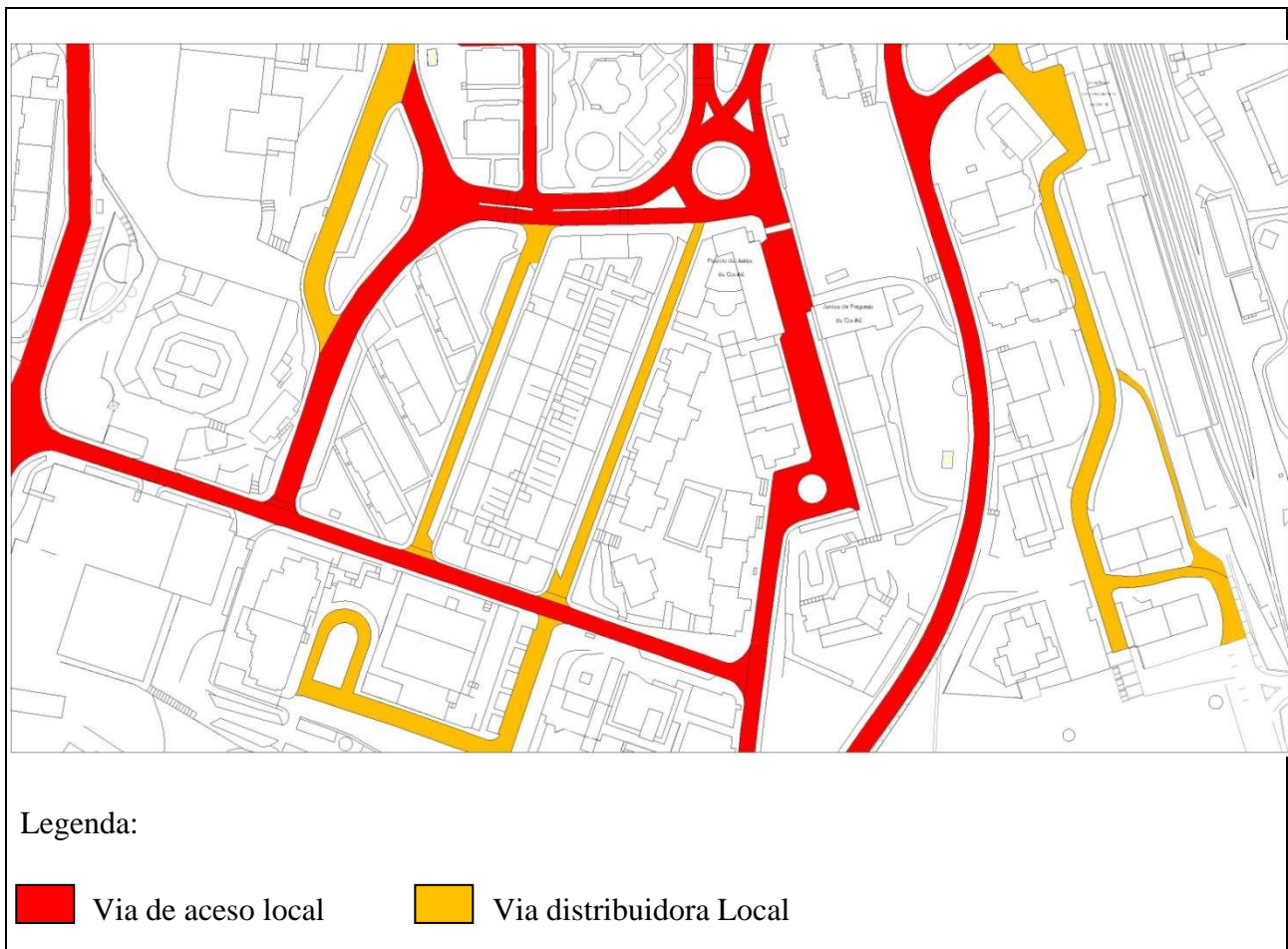


Figura 117 - Estrutura viária fundamental do bairro

2.3.3 CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

As tipologias dos edifícios contribuem para uma identificação dos moradores com o seu Bairro, reforçando aspecto de apropriação, e garantindo uma adequação às características da sua população, com uma memória rural. A arquitectura urbana concretiza-se por:

Escala da edificação entre uma média de 3 a 4 pisos; Presença de elementos radicados na tradição, tais como marcações das entradas e tratamentos especiais das portas de entrada e das fenestrações, quintais murados, telhados e chaminés; forte identificação e demarcação de cada conjunto de edifícios; ruas residenciais com escala geral idêntica à dos aglomerados urbanos consolidados e tradicionais; estacionamentos públicos bem integrados e ausência de garagens colectivas (ou individuais) ou quaisquer tipos de lugares exteriores privados.

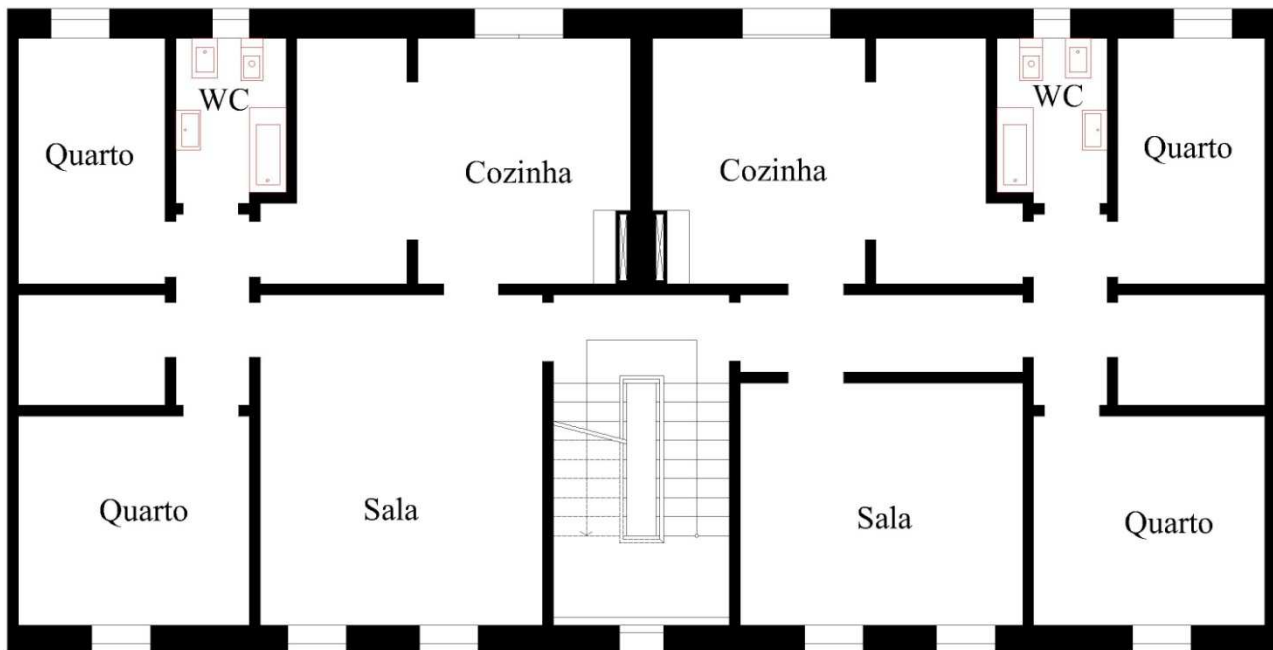


Figura 118 - Planta tipologia habitação

Os principais elementos do conjunto residencial são:

“Quarteirão fechado”

O “quarteirão fechado” é constituído por 15 lotes de edifícios do tipo esquerdo-direito, com interrupções pontuais de fachada junto aos gavetos. A média de pisos em altura é de 3, passando a 4 apenas num desse gavetos, surgem exclusivamente no interior e com acesso pelos acessos comuns de cada edifício.

“Quarteirão aberto”

O “quarteirão aberto” é constituído por 8 lotes de edifícios multifamiliares, formando dois conjuntos em banda (um de 3 lotes e outro de 4 lotes) e em bloco isolado, todos de 4 pisos. As implantações diferem com o desnível do terreno e surgem alguns aproveitamentos para lojas e garagens. Os alçados principais e posteriores são idênticos e apresentam caixas de escada abertas, “transparentes” e ventiladas.

“Blocos isolados”

Os “blocos isolados” são constituídos por 3 conjuntos de edifícios multifamiliares do tipo esquerdo-direito, agrupados dois a dois, todos de 4 pisos, e apenas um deles tem comércio no piso térreo, resultado da adaptação ao desnível do terreno. Os alçados principais e posteriores deste blocos são idênticos, completamente envolvidos por espaços exteriores públicos. A tipologia edificada configura um Bairro com baixa altura e densidade equilibrada, proporcionando uma boa adaptação a modos de vida urbanos.

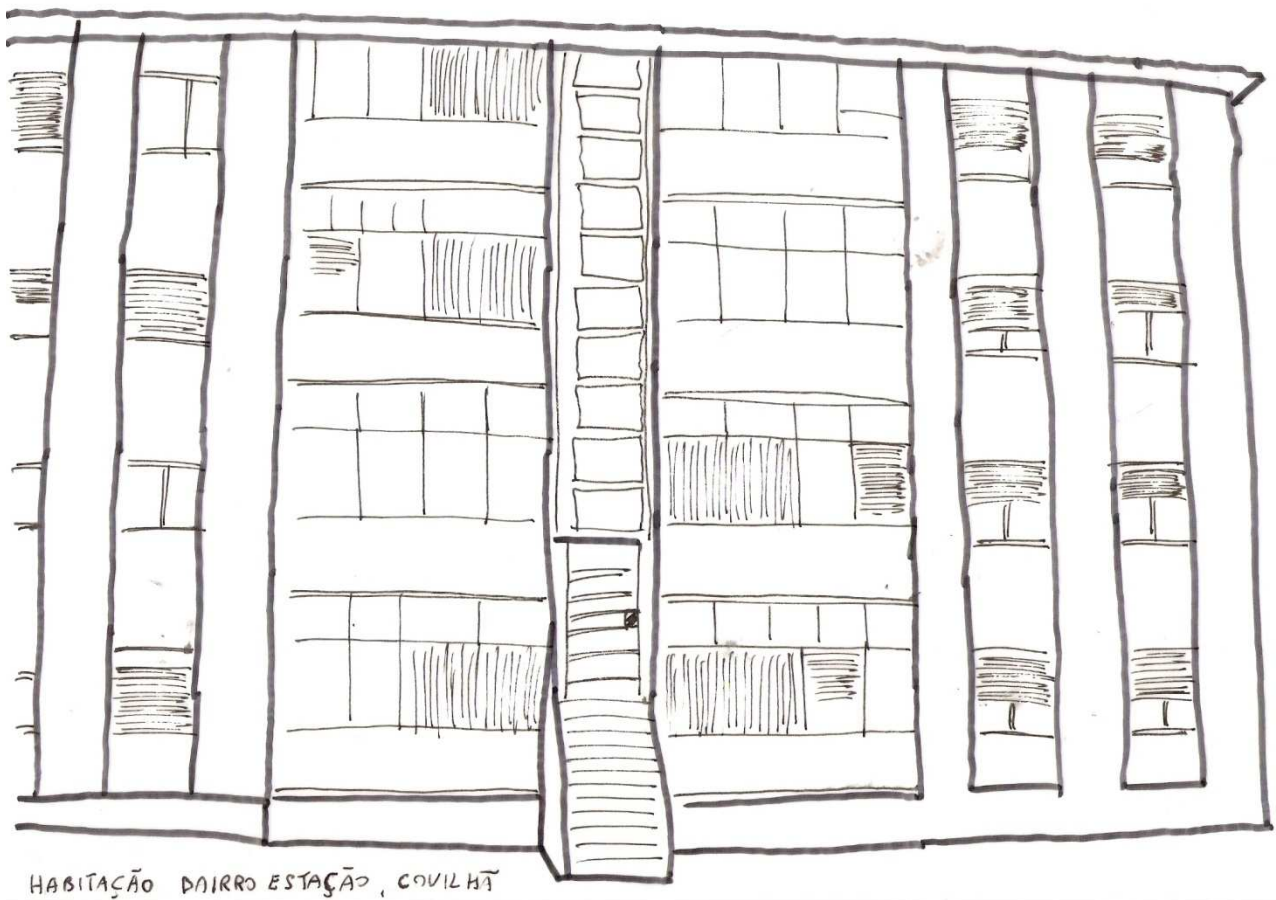


Figura 119 -Esboço prédio do bairro da Estação

Os espaços exteriores públicos fazem parte da imagem geral do Bairro e permitem proporcionar à grande maioria das habitações a fruição de um espaço semi-privado adjacente à casa, ainda que pouco versátil, funcionalmente, pela forma e pormenorização. De forma geral parece existir uma homogeneidade tipológica e volumétrica, servindo diversas modalidades de ocupação habitacional e assegurando uma conveniente mistura de tipos de fogos. O resultado final configura um conjunto residencial com uma forte e agradável imagem, bem unificada e estruturada, variada e animada.

2.3.4 ACTIVIDADE E SERVIÇOS

O Bairro está bastante equipado, contendo no seu interior os equipamentos e serviços essenciais ao uso diário e ocasional de uma área residencial e outros com raios de influência mais alargados. Os equipamentos encontram-se localizados fundamentalmente no envolvente, onde apenas se faz sentir a falta de uma escola primária.



Figura 120 - Tribunal localizado no bairro Estação

Os espaços públicos envolventes aos blocos isolados não têm a total versatilidade funcional que hoje em dia se deseja.

O Bairro possui boas condições de acessibilidade pedonal não só a equipamentos colectivos essenciais para o serviço e abastecimento diário de uma área residencial, mas também à diversidade de equipamentos especiais e eventuais e à animação que é própria de uma zona urbana estabilizada. A norte existe um centro comercial, semienterrado em meia cave, proporcionando um espaço de lazer e esplanada no terraço ajardinado, resultante do loteamento de habitação multifamiliar adjacente; a nascente surgiu recentemente outro centro comercial integrado num edifício de habitação e escritórios, e o edifício do tribunal. A futura Igreja, em construção, prejudicou a relação com estação de caminho-de-ferro, apesar de terem sido feitos vários estudos antigos sobre esta zona; a sul e a poente a descontinuidade urbana é acentuada sendo o núcleo residencial envolvido por uma autêntica “barreira de equipamentos” como um infantário, a biblioteca municipal, o Centro Regional de Segurança Social, os serviços municipalizados da Câmara Municipal, a cadeia penitenciária, a Escola Secundária Frei Heitor Pinto (antigo Liceu) e a Escola Preparatória Pêro da Covilhã. Integrado nos edifícios deste conjunto residencial encontram-se alguns comércio e serviços como uma farmácia.



Figura 121 - Vista aérea do quarteirão



Figura 122 - Pátio entre os blocos



Figura 123 - Tipologia habitacional



Figura 124 - Via do bairro



Figura 125 - Interior do bloco fechado



Figura 126 - Tribunal localizado no bairro Estação

3. ANALISE E ENUMERAÇÃO DOS BAIRROS DA COVILHÃ E MATERA

Como futuros arquitectos deste país e do próprio espaço europeu é dever alargar os horizontes do nosso conhecimento acerca das envolvências arquitectónicas que estão na origem da formação e desenvolvimento do povo europeu e interpretar as principais divergências existentes entre situações pontuais. Para realizar este estudo comparativo, elegeram-se dois bairros cada um, de duas áreas urbanas com características e funcionalidades diferentes, sendo elas, a cidade da Covilhã (Portugal) e a cidade de Matera (Itália).

Neste trabalho pretende-se fundamentalmente observar e abordar os aspectos que exprimem o desenvolvimento da habitação tanto do ponto de vista logístico como socioeconómico, tendo sempre em consideração o espaço temporal. Ao nível da logística é importante avaliar o posicionamento dos bairros das cidades e verificar se estes se adequam, de uma forma geral, às necessidades dos habitantes e dos trabalhadores daquela região. Esta temática é muito importante de modo a examinar a eficácia de alguns aspectos, que indirectamente se relacionam com qualidade de vida dos ocupantes, tais como, proximidade e interacção com os diferentes estabelecimentos fabris, politicas e técnicas adoptadas que permitem controlar o sobrepovoamento da região e verificar se de algum estes factores contribuíram para a requalificação dos espaços urbanos.

Os bairros analisados têm características e tipologias diferentes. Esta distinção provem de diversos factores, tais como, o ambiente cultural e vivido de ambas as regiões associado ao desenvolvimento local, as exigências populacionais ou até mesmo o período do desenvolvimento construtivo articulado segundo os factores sócio económicos da época.

É importante realçar que em ambas as cidades, devido a gravidade da situação da época, foram construídos ao longo do século XX diferentes bairros sociais, de modo a proporcionar alojamentos às chamadas classes laboriosas ou funcionários públicos.

Essas transformações a nível urbano e procura de novas habitações reflectem essencialmente as profundas mudanças da estrutura económica e social, acompanhadas de fluxos migratórios muito significativos, que obrigam a um redesenho da importância e das funções dos aglomerados urbanos.

Os bairros mais importantes construídos na cidade de Matera são *La Martela*, *Borgo Venusio*, *Serra Venerdì*, *Lanera*, *Spine Bianche*, *Agna Cappuccini* e *Villa Longo*, onde a finalidade é a redefinição fundiária das terras assim como a realização de quarteirões organizados com base no modelo de pequenas comunidades, unidos à volta de um centro social. Estes modelos são frequentes

em regiões e pequenos centros da Itália meridional, onde se verifica a necessidade de combater o atraso económico e social, associado à forte tendência de despovoamento dos centros históricos.

A problemática do alojamento também não deixou indiferentes os moradores da Covilhã. Nesta cidade verificou-se também a criação de vários bairros de habitação, nomeadamente, o Bairro da Alegria, Bairro do Rodrigo, Bairro da Estação, Bairro da Alâmpada, Bairro da Biquinha e Bairro do Penedos Altos. Estes Bairros foram concebidos para a construção de edifícios colectivos, de modo a proporcionar alojamentos aos operários. Enquanto que o Bairro da Alegria e o Bairro do Rodrigo são exemplos típicos de habitações concebidas para pessoas mais carenciadas, como é o caso dos trabalhadores fabris, o Bairro da Estação por sua vez é um exemplo de Bairro social pensado precisamente para uma classe média favorecida, como é o caso dos funcionários públicos.

3.1 POSICIONAMENTO E DISTANCIAS

Os dois bairros “mais importantes” e/ou mais significativos de Matera, tratados neste trabalho são *Spine Bianche* e *La Martella*, situando-se ambos em zonas distintas da cidade, sendo um deles, na zona envolvente da cidade próximo do centro histórico, enquanto que o outro já se encontra localizado fora do tecido urbano, a sudoeste, a cerca de 7 quilómetros da cidade, respectivamente. O bairro *La Martella* que antigamente servia uma vasta zona agrícola, acolhe actualmente, para além da agricultura, diversas indústrias importantes.

Relativamente à Covilhã, existem os bairros do Rodrigo e o da Estação, que se situam numa “nova” zona da cidade, ligeiramente afastado do centro histórico. No entanto, ambos representam um papel proeminente para a cidade, uma vez que são zonas estratégicas que permitem estabelecer as passagens e ligações com outras cidades, graças a existência da linha do caminho-de-ferro.

Estes bairros situam-se a nascente da cidade, sendo que o Bairro do Rodrigo se encontra localizado numa encosta, também ela exposta a nascente, formando um vale que se encontra atravessado pelo caminho-de-ferro, enquanto que o bairro da Estação se encontra na zona mais plana da cidade, próximo da estação de caminho-de-ferro.

Os bairros do Rodrigo e da Estação encontram-se afastados do centro histórico, em linha recta, aproximadamente quinhentos metros e seiscentos metros, respectivamente.

Quanto a altitude, os bairros do Rodrigo e da Estação encontram-se situados a uma cota média de quinhentos e cinquenta e quinhentos setenta e cinco metros acima do nível do mar, respectivamente. Sabendo que o pelourinho se encontra a cota de seiscentos e oitenta metros, é possível constatar que o desnível médio entre os bairros e este ponto de referência é de cerca de cento e vinte metros. Esta variação de cotas de nível do terreno, associada às condicionantes dos itinerários, proporciona um aumento das extensões dos percursos, para mil e oitocentos metros e dois mil metros, para o caso do bairro do Rodrigo e do bairro da Estação, respectivamente.

Para o caso dos bairros de Matera, estes parâmetros apresentam algumas divergências. Os bairros *Spine Bianche* e *La Martella* encontram-se afastados do centro histórico, em linha recta, aproximadamente um quilómetro e duzentos metros e seis quilómetros, respectivamente. Relativamente à altitude, os bairros *Spine Bianche* e *La Martella* encontram-se situados a uma cota média de trezentos e oitenta e cinco metros e trezentos metros acima do nível do mar, respectivamente. As distâncias a percorrer, para alcançar o centro da cidade e usufruir dos serviços e actividades centrais, são de um quilómetro e meio e sete quilómetros e meio para os bairros *Spine Bianche* e *La Martella*, respectivamente.

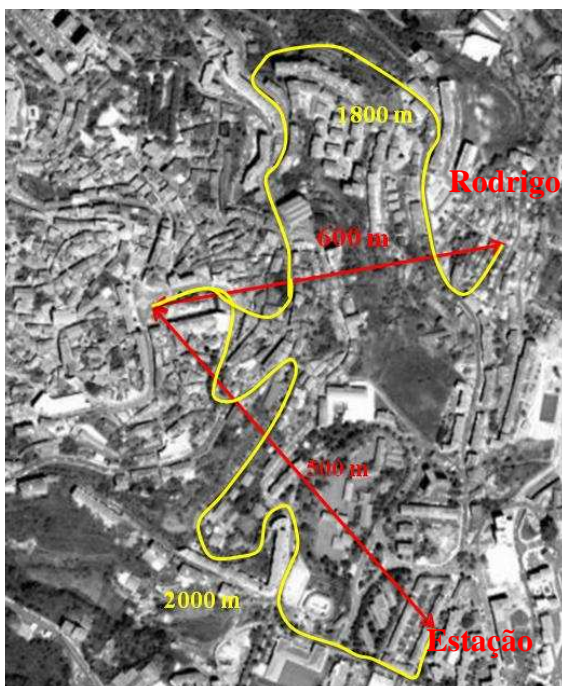


Figura 127 - Distancias em linha recta e de percurso dos dois bairros de Covilhã do centro da cidade (Praça Pelourinho)

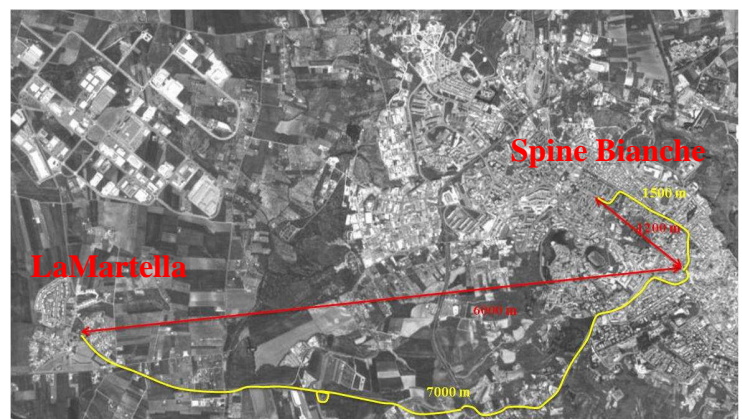


Figura 128 - Distancias em linha recta e de percurso dos dois bairros de Matera do centro da cidade (Via Lucania)

3.2 CARACTERÍSTICAS E COMPARAÇÃO

Através desta informação é possível concluir que o bairro *La Martella* foi pensado fundamentalmente para alojar os habitantes agricultores da região. Atendendo a este princípio, as habitações eram construídas nas imediações dos terrenos, ou seja em redor dos terrenos onde os agricultores trabalhavam. Apesar de serem construídas na periferia da cidade, eram edificadas de forma agrupada, de modo a não deixar habitantes isolados. Esta ideologia levou a criação de uma comunidade agrícola motivada, tanto do ponto vista laboral como social. Esta interacção comunitária, traduzida por apoios e ajudas recíprocas, acarretava provavelmente benefícios ao nível do desenvolvimento económico e cívico das populações futuras.

O bairro do Rodrigo, também ele, foi pensado e concebido de maneira a poder alojar os habitantes e trabalhadores das fábricas têxteis domiciliadas na região. Este bairro encontra-se posicionado numa zona particularmente “plana” ao contrário da morfologia normal desnivelada que caracteriza de uma forma geral cidade. Uma vez que a maioria das fábricas se situavam na parte alta da cidade e em zonas periféricas, verificavam-se alguns constrangimentos ao nível da deslocação dos trabalhadores. Esta situação obrigava a utilização de transportes públicos, que eram escassos na década de cinquenta, sendo os serviços postos à disposição insuficientes e ocasionais. Como solução alternativa, havia a deslocação a pé, que exigia um esforço acrescido por parte dos trabalhadores. Estes modelos de deslocação de trabalhadores não proporcionavam evidentemente condições adequadas de mobilidade para os operários.

Um dos aspectos positivos em comum entre os bairros, *La Martella* e Rodrigo é o facto de existir agrupamentos de habitações que levam a criação de uma comunidade baseada em mútua ajuda, proporcionando boas condições de habitabilidade e socialização. Em ambos os casos, verificou-se que a criação de serviços e instalações colectivas, tais como, igrejas, ensinos básicos, centros cívicos, reforçava o espírito e o sentido comunitário. Este modelo caracterizava-se pela inserção de populações num lugar no qual era possível viver e exercer as actividades do quotidiano.



Figura 129 - Serviços e instalações colectivas bairro LaMartella



Figura 130 - Serviços e instalações colectivas bairro Rodrigo



Figura 131 - Centro Serviços de La Martella



Figura 132 - Escola Básica do Rodrigo

O bairro *Spine Bianche* representa ainda actualmente um modelo exemplar de experimentação urbanística italiana, evidenciando claramente resultados positivos nas experiências de modelos construtivos e organizacionais. Este bairro foi construído com a finalidade de dar continuidade a um passado onde predominava a civilização rural, dando no entanto a possibilidade de poder usufruir de uma unidade de alojamento moderna e confortável. O sistema viário é composto por duas vias de distribuição locais, vitalizadas por habitações e equipamentos.

O posicionamento central e baricêntrico, associado a uma ligação semi-directa com o centro histórico, oferecem uma maior distribuição funcional do espaço, facultando ainda, um sistema de comunicação com a envolvente da cidade, bastante eficiente. Este posicionamento permite satisfazer as exigências funcionais dos habitantes, abrangendo aspectos de carácter antropológico e sociológico, relativos aos trabalhadores e habitantes daquela região.

Enquanto que o bairro *Spine Bianche* foi concebido para funcionar como bairro social para as classes mais desfavorecidas, o Bairro da Estação (Covilhã), por sua vez foi projectado para alojar as classes médias da época, como é o caso dos funcionários públicos. Podemos ainda confrontar os parecidos usos racionais dos espaços, vitalizados pelos equipamentos, onde a eficiência do sistema viário dá ligação ao ambiente urbano. De facto a localização do bairro na planície facilita as relações de acessibilidade com a envolvente, constituindo um pólo de atracção afastado, mas alternativo ao centro histórico da cidade.

Tanto o bairro, *Spine Bianche* como da Estação, dispõem de bons acessos às habitações, aos equipamentos e aos lugares comerciais; constituindo ainda, através dos equipamentos e empreendimentos mais recentes, tecidos urbanos regulares. A presença de espaços verdes é de extrema importância, uma vez que revitaliza o ambiente urbano, tanto do ponto de vista estético como económico. Estes “pulmões verdes” transmitem segurança e bem-estar ao ambiente urbano e aos próprios moradores. Pode dizer-se, que a função original para a qual os bairros foram concebidos é ainda hoje bem presente.

Com o passar do tempo, estes factores positivos, tem-se vindo agravar com o crescente nível de deterioração existente na cidade, o que não contribui de forma alguma para a requalificação do espaço urbano. Em consequência disso, assiste-se a uma decadência lenta e mortífera da função residencial dos bairros, provocando o despovoamento dos lugares.



Figura 133 - presença de espaços verdes no bairro Spine Bianche



Figura 134 - presença de espaços verdes no bairro da Estação



Figura 135 - Espaço verde no interior dos blocos habitacionais em Spine Bianche



Figura 136 - Espaço verde entra os blocos no bairro Estação

Frequentemente, devido às difusas situações de degradação, verifica-se uma falta de interesse e estímulo para desenvolver acções empreendedoras ou actividades económicas, que com certeza beneficiariam a requalificação urbana. As erradas políticas de urbanização, que gerem a desordem das construções e aumentam o grau de densificação, reduzem o interesse pelos espaços verdes públicos, aumentando o fenómeno de degradação e o isolamento dos moradores.

3.3 NOTAS FINAIS

Pode-se retirar algumas conclusões do trabalho. Primeiro, a situação actual dos bairros não é muito brilhante, nomeadamente nos mais antigos. Segundo, os bairros pressupõem uma necessidade de intervenções no campo da requalificação. A requalificação dos espaços urbanos em pior estado tem de ser programada; há efectivamente a necessidade de inverter a total ausência de infra-estruturas, o péssimo estado dos parques habitacionais e a carência de serviços de apoio e comércio.

É preciso efectuar algumas correcções nas tipologias habitacionais e combater as áreas marginalizadas e periféricas, que com o passar dos anos não sofreu quaisquer intervenções, apresentando-se actualmente num avançado estado de degradação. Estes problemas são específicos de bairro para bairro, sendo necessário ter em conta na fase de estudo, todas as problemáticas existentes. A solução para intervir no processo pode ser a requalificação vocacionada para a qualificação do espaço.

Concluindo, pode-se dizer que é importante, as políticas de ordenamento do território, que intervêm a favor dos planos urbanísticos, contemplarem novas leis e novos instrumentos de gestão do território. Por esta razão, os Planos de Pormenor à micro escala urbana, tem de prever intervenções urbanísticas e arquitectónicas para os diferentes bairros, tendo como objectivos, a valorização das habitações e dos espaços urbanos, a dinamização dos processos sócio-económicos e combater as fracas condições de vivencia urbana.

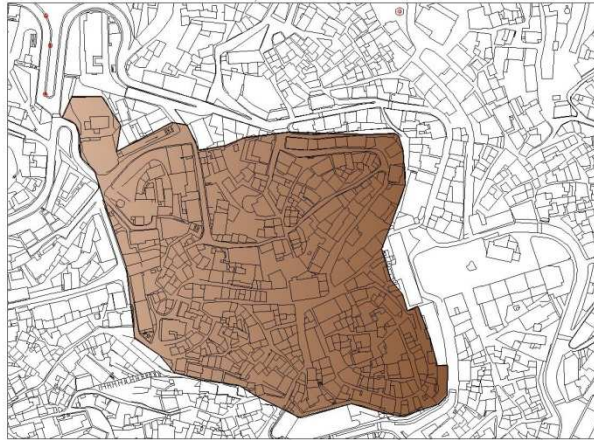
ANEXO I - ANÁLISE DE TEMÁTICAS DA CIDADE DA COVILHÃ

A análise de temáticas do centro histórico das cidade de Covilhã pretende objectivar e analisar o núcleo urbano históricos destas, por tal foi delimitado uma parte do território urbano correspondente a parte mais antiga.

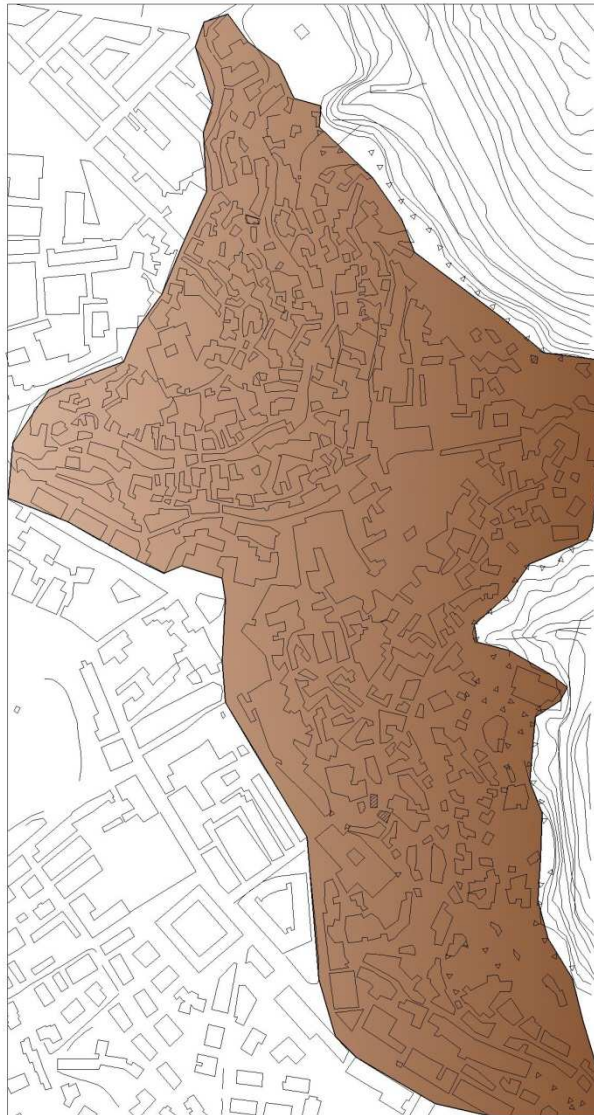
As temáticas abordadas tem por objectivo sistematizar conteúdos, para facilitar a análise dos pontos forte e fracos do centro histórico, eventualmente descobrindo as causas do despovoamento dos centros históricos. As temáticas abordadas são:

1. Delimitação do centro histórico
2. Acessos pedonais e de viaturas
3. Praças e espaços verdes
4. Funções Publicas
5. Sistema Viário

1 - DELIMITAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO



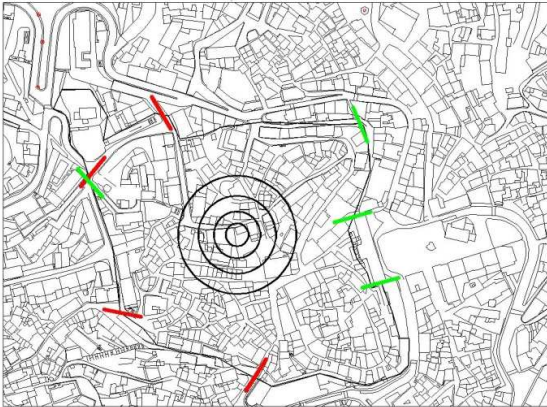
Covilhã



Matera

Figura 137 - Delimitação do centro histórico

2 - ACESSOS PEDONAIS E DE VIATURAS



Covilhã

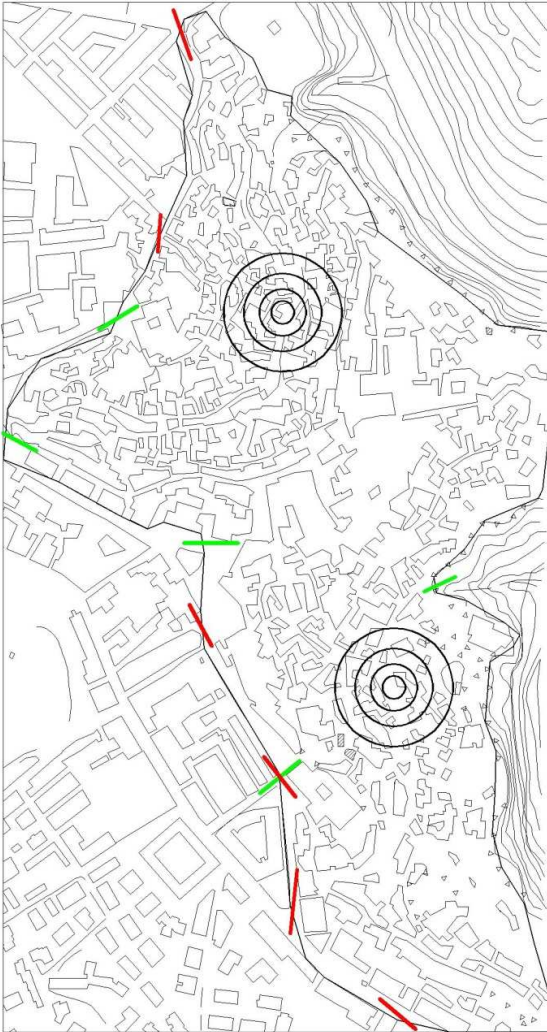
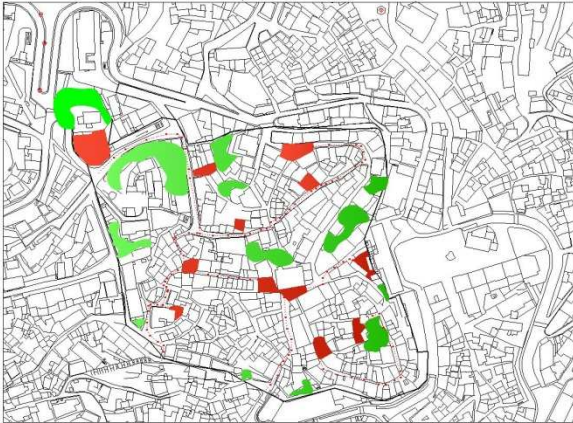


Figura 138 - Acessos pedonais e de viaturas

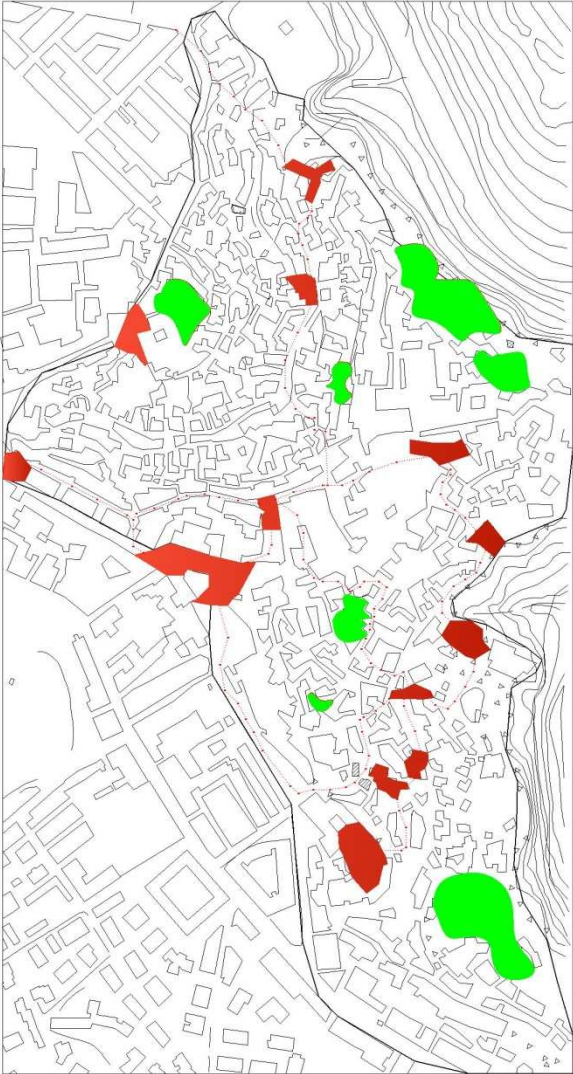
Matera

- Acessos Pedonais
- Acessos Viaturas

3 - PRAÇAS E ESPAÇOS VERDES



Covilhã

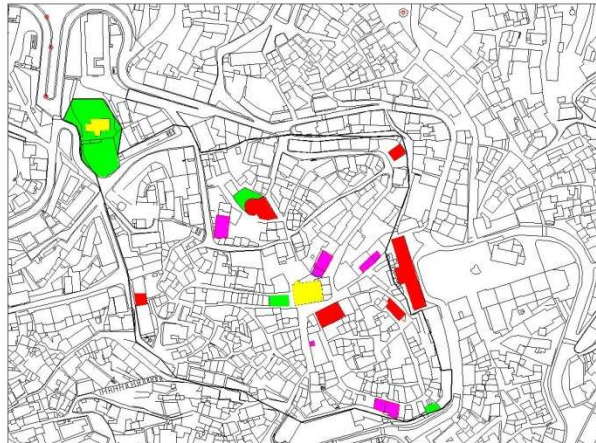


Matera

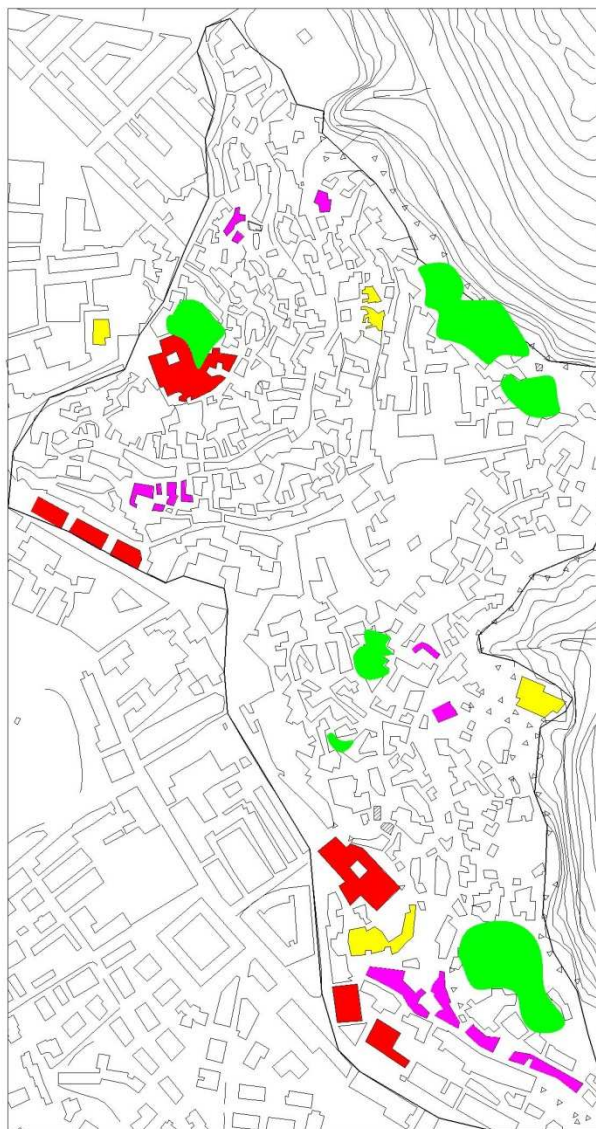
Figura 139 - Praças e espaços verdes

 Praças  Espaços Verdes

4 - FUNÇÕES PÚBLICAS



Covilhã



Matera

Figura 140 - Funções publicas e serviços



5 - ARTICULAÇÃO VIÁRIA

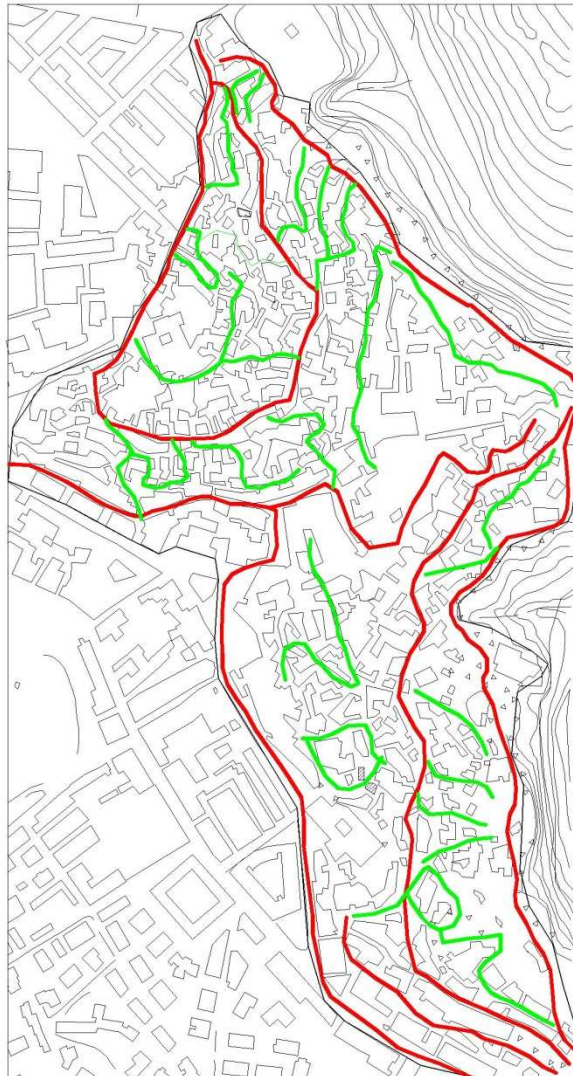
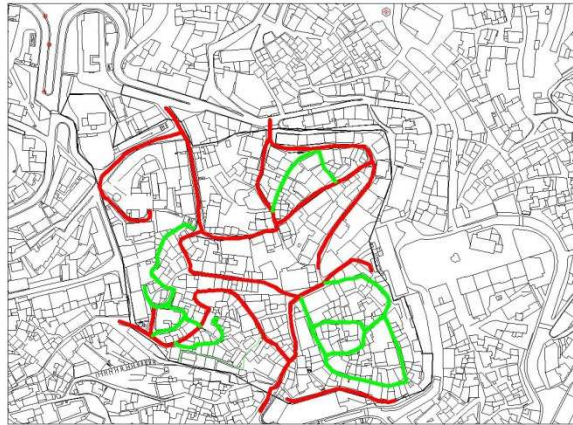


Figura 141 - Articulação viária

■ Ruas principais ■ Ruas secundarias pedonais

ANEXO II - CONJUNTO DE HABITAÇÕES SOCIAL DA COVILHÃ

Este anexo pretende ser uma súmula dos conjuntos e bairros de habita es social dentro do perímetro urbano da cidade de Covilhã, e tem por objectivos focar as características gerais destes.

Os conjuntos e bairros de habita es social dentro do perímetro, a caracterizar, são:

1. Bairro Municipal,
2. Bairro da Alegria,
3. Bairro dos Penedos Altos,
4. Bairro do Rodrigo,
5. Bairro Esta o,
6. Bairro Biquinha.

1 - BAIRRO MUNICIPAL (1925)

é, segundo se sabe, a primeira iniciativa de promoção de condições para habitação operaria e também de todo o tipo de funcionários das fabricas e mais tarde da autarquia.

Tratou-se fundamentalmente das simples constituição de Lotus para futura construção em grupo ou individual.

Tratam-se de pequenos multifamiliares.



Figura 142 - Foto aérea do bairro Municipal

Localização: Na encosta sul do vale da Ribeira da Carpintaria.

Acesso: Vias de acesos local.

Tipologias: Edifícios Unifamiliares e pequenos multifamiliares com dois pisos.

2 - BAIRRO DA ALEGRIA (1928)

O Bairro da Alegria foi mandado construir por empresários da época, com apoio camarário, para alojamento de operários das respectivas fabricas. Trata-se de um conjunto de dois grupos de habitações unifamiliares em banda e com um só piso.



Figura 143 - Foto aérea do bairro da Alegria

Localização: A oeste da cidade.

Acessos: Fundamental por percursos pedonais.

Tipologias: Edifícios unifamiliares em banda com 1 piso.

3 - BAIRRO DOS PENEDOS ALTOS (1941)

O bairro dos Penedos Altos foi o primeiro a ser financiado com apoio do estado e desenvolveu-se em duas fases, em 1941 e 1949, integrando um núcleo central de equipamentos colectivos. Este bairro possui uma variedade de tipologias de edifícios de habitação, desde a unifamiliar isolada, até ao multifamiliares.



Figura 144 - Foto aérea do bairro dos Penedos Altos

Localização: Na encosta Norte do Vale da Ribeira da Carpintaria

Acessos: Acessos locais

Tipologias: Predominância de edifícios unifamiliares, mas no lugar central predominam os edifícios multifamiliares.

4 - BAIRRO DO RODRIGO (1951)

O bairro do Rodrigo foi concebido como original a Covilhã e é constituído por habitações unifamiliares em banda com dois pisos.



Figura 145 - Foto Aérea do Bairro do Rodrigo

Localização: Na encosta Sul do Vale da Ribeira da Carpinteira e a Este do centro histórico da cidade.

Acessos: Predominâncias de acessos locais.

Tipologias: Unifamiliares em banda com dois pisos.

5 - BAIRRO DE ESTAÇÃO (1955-63)

O bairro da estação surge com a concretização da expansão da cidade, utilizando tipologias multifamiliares de referencia para o espaço, designadamente com o bloco isolado, o quarteirão fechado e o aberto.



Figura 146 - Foto aérea do bairro da Estação

Localização: Na zona sul de expansão, junto à estação de caminho de ferro.

Acesso: Vias distribuidoras de aceso local.

Tipologias: Multifamiliares em banda e em bloco com 3 o 4 pisos.

6 - BAIRRO BIQUINHA (1964)

O bairro da biquinha nasce a partir de um conjunto de habitações unifamiliares em banda, já possui varias tipologias multifamiliares.



Figura 147 - Foto aérea do bairro da Biquinha

Localização: Na encosta poente da Serra da Estrela.

Acessos: Vias acesso local.

Tipologias: Unifamiliares em banda de dois pisos e multifamiliares em bloco e em banda até quatro pisos.

ANEXO III - CONJUNTO DE HABITAÇÕES SOCIAL EM MATERA

Este anexo pretende ser uma súmula dos conjuntos e bairros de habita es social dentro do perímetro urbano da cidade de Matera, e tem por objectivos focar as características gerais destes.

Os conjuntos e bairros de habita es social dentro do perímetro, a caracterizar, são:

1. La Martela,
2. Borgo Venusio,
3. Serra Venerd ,
4. Lanera,
5. Spine Bianche,
6. Agna cappucini,
7. Villa longo.

1 - BAIRRO LA MARTELLA (1949)

Surgido a sete quilómetros a oeste da cidade, projectado pelo arquitecto Ettore Stella e Ludovico Quaroni. De grande importância a igreja do bairro. Ao fim dos anos noventas o bairro perde de importância por causa do novo quarteirão residencial Ecopolis. Nos últimos anos assiste-se a aumento do sector terciário devido as novas industrias ao seu redor.



Figura 148 - Imagem aérea bairro La Martella

Localização: Sete quilómetros a oeste da cidade.

Acessos: Vias acesso local e estrada estatal SS655.

Tipologias: Casas combinadas duplex.

2 - BORGO VENUSIO (1956)

O Borgo Venusio como o Borgo La Martella situa-se fora do núcleo urbano a algum quilómetros da cidade e nasce como bairro rural para realojar os habitantes dos *Sassi*. Projectado pelo Arquitecto Piccinato. Actualmente o Bairro encontra-se em ma fase de mudança devido a construção de um enorme centro comercial e novos complexos residenciais e hotéis.



Figura 149 - Foto aérea bairro Venusio

Localização: Seis quilómetros a norte da cidade.

Acessos: Vias acesso local e estrada estatal SS99.

Tipologias: Casas unifamiliares e prédios de 3 pisos.

3 - BAIRRO SERRA VENERDÍ (1955)

O bairro Serra Venerdí, foi o primeiro bairro a ser projectado em Matera, pelo arquitecto Luigi Piccinato. Considerado bairro popular, situa-se em uma zona agora central da cidade, em cima de uma colina, rodeado por espaços verdes e um parque de penedos. Diferentes equipamentos desportivos construíram-se a sua volta, como o PalaSassi (pavilhão desportivo) e a piscina municipal. Estão presentes também edifícios escolásticos.



Figura 150 - Imagem aérea bairro Serra Venerdi

Localização: A oeste da cidade em uma zona central.

Acessos: Vias acesso local.

Tipologias: Multifamiliares em banda e em bloco com 3 o 4 pisos.

4 - BAIRRO LANERA (1956)

O bairro posiciona-se no topo de uma das colinas na circunvalação oeste a cidade. Foi projectado pelo engenheiro Marcello Fabbri e pelo Arquitecto Coppa. A igreja do bairro é a igreja San Antonio de Padova, surgida em conjunto ao *Villaggio del Fanciull*. Aqui situam-se o velho hospital o segundo pavilhão de desporto da cidade.

As brancas paredes e o ritmo planimetrico dos edifícios evocam as poéticas do Modernismo.



Figura 151 - Imagem bairro Lanera

Localização: A sul da cidade.

Acessos: Vias acesso local.

Tipologias: Multifamiliares em banda e prédios com 3 o 4 pisos.

5 - BAIRRO SPINE BIANCHE (1957)

O bairro é importante por o seu estilo Neo-realista do Racionalismo Italiano e foi projectado para um grupo de profissionais dirigido pelo Arquitecto Carlo Aymonino e Giancarlo de Carlo. O bairro inteiramente construído em tijolo burro, tem linhas de desenho de extrema simplicidade. No seu interior encontram-se a igreja San Pio X, comércios e escolas. A rua principal é a Rua Alcide de Gaspari, em homenagem ao presidente do governo dos anos cinquenta e que assinou a lei para o realojamento e requalificação dos *Sassi*.

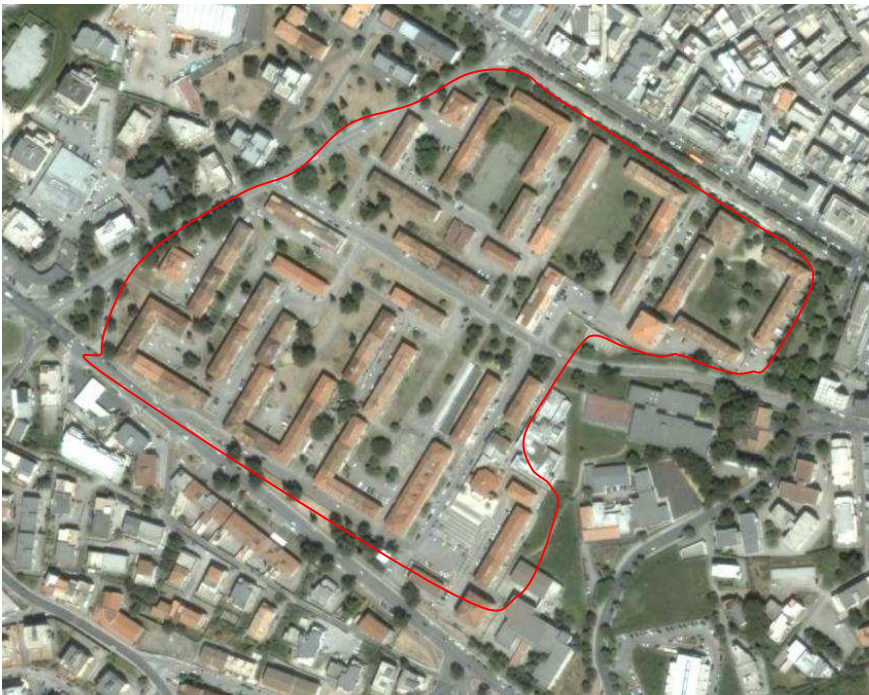


Figura 152 - Imagem aérea do bairro Spine Bianche

Localização: ao centro do núcleo urbano.

Acessos: Vias acesso local.

Tipologias: Multifamiliares em banda e prédios com 3 o 4 pisos.

6 - BAIRRO AGNA CAPPUCINI (1965)

O bairro Agna Cappuccini, foi projectado para o *Genio Civile* (gabinete dos trabalhos públicos). O núcleo central do bairro é a igreja Sant' Agnese. No curso dos anos a zona habitada foi alargando-se englobando zona rurais a volta.



Localização: periferia sul da cidade.

Acessos: Vias acesso local e rua Provincial por Montescaglioso..

Tipologias: unifamiliares isoladas e prédios de 3 pisos

7 - BAIRRO VILLA LONGO (1976)

O Bairro Villalongo, surge por iniciativa do INA-Casa na parte setentrional da cidade. É importante porque aqui situa-se a principal estação de comboios.



Localização: Zona setentrional da cidade.

Acessos: Vias acesso local e rua regional SS99 por Altamura.

Tipologias: unifamiliars em linha.

ANEXO IV

MODELO FICHA ENTREVISTA AOS RESIDENTES

Modelo ficha de entrevista utilizadas aos moradores da cidade e dos bairros em relação a condições de enquadramento e habitabilidade dos lugares.

Usa-se uma escala de valores de satisfação entre 1 e 5 no qual os respectivos valores indicam:

1 - nada satisfeito, 2 - pouco satisfeito, 3 - satisfeito, 4 - bastante satisfeito, 5 muito satisfeito.

Cidade
Bairro

Esta satisfeito com a condição e os serviços de educação na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com a sua actividade Profissional e o tempo de percorrencia na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com as actividade de cultura e tempo livre na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com os espaços verdes na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com as associações que se empenham para colectividade da sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com o sistema de saúde na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com o numero de escolas e os tempo de percorrerias por chegar ate elas?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com o sistema de segurança na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Esta satisfeito com o estacionamento na sua cidade/bairro?

	1	2	3	4	5
Acessibilidade					
Estado e Condições					
Tempo e percursos					

Dê um valor aos seguintes temas:

	1	2	3	4	5
Imagem urbana					
Percursos Pedonais					

Gosto pela cidade					
Gosto pelo Bairro					
Convívio e socialização					

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL:

DELGADO, Rui - Historia Temática da Covilhã (1800 a 1926), IV Desenvolvimento e Urbanismo - Edição do Autor /2006.

FUSCHINI, Augusto - Construção de casas económicas e salubres para habitação das classes pobres - Lisboa /1884

GOMES, Paulino - Covilhã, Percursos de uma Historia Secular - Covilhã: Héstia Editores /2000.

LE CORBUSIER – Maneira de pensar o Urbanismo - Lisboa: Publicações Europa América /1970.

PEREIRA, Nuno Teotónio – Uma Ideia para a Cidade da Covilhã - Caleidoscópio /2006.

PIERA Cilberto – I Sassi di Matera e il Parco delle Chiesi Rupestri - Sagep /2008.

REPÚBLICA PORTUGUESA - Regulamento Geral das Edificações Urbanas - Lisboa /1956

ROTA L, TOMMASELLI M., CONESE F. - Matera, storia di una città - Matera /1991.

SÀITO Mauro – La chiesa di Quaroni a La Martella - Clear edizioni /1991

TAFURI M., RESTUCCI A. - Un contributo alla comprensione della vicenda storica dei Sassi - Matera /1974;

BIBLIOGRAFIA WEB:

www.cm-covilha.pt

www.comune.matera.it

www.icnb.pt

www.interreg3c.net

www.parks.it

www.wikipedia.com

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:

Cartografias a várias escalas das cidades de Matera e da Covilhã

PDM da Covilhã

PRG de Matera